

*John Mills*

*Charles Miller*  
*O pai do futebol brasileiro*



*John Mills*

*Charles Miller*  
*O pai do futebol brasileiro*



*Para  
Georgia Louise, Nicholas Stuart,  
Alissa Marie, Daphne Marie,  
meus netos, e os outros ainda por vir,  
que com seus adoráveis sorrisos  
derretem geleiras e movem montanhas.*

# Sumário

[Agradecimentos](#)

[Apresentação](#)

[O pai da matéria. Uma bola mudou o coração do Brasil](#)

[1. Do Brás à Inglaterra](#)

[2. A era vitoriana](#)

[3. Banister Court School](#)

[4. A chegada da ferrovia](#)

[5. Missionário da bola](#)

[6. Amadores até a medula](#)

[7. Chutadores da Távola Redonda](#)

[8. Alvorecer do futebol](#)

[9. Acesa a chama do ludopédio](#)

[10. Miller e SPAC tricampeões](#)

[11. Plumas e paetês nas arquibancadas](#)

[12. A jóia da Consolação](#)

[13. Taça Conde Penteado](#)

[14. Música e futebol, orgulho da família](#)

[15. Miller internacional](#)

[16. Pregando o Evangelho corinthiano](#)

[17. Adeus à Liga Paulista](#)

[18. Árbitro, tenista, cricketer e golfista](#)

[19. Tempos modernos](#)

[20. Fim da linha](#)

[21. Retorno às raízes](#)

[22. Pacaembu de luto](#)

[23. Últimas lembranças](#)

[24. O legado de Charles Miller](#)

[Apêndices](#)

[Bibliografia](#)

# Agradecimentos

Em primeiro lugar, desejo expressar meu profundo agradecimento a Helena Rudge Miller (*in memoriam*), filha de Charles Miller, pelo apoio dado a este trabalho, desde 1973. As conversas que trocamos, os recortes de jornais que temporariamente ela me cedeu e as lembranças que me relatou, especialmente em sua última residência, na rua Luís Coelho, no bairro de Cerqueira César, em São Paulo, serviram de alicerce para que eu empreendesse esta obra.

Agradeço ainda:

a Charles William Rule (*in memoriam*), primo de Charles Miller, que, com suas correspondências, anotações, recordações e reminiscências, muito me ajudou a conhecer a São Paulo de antigamente;

a Dave Juson, de Southampton, por seu magnífico e laborioso trabalho de pesquisa nesta cidade inglesa sobre o período em que Charles Miller ali residiu;

a Mauro Pinheiro (*in memoriam*), ex-radialista da rádio Bandeirantes e grande amigo, que na minha chegada ao Brasil me presenteou com duas grandes obras sobre a história do rico futebol paulista e brasileiro;

a Rubens Ribeiro, historiador da Federação Paulista de Futebol e autor de *O Caminho da Bola*, excelente compêndio da história dos campeonatos paulistas entre 1902 e 1952, recheado de anedotas e reminiscências a respeito do futebol paulista;

a minha esposa Monica Kathleen, por seu incansável apoio. Sem sua força inesgotável e paciência, esta biografia jamais teria saído do papel;

aos amigos Charles Miller Jr. e Therezinha Miller, netos de Charles Miller, e Adel Auada, amigo da família Miller, por compartilhar comigo suas recordações;

a Ada Mobbs, de Norwich, na Inglaterra, e Luiz Fernando Miller Mello, de Santos, São Paulo, ambos sobrinhos-netos de John Miller,

pai de Charles, pelas preciosas informações que forneceram sobre a ascendência escocesa da família;

a dona Bianca Morandi Rudge e sua sobrinha Maria Helena Rudge Guimarães, guardiãs da memória da família Rudge, por suas lembranças e fotos históricas;

a meu avô Alfred Edward Mills, a quem não conheci, mas que pelos caprichos da genética implantou em mim o gosto pelo futebol e por sua história. Nascido na Inglaterra, transferiu-se em 1895 para Bilbao, país basco ao norte da Espanha, tornando-se um dos introdutores do futebol na capital basca e um dos fundadores e campeão da III Copa del Rey em 1904, em Madri, pelo Athletic Club de Bilbao.

Pelo inestimável auxílio, agradecimentos especiais, em São Paulo:

- aos associados do São Paulo Athletic Club (SPAC) Natalie Rideg Mobus, Tom Affleck, Luiz Americano e John Wilson;
- a Silvana Fontanelli, do Centro de Memória do Clube Athletico Paulistano;
- a Yara Rovai, do Centro Pró-Memória Hans Nobiling, do Esporte Clube Pinheiros;
- a Rita Calabrese, da Biblioteca da Cultura Inglesa;
- a Claudemir Aparecido Soares, do Cemitério dos Protestantes da Consolação;
- ao pessoal do Arquivo do Estado, em Santana, e ao da Imprensa Oficial, na Mooca;
- a Maria Isabel C. Torres, da Fundação Patrimônio Histórico da Energia de São Paulo, no Cambuci;
- ao doutor Daniel Eduardo D. Vera, da botica Veado D'Ouro;
- a Ubiratan Brasil, jornalista de *O Estado de S.Paulo*;
- a Peter Meyer, da RHM Leilões;
- à senhora Phyllis R. M. Birkinshaw, ao padre Aldo e ao pessoal da secretaria da Igreja Anglicana St. Paul's Church, de Santo Amaro;

- a Jair Mongerli, da Cúria Metropolitana de São Paulo, no Ipiranga;
- a Odete Barbosa de Oliveira, da secretaria do São Paulo Golf Club;
- a Waldemar Corrêa Stiel, historiador da antiga Light.

Na Inglaterra:

- a Josh Lacey, Rob Cavallinie e Kenneth Payne, escritores de Londres;
- a Rory Miller, da Universidade de Liverpool.

Bibliografia

*Não sei mesmo como admirava Charles Miller mais, se quando meu parceiro ou quando meu adversário.*  
Professor Thomás de Aquino, 1954.

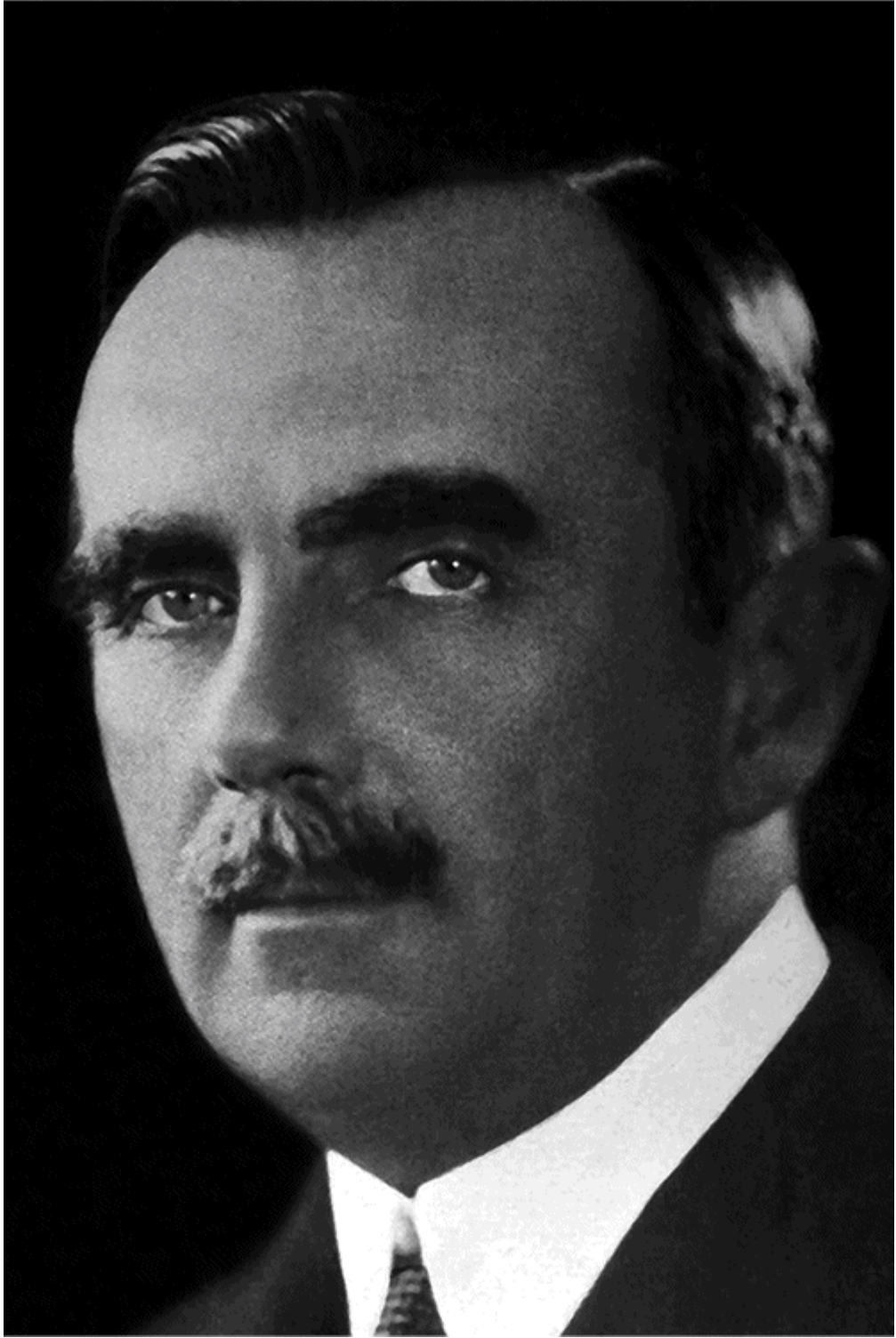
# Apresentação

Todos nós devemos um pouco a Charles Miller. Até mesmo aqueles que, ingênuos, pensam que o futebol ensina pouco sobre a vida. N. Lane Jackson, fundador do Corinthian Football Club, dizia no final do século XIX que o esporte coletivo ensina a controlar a raiva, a ser magnânimo, a não tirar vantagem mesquinha. O Brasil aprendeu tudo isso com Charles Miller. Goleador, era definido como ouro puro dentro de campo por quem o viu jogar com a camisa do velho Saint Mary's, hoje Southampton, da Segunda Divisão inglesa. O primeiro brasileiro a jogar futebol na Inglaterra, muito antes de o primeiro profissional do Brasil pisar nos campos de lá, o que só aconteceria com Mirandinha, no Newcastle, em 1987. Pois foi Miller quem apresentou ao brasileiro sua amante mais fiel e dedicada: a bola. Por aqui, não se sabia nem sequer como enchê-la. O Brasil também aprendeu isso com Charles Miller. Ninguém se aprofundou tanto na história de Charles Miller quanto John Mills, a quem conheci em 1991. Contava histórias do Athletic de Bilbao, sobre o Arsenal, sobre futebol inglês. Já escrevia sobre Charles Miller. Naquele tempo, Mills já trazia embaixo do braço os números de Miller jogando na Inglaterra, as histórias de sua vida na Inglaterra, da chegada ao Brasil. Tudo isso agora está registrado na biografia que o Brasil devia a Charles Miller. Agora deve também a John Mills.

# O pai da matéria. Uma bola mudou o coração do Brasil

Domingo à tarde. Centenas de jovens reunidos na praça Charles Miller, em frente ao Estádio Paulo Machado de Carvalho, o Pacaembu, em São Paulo. Tudo indica que eles estão ansiosos para assistir a uma partida de futebol. Errado. As pessoas lá reunidas aglomeram-se à espera de um show promovido pela rádio Jovem Pan. Um grupo de cinco garotos de idade entre 15 e 18 anos, com suas respectivas namoradas, conversa a respeito de futebol. Dois dos meninos estão com a camisa do Corinthians e comentam suas perspectivas para o jogo que irá ocorrer no estádio do Morumbi, contra o Santos. Um aposta 2 x 0 para o Timão. O outro é mais otimista: *Com certeza é sete a um, um só para não humilharmos demais!* Futebol é o assunto predominante, principalmente em dia de clássico. Mas será que eles sabem quem foi Charles Miller, o homem que deu nome àquela praça, palco de shows musicais? Uma garota arrisca dizer que Miller *tem alguma coisa a ver com futebol*. Seu namorado, o corintiano dos sete a um, corrige a menina, afirmando que *ele foi o primeiro jogador estrangeiro a defender uma equipe nacional*. Nenhum dos dois acerta. Miller é considerado o *Pai do Futebol Brasileiro*, ou o *Introdutor do Esporte Bretão*. Ele trouxe as regras do futebol para o Brasil em 1894 e, de lá para cá, muito mudou.

Mirella Russo Domenich  
Estudante de jornalismo da Cásper Líbero  
na revista *Esquinas de São Paulo*, 1999



# 1. Do Brás à Inglaterra

Vamos trocar de roupa rapazes, e mesmo que o tempo  
esteja inclemente e vocês caírem, tem coisa  
pior na vida do que um simples tomo na grama,  
e a vida é mesmo um jogo de futebol.

Sir Walter Scott (1771–1832), poeta e romancista escocês

Guerra da Península, Fuentes de Oñoro, fronteira entre Portugal e Espanha, 1812. As tropas britânicas descansam após a íngreme subida ao povoado de Guarda, nos Trás-os-Montes portugueses. O general Arthur Wellesley, mais conhecido como duque de Wellington, grande vitorioso dessa guerra, ajusta o binóculo para analisar a próxima presa: Ciudad Rodrigo, no outro lado do rio Agueda, na entrada da meseta de Salamanca. Esse belo povoado cercado por muralhas romanas era defendido pelas tropas francesas sob o comando do marechal Masséna, um dos mais renomados homens de Napoleão, que, porém, logo cairia em desgraça por suas derrotas militares.

William Wheeler, cabo da 51a Divisão de Infantaria comandada pelo general Thomas Picton, descansava junto a seus soldados. Ele, que mais tarde seria promovido a sargento e sobreviveria à batalha de Waterloo, sempre levava na mão direita sua baioneta e a mochila nas costas, sonhando com sua cidade natal de Blackburn, onde costumava correr pelos campos, ou *commons*, atrás de uma bola de couro, jogando com os amigos.

Momentos antes da vitória britânica no ataque a Ciudad Rodrigo, os dois exércitos decidiram estabelecer uma trégua. William sempre carregava uma bola de couro de capotão amarrada a sua mochila, junto com suas provisões. Esse esférico o tinha acompanhado na

defesa de Torres Vedras e nas batalhas de Albuera e Talavera, e fazia-se necessário em momentos como esse. Sir Arthur Bryant, renomado historiador militar inglês, nos conta em seu livro *The Winning Years 1802–1812* que:

*Na manhã seguinte, com uma temperatura muito agradável, os dois exércitos olham-se das margens do rio, porém o ataque não foi retomado. Após um leve canhoneio, ambos os lados ocuparam-se em coletar os feridos, com a usual confraternização. Os franceses então começaram a marchar com a banda marcial, tocando para impressionar os britânicos, e estes, caracteristicamente, a jogar football.*

Esta biografia é um tributo a Charles William Miller e à sua obra, bem como ao futebol, introduzido por ele no Brasil. Foi Charles Miller quem organizou as primeiras partidas e integrou a primeira diretoria da Liga Paulista de Football e do Tênis. Além disso, sagrou-se artilheiro e tricampeão pelo São Paulo Athletic Club, participou da primeira partida internacional contra a Argentina, apitou jogos por vários anos, após sua retirada dos campos de jogo, e ainda atuou como conselheiro das ligas paulistas. Tudo isso sempre mantendo seu cavalheirismo e o *fair-play* do qual era cultor, além de uma humildade ímpar. Ao trazer para São Paulo duas bolas de futebol, jamais imaginou as transformações que iria causar, transformando o *association football* numa paixão nacional e o Brasil no País do Futebol.

Com a construção da estrada de ferro Santos–Jundiaí, inaugurada em 1867, a São Paulo Railway trouxe *staff* administrativo e técnico do Reino Unido para completar seu *staff*, e entre esses estava John Miller.

John Miller nasceu em 13 de junho de 1844, em Burnfoot, residência de seus pais, Andrew, tecelão, e Elizabeth Brown, na cidade de Fairlie, vizinha de Largs, esta famosa pela batalha na qual os escoceses expulsaram os *vikings* noruegueses definitivamente da Escócia, em 1263. Fairlie fica ao sul da entrada do estuário de Firth of Clyde, hoje na rodovia A78, também na rota marítima para o porto de Greenock e a cidade de Glasgow. Seus moradores dedicam-se à pesca e à tecelagem. John chegou a terras paulistanas solteiro e em 1870 casou-se com Carlota Alexandrina Fox, ou Tia Carlota, como era conhecida pela enorme família Fox. Carlota Alexandrina, filha de Henry Fox (1812–1891) e de Harriet

Mathilda Rudge, nasceu em 3 de maio de 1850, em São Paulo. Seu pai era oriundo da cidade de Hastings, Condado de Sussex, no litoral sul da Inglaterra, cidade que foi palco da famosa Batalha de Hastings em 1066, quando William da Normandia derrotou o rei Harold dos saxões.

Em São Paulo, Henry foi relojoeiro, e tinha sua loja instalada no número 6 da rua Imperatriz. Nesse local, o pai de Carlota também vendia instrumentos musicais, óculos, calçados e arreios, e ainda hortaliças, flores e arbustos. Após a Proclamação da República, em 1889, a rua Imperatriz passou a se chamar rua do Rosário e, posteriormente, XV de Novembro, como é conhecida até hoje.

Harriet nasceu em 31 de outubro de 1825, em Stroud, Condado de Gloucester, na Inglaterra. Ela e Henry escolheram para sua filha o nome Charlotte (ou Carlota) em homenagem à filha mais velha do rei Jorge III, que reinou de 1760 a 1820 (retratado no filme *As Loucuras do Rei George*, do diretor Nicholas Hytner). Harriet Mathilda era sobrinha de John Rudge. Ele, também natural de Stroud, chegou ao Brasil com a família no início do século XIX, tendo fixado residência no Rio de Janeiro, até que em 1813 o rei Dom João VI de Portugal lhe concedeu um terreno e uma casa nas glebas do Morumbi, na Província de São Paulo. Essa província já era conhecida por seu solo fértil, e John Rudge foi um dos primeiros ingleses a ali se estabelecer. Como agricultor, foi nesse terreno que plantou as primeiras culturas de chá. Hoje o local transformou-se na Casa da Fazenda do Morumbi, que, além de contar com um sofisticado restaurante, é um pólo cultural e sede da Academia Brasileira de Arte, Cultura e História. Fica a pouca distância do Palácio dos Bandeirantes, sede do governo do Estado.

Junto com John Miller, veio para trabalhar na São Paulo Railway seu irmão Andrew Junior, nascido em Fairlie e dois anos mais velho que John. Andrew se estabeleceu em Santos e se casou com uma jovem dessa cidade, Julia Henriqueta Peixoto. Na Escócia, quando John era pequeno, seus pais se mudaram para o porto de Greenock, região em que a indústria de tecelagem estava prosperando, e o restante de seus irmãos e irmãs nasceram nessa cidade. No início dos anos 1870 chegou a São Paulo outro irmão de John Miller, Peter, treze anos mais jovem que John. Ele se casou

com Alice Fox Rule, filha de Joseph Edward Rule e Guilhermina Fox, sobrinha da Carlota. O caçula William, apelidado de Willie, foi o último a chegar ao Brasil, e também se casou, em Santos, com Carolina de Andrada Glenie, aparentada da família do Patriarca da Independência, José Bonifácio de Andrada.

Os irmãos Miller cresceram numa das mais belas regiões do litoral sudoeste da Escócia, o estuário de Firth of Clyde. Ao sul, era salpicado por prainhas e balneários separados por frondosos bosques e tradicionais casas senhoriais. Quando pequenos, os Miller costumavam sentar-se nos morros da costa litorânea, com suas praias de pedregulhos e águas geladas, em Largs e em Fairlie, para acompanhar a entrada dos navios no estuário em direção às prósperas cidades industriais de Greenock, Glasgow e Paisley.

Também avistavam à distância as ilhas irmãs de Great Cumbrae e Little Cumbrae. Imaginavam para onde iam os navios, sem saber que anos depois, justamente num daqueles, eles viajariam para se estabelecer no Brasil. Um único irmão, Daniel, permaneceu em Fairlie junto com duas irmãs. Nessa região de Ayr também havia nascido o mais venerado poeta escocês, Robert Burns. Ainda hoje esse é um litoral belíssimo, com suas marinas, clubes de iate, e com seus passeios de veleiro e *ferries* às ilhas vizinhas.

Glasgow, e as vizinhas Paisley e Greenock foram, desde o início da Revolução Industrial britânica, o principal pólo comercial da Escócia, chegando a somar um milhão e meio de habitantes no final do século XIX. Glasgow possuía a maior fábrica de tubos de aço do mundo, porém com a mudança da fábrica para a cidade de Rugby, na Inglaterra, teve início seu declínio industrial. Do porto e estaleiros de Greenock centenas de navios partiam para todos os mares do mundo. Com a Diáspora, a população de Glasgow viu-se reduzida a seiscentos mil habitantes.



*Família Miller na chácara de Henry Fox em 1876: Charles, então com dois anos, sentado no banco ao lado das tias Guilhermina e Anna Luiza.*

Apesar de muitos acreditarem que seja ela a capital da Escócia, na realidade a capital é a bela Edimburgo, a cidade cultural dos escoceses, dominada e defendida pelo Castelo de Edimburgo, estrategicamente situado no topo de um morro, de onde se avista a cidade inteira. É em Edimburgo que todos os anos se realiza o tradicional encontro das bandas de gaiteiros dos *clans* escoceses, apelidado de Military Tattoo.

Guardadas as devidas proporções, de hemisfério, tamanho e clima, pode-se dizer que Glasgow equivaleria a São Paulo, Greenock a Santos, Largs a Guarujá e Fairlie à praia de Perequê, no litoral paulista.

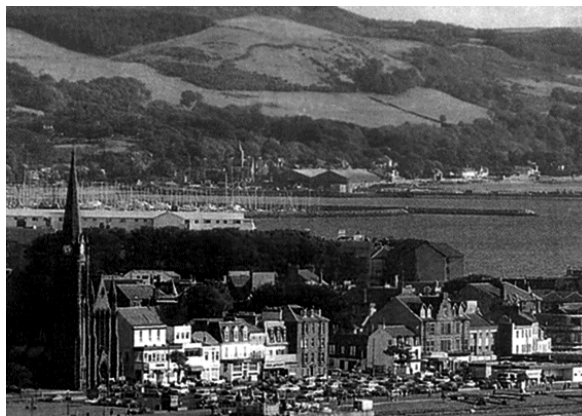
Como muitos outros funcionários e técnicos britânicos, John Miller veio ao Brasil atraído pela oportunidade de trabalhar na construção da ferrovia que uniria o porto de Santos ao rico interior paulista. Na época, um bom salário para um técnico no Brasil ficava em torno de quatrocentas, quinhentas libras esterlinas por ano, enquanto na Grã-Bretanha o máximo que poderia ganhar, após anos e anos de trabalho, eram trezentas libras anuais. Bem antes do século XIX, o Brasil já era considerado um país hospitaleiro; aqui um estrangeiro podia se sentir em casa.

Charles William Miller nasceu em 24 de novembro de 1874, na chácara de seus avós maternos, na rua Monsenhor Andrade, 24, no bairro do Brás, que hoje corta o Largo do Gasômetro. Dois anos antes nascera seu irmão mais velho, John Henry, e dois outros irmãos – Carlota em 1876 e Adolph Peter em 1878 –, que faleceram

com poucos anos de vida. Décadas depois, o Brás viria a se tornar um reduto de imigrantes italianos. Hoje, é bastante conhecido pela pizzaria Castelões, da família Donato, fundada em 1924 e considerada a mais antiga da cidade; pela Casa das Retortas, prédio que já abrigou o primeiro fornecedor de gás e sede atual da Secretaria do Governo Municipal; pelos atacadistas de cola, couro e madeira; pela cantina Balila; pelas ruas do Gasômetro, Maria Domitila e Carneiro Leão; pela avenida Rangel Pestana; e, de vital importância nesta biografia, pela rua Monsenhor Andrade.

Nada disso, porém, existia na segunda metade do século XIX, quando Charles nasceu. Os primeiros trilhos da São Paulo Railway já tinham sido assentados, passando pela várzea ali existente. A estação de trem no Brás era um ponto de encontro. Naquela época, o bairro era coberto por chácaras, e uma delas era a dos avós maternos de Charles.

Próximo ao Gasômetro, na Várzea do Carmo, hoje Parque Dom Pedro, ficava a famosa Chácara do Ferrão. Pertencia a Domitila de Castro, a Marquesa de Santos, uma das amantes de Dom Pedro I, que mais tarde se casaria com o influente brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar. Este, em 1831, como presidente da província de São Paulo, fundou a primeira Polícia do Estado. Hoje o 1o Batalhão de Choque, a Rota, localizado na avenida Tiradentes, leva seu nome. Em 1842, foi ele quem liderou, junto com o padre Diogo Antônio Feijó, a Revolução Liberal contra Dom Pedro II.



*Cidade de Largs, Escócia: quando criança, o pai de Miller sentava-se nos morros para ver a chegada dos navios.*

Para os moradores da região, a Chácara do Ferrão era conhecida como Chácara da Figueira, por ser repleta dessas frondosas e seculares árvores. Com a morte de Domitila de Castro, em 1867, a propriedade passou a pertencer a Brasílico de Aguiar e Castro, filho mais moço da Marquesa de Santos. Brasílico viveu no recanto da Várzea do Carmo até morrer, em 1891. Figura simpaticíssima, o filho de Domitila era amigo de todos. Morando à beira da estrada, bem na entrada do bairro, o nome Brasílico tomou conta do lugar. De tão conhecido e popular que era, sua Chácara da Figueira ganhou o apelido de Chácara do Brás. Daí nasceria, mais tarde, o nome desse industrial e populoso bairro.

A rua Monsenhor Andrade, e mais especificamente seu número 24, onde Charles Miller nasceu, situa-se hoje no coração do Brás, na esquina da avenida Rangel Pestana. Um prédio residencial e popular de dez andares ocupa agora o lugar da chácara dos avós de Charles, rodeado de uma enfiada de lojas de roupas, de consertos de máquinas de esmeril e de barraquinhas de caldo de cana. Defronte ao prédio, está a centenária Igreja do Bom Jesus do Brás, a mais antiga do bairro. Pela avenida Rangel Pestana, caminho obrigatório para a Zona Leste, circulam hoje centenas de ônibus lotados; no outro lado da avenida começa a antiga rua Piratininga, que conduz o tráfego para o elevado Alcântara Machado.

Entre a *memorabilia* da família Rudge, há uma fotografia, amarelada pelo tempo que, sem dúvida, é a primeira de Charles, tirada por volta de 1876, quando ele tinha dois anos de idade. Foi registrada por Henry Fox, e nela está John Miller, com seu tradicional bigode e *blazer* bordado com o distintivo SPR, da São Paulo Railway, carregando nos ombros seu filho John Henry. Por tradição, os britânicos colocam sobre o bolso superior do paletó o distintivo da empresa em que trabalham, regimento militar em que serviram, escola ou faculdade que freqüentaram, ou ainda clube do qual são associados.

Nessa foto, John Miller está acompanhado de seu irmão Peter, das filhas de Henry, entre elas Guilhermina e Anna Luiza, e primas

das meninas. Sentadas no centro, estão duas crianças, uma delas é Charles. A foto foi tirada no jardim da chácara dos pais de Carlota Alexandrina, no Brás. Ela, infelizmente, não aparece na foto, ocupada em preparar o *lunch*, como está anotado a lápis, por sua irmã, no verso da foto.

Charles tinha cinco anos quando seu pai, como todo bom escocês, encomendou ao artista F. Pierich uma pintura do menino trajando seu *kilt*, tradicional vestimenta escocesa. Essa pintura faz parte, hoje, do acervo da família Miller.

Em São Paulo, a comunidade britânica crescia, introduzindo sua religião, costumes, pratos típicos como os *pies* (tortas, especialmente, de rins e de frango) e os *puddings* (pudins de nozes, frutas etc.), e o pontual chá das cinco. Em 1873, o Barão de Mauá doou um terreno à comunidade inglesa na rua do Carmo, no centro da cidade, onde foi construída uma pequena capela para atender às necessidades religiosas dos funcionários britânicos da São Paulo Railway. A capela, freqüentada pelos pais de Charles, recebeu o nome de St. Paul's Church e se transformou na primeira igreja anglicana da América do Sul. Em 1966 essa tradicional igreja foi transferida para a sua atual localização, na rua Comendador Elias Zarzur, no bairro de Santo Amaro.

Nos primeiros anos após a chegada dos funcionários britânicos que vieram trabalhar na São Paulo Railway e em outras empresas, raras eram as escolas na cidade de São Paulo. Para os pais de Charles Miller, era muito importante que ele e seu irmão John Henry fossem alfabetizados no idioma inglês. Como ainda não havia escola bilíngüe na cidade, eles foram alfabetizados em casa. O português, aprenderam de forma natural, como quaisquer garotos nascidos em São Paulo. Somente em 1926 foi fundada a primeira escola britânica no estado de São Paulo, a St. Paul's School, hoje localizada no jardim Paulistano, na capital paulista.

Foi por dificuldades como essas que John Miller e Carlota decidiram enviar seus dois filhos, John Henry e Charles, para estudar na Inglaterra. E a escolha recaiu na Banister Court School, em Southampton, Condado de Hampshire, porto comercial mais importante do sul da Inglaterra.

No outono de 1884, Charles e John Henry, juntos com seu primo William Fox Rule, filho de Joseph Edward Rule e Guilhermina Fox, viajaram para a Inglaterra para lá completar seus estudos. Foram a bordo do *Elbe*, navio da Royal Mail e Packet Line, que fazia o percurso entre a Inglaterra e a costa oeste do Atlântico Sul. Após as tradicionais escalas no Rio de Janeiro, na Ilha da Madeira e em Vigo, finalmente chegaram ao porto de Southampton em 29 de julho. O trajeto de Santos ao porto inglês, no Canal da Mancha, se fazia em aproximadamente vinte dias, e um dos raros passatempos dos passageiros, além de comerem e descansarem bastante, era jogar *shuffle-board*, um jogo disputado com discos de madeira e parecido com o boliche. Outro divertimento eram as corridas com cavalos de madeira, realizadas numa espécie de mini-hipódromo, com suas respectivas raias. Todas essas atividades aconteciam no convés do navio.

Era a primeira viagem de navio do jovem Charles, e ele nem imaginava, ao caminhar pelos conveses, ao conversar com os marinheiros, ao subir e descer escadas, e visitar novos portos, que essa empresa de navegação viria a estar intimamente ligada a ele por toda a sua vida. A Royal Mail Steam Packet Company Limited, conhecida como a Mala Real Inglesa, foi a primeira a manter serviços regulares de navegação entre o Brasil e a Grã-Bretanha. Foi criada em Londres, em 1839, por James Macqueen, um jovem empresário escocês que, nesse mesmo ano, obteve concessão real para fundar uma empresa de navegação.

Macqueen iniciou suas atividades com rotas para o Caribe e Nova York. Em 1851, quando a empresa de navegação já estava se tornando lucrativa, obteve concessão para prestar serviços de correio entre o Brasil e Southampton. Hoje, nos arquivos do Museu Marítimo em Londres, pode ser visto o original do Certificado Real de Concessão, com o seguinte cabeçalho: *Outorgado pela Rainha Vitória – pela graça de Deus*. Assim, James Macqueen expandiu novas rotas para Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires. Nesse mesmo ano, o primeiro navio da Mala Real Inglesa atracou no porto de Santos. Os navios a vapor *Andes*, *Magdalena*, *Arlanza*, *Asturias*, *Alcantara*, *Moselle* e *Elbe* tornaram-se nomes corriqueiros para a população paulista.



*Pintura de Charles Miller aos cinco anos, com traje típico escocês, feita por F. Pierich.*

## 2. A era vitoriana

Este trono sagrado de reis,  
Esta terra de majestade, esta sede de Marte,  
Esta linhagem feliz de homens.  
Esta pedra preciosa, encrostada num mar prateado,  
Este lugar abençoado, esta terra, este império, esta  
Inglaterra.

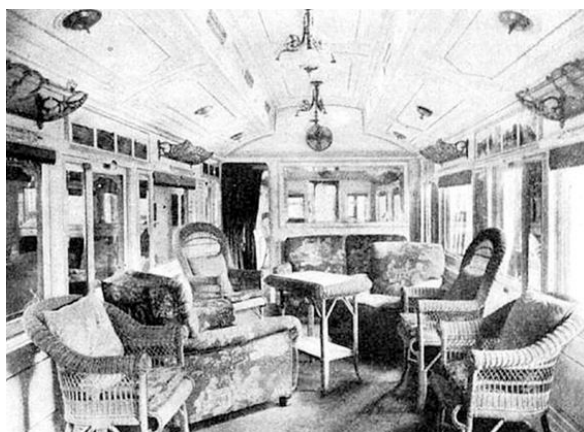
(William Shakespeare, *Ricardo II*)

Quando o garoto Charles Miller aportou em Southampton, na costa sul da Inglaterra, banhado pelas águas do Canal da Mancha, era pleno verão. Naquele tempo, o Império Britânico vivia seu auge sob o reinado da rainha Vitória, amada e respeitada por todos os súditos, e a três anos do Jubileu de sua coroação. Era a época da famosa expressão: *O sol nunca se põe no Império Britânico*, uma alusão ao tamanho do Império, que se estendia desde as geleiras do Hudson Bay e British Columbia, no Canadá, passando por Quênia, África Meridional, Seychelles, Índia, Austrália, Nova Zelândia, até as paradisíacas ilhas do Oceano Índico, Atlântico Sul e da Polinésia.

Viviam-se também os tempos da Reforma, dos primeiros-ministros Gladstone e Disraeli; das famosas disputas entre os velozes veleiros *Cutty Sark* e *Thermopylae*, que competiam para ver quem trazia primeiro o chá da China; dos *top-hats* (chapéus masculinos); das carruagens elegantes; e das escritas liberais de John Stuart Mill. Com a Revolução Industrial e Científica, as indústrias cresciam e se expandiam pelo mundo. As artes estavam em pleno apogeu, assim como a prática de esportes, e foi essa também a época do zênite do amadorismo esportivo na Inglaterra vitoriana.

A juventude britânica cultuava o esporte de maneira integral; *mens sana in corpore sano*, diziam. Os jovens se inspiravam nos gregos antigos, atenienses, helênicos, espartanos e coríntios. Nas escolas e nas universidades, os esportes faziam parte do currículo, e os estudantes dedicavam-se à prática de críquete, tênis, hóquei, rúgbi, e até de atividades mais exóticas, como *badminton*, *hurling* e *croquet*, além de um novo e cativante esporte — o *association football*.

Na Antiguidade já existia um jogo em que uma bola era chutada com os pés. Conta-se, inclusive, que até mesmo crânios eram usados como bolas. Um documento do século III a.C. relata que o aniversário do imperador chinês era comemorado com uma partida de *tsu-chu*. No Japão, era chamado *kemari*, na Grécia *epyskos*, em Roma *haspatum*, na Bretanha e Normandia *soule*, e na Itália *calcio*, disputado na famosa praça de Florença.

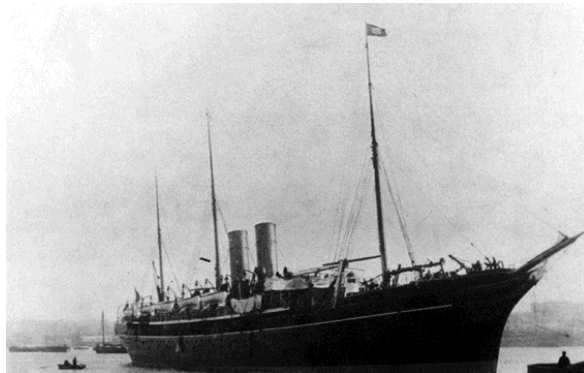


*Sala de estar do navio.*

Se o futebol nasceu da natural atração que o homem sente por uma bola, ou do prazer que qualquer criança tem em aplicar um pontapé num corpo esférico, é válido supor que a origem mais remota do jogo encontra-se nas mais antigas civilizações, talvez mesmo na Pré-história.

O amor à bola também pode ser comprovado em dois exemplos de tempos mais recentes: o primeiro, quando o incomparável Pelé

beijou-a ao marcar seu milésimo gol, no estádio do Maracanã, em novembro de 1969, e o segundo, quando o jogador Alfredo Di Stefano, que atuou no River Plate (Argentina), no Millonarios (Colômbia) e no Real Madrid (Espanha), colocou-a como adorno num pedestal na entrada de sua casa em Madri, com a seguinte inscrição: *Gracias Vieja* (Obrigado, Velha).



*Navio Magdalena: Miller viaja de volta ao Brasil.*

Admitir que nossos antepassados das cavernas chutavam bola, ou algo semelhante, não é apenas uma especulação curiosa mas uma tese já universalmente aceita. Para os antigos, a bola era um objeto sagrado. Do mesmo modo que os egípcios adoravam o Sol-Rá e os babilônios a Lua, outros povos primitivos acreditavam que ao chutar corpos esféricos poderiam espantar maus espíritos, emprestando um caráter religioso ao que se conheceu depois como futebol.

No século XVI, marcado pelas descobertas de um novo mundo, a história do futebol ganha, com os índios da América, novos e importantes personagens. Deixaremos de lado por alguns instantes os civilizados praticantes do futebol europeu, do *soule* e do *calcio*, a fim de nos transportar para Hespanhola em 1492, ano em que Colombo e seus navios chegaram à América. Herrera e Tordesillas, historiador espanhol, escreve sobre *uma bola de borracha extraída das árvores*, com a qual os índios jogavam. O mesmo tipo de bola é citado pelo missionário francês Charlevoix e pelo cronista espanhol Frei Bernardino de Sahagún, depois de suas viagens a Santo

Domingo e ao México. O abade francês Prévost, já no século XIX, descreve o *tlachtli*, jogo praticado pelos astecas e zapotecas, muito parecido com a *péla*. A bola era de borracha e parece ter sido essa a primeira contribuição importante do continente americano ao futebol.

Voltemos, após esse passeio enciclopédico, à Inglaterra do século XIX. Naquela época, os esportes coletivos nada mais eram que uma atividade de lazer, realizada após os árduos trabalhos da semana, ainda que também fossem utilizados para auxiliar na formação escolar dos jovens. O problema era que, como as escolas não jogavam entre si, cada uma tinha suas próprias regras, e elas dependiam de onde os jogos ou os recreios eram realizados: nos arcos das igrejas, nos paredões dos claustros ou em campos gramados. Em Eton, não era permitido usar as mãos, e havia traves onde marcar o tento. Na escola de Rugby, ao contrário, permitia-se o uso das mãos, mesmo para segurar o adversário pelo pescoço, entre outras excentricidades. Tais regras contrariavam os princípios dos puristas do trato com a bola. Em Winchester, não existiam traves, e o gol era marcado quando a bola cruzava a linha de fundo. Em Charterhouse, um requinte: vinte jogadores se confrontavam de cada lado e não se permitia o uso das mãos; o mais importante era o drible no piso de pedra das arcadas.

Quando ex-alunos de diversas escolas passavam a freqüentar universidades como Oxford e Cambridge, os problemas aumentavam. Um jogo entre as equipes dos Old Etonians e dos Old Rugnarians, em geral, resultava numa balbúrdia generalizada. Em 1863, para pôr um ponto final a tanta confusão, a Universidade de Cambridge publicou suas próprias regras. Foi durante esse furor de lançar regras e tentativas de padronizá-las que Ebenezer Cobb Morley solicitou uma reunião dos representantes dos clubes da área de Londres tencionando *formar uma associação com o objetivo definido de estabelecer um código de regras para o futebol*. Ebenezer Cobb Morley foi o primeiro entusiasta a organizar o futebol da maneira que este esporte é conhecido hoje. Ele nasceu em Londres em 1831, advogado de profissão e muito prolífico nos esportes. Foi jogador de críquete, remador, sendo o fundador, em 1862, do Barnes Football Club, clube de futebol amador do bairro do

mesmo nome, na curva da margem sul do rio Tâmesa em Londres. Morley marcou o gol inicial na estréia das competições futebolísticas na Inglaterra. Ebenezer Cobb Morley foi secretário e presidente da Associação Inglesa de Futebol desde sua fundação em 1863 até 1884.

Por solicitação de Morley essa histórica reunião realizou-se em 26 de outubro de 1863 na Freemason's Tavern, Great Queen Street, em Londres, e assim foi fundada a Football Association (FA) – Associação Inglesa de Futebol. As escolas não compareceram à reunião, uma vez que desejavam preservar suas próprias regras; Charterhouse, porém, enviou um observador.

Um dos clubes presentes, o Blackheath (influenciado pela tradição do Rugby School, onde apreciavam jogar com as mãos), não concordou com as regras estabelecidas e retirou-se da última reunião. O argumento do Blackheath era que deveria ser permitido *tacklear*, ou seja, derrubar o adversário com as mãos. Os outros clubes se posicionaram contra a idéia do Blackheath. A revista argentina *El Gráfico* resumiu assim as diferenças entre o futebol e o rúgbi:

*O Football e o Rugby são primos-irmãos. Os dois nasceram na Inglaterra em meados do século XIX. No football eram onze contra onze; no rugby eram quinze de cada lado. No football a bola era chutada com os pés ou cabeceada e no rugby carregada com as mãos e, ocasionalmente, chutada, porém sempre para a frente. Os dois esportes nasceram com a mesma denominação: football. Quando as duas tendências se enfrentaram — permitir, ou não, o uso das mãos —, então se separaram. Assim, nasceu o rugby football (com o passar do tempo chamado rugby ou ruggie) e o association football (ou football, soccer, futebol, futbol, calcio, balompié etc.). Cada esporte com suas regras e seu estilo peculiar.*

Os clubes e as equipes desse novo esporte *association football* multiplicaram-se como centelhas. A primeira edição da Taça da Inglaterra, batizada de Football Association Challenge Cup, foi disputada em 1872 e vencida pelo Wanderers. Posteriormente, seria conquistada por equipes legendárias como Royal Engineers, Old Etonians, Preston North End, West Bromwich Albion, Clapham Rovers, Old Carthusians, Oxford University, Blackburn Rovers, que vieram a se tornar nomes corriqueiros para o público da época.

Quatro personagens devem ser destacados nesse início do *association football* na Inglaterra. Foram eles que deram o

verdadeiro pontapé inicial nesse esporte e se tornaram, de forma natural, mestres do *fair-play* e do cavalheirismo: Charles W. Alcock, do Wanderers; Major Sir Francis Marindin, do Royal Engineers; Lord Kinnaird, inicialmente dos Wanderers e depois do Old Etonians; e, por fim, N. Lane Jackson, fundador do Corinthian Football Club. Conhecido carinhosamente como *Pa (Paizão) Jackson*, ele assim definiu, num texto que entrou para a história, o que entendia por um esportista amador:

*Segundo meu entendimento da raça humana, a prática dos esportes é algo que não apenas enrijece seus músculos e desenvolve sua resistência, mas também o esportista aprende a controlar sua raiva, a ser magnânimo com seus colegas, a não tirar vantagem mesquinha, a sentir-se desonrado com a mera suspeita de falsidade, a mostrar-se altivo e otimista nas adversidades e a jamais se sentir vencido até a última gota de suor ou sopro de seu corpo.*

### 3. Banister Court School

Meu jovem rapaz, você veio a este local de ensino para aprender novas matérias, porém não se esqueça do esporte, que é o alimento da mente, da alma e do espírito.

Professor inglês anônimo, 1884

Foi esse o clima que Charles encontrou ao chegar a Southampton em julho de 1884. Os arquivos da prefeitura indicam que Banister é um dos nomes mais antigos desse porto do sul da Inglaterra. Origina-se de Nicholas Banestre, próspero mercador com interesses em estaleiros que enriqueceu em inícios do século XV e que foi nomeado administrador dos navios do rei Henrique VI na Southampton de 1423. Três anos antes, ele havia comprado um terreno chamado Suttones Place, que ficou conhecido mais tarde como a fazenda de Banestre Court e que foi relacionado entre as propriedades de um de seus descendentes, Thomas Banestre. Depois de passarem por diversos donos durante quatro séculos, em 1867 o terreno e a mansão foram alugados pela Banister Court School.

A escola foi dirigida durante sessenta anos pelo reverendo George Ellaby e sua família. Anteriormente, ele fora diretor do colégio St. Helens, chegando a Southampton a pedido de Arthur Anderson, diretor geral da Peninsular and Orient Steam Navigation Company, renomada empresa inglesa de navegação que desejava ter uma escola para os filhos de seus funcionários e para os oficiais com boa tradição na escolaridade e na prática esportiva. O reverendo Ellaby comandou a escola até sua morte, em 1874, quando foi sucedido por sua viúva e seu irmão, o reverendo Alfred Ellaby, por sete anos, até Christopher Ellaby, filho do fundador e

recém-graduado da Universidade de Oxford, assumir a direção da instituição e ali permanecer até se aposentar, em 1924.

Christopher Ellaby era um apaixonado por futebol, esporte que aprendeu em Oxford. Ele exerceu forte influência sobre Charles Miller, que também adotou o futebol como seu esporte favorito, relegando o rúgbi e o críquete a segundo plano. Charles era bom aluno, mas dizia preferir os cursos extracurriculares, nos quais testava as diversas posições dos jogadores e estratégias do futebol, até encontrar sua verdadeira vocação, que era a de atacante.

O escritor e pesquisador de Southampton Dave Juson escreveu, em setembro de 1994, um artigo sobre Charles Miller na renomada revista esportiva inglesa *World Soccer* e no jornal *The Footballer*, como parte das comemorações do Centenário da Introdução do Futebol no Brasil e da Copa do Mundo nos Estados Unidos:

*A escola era uma grande instituição para um garoto com inclinações esportivas e profundamente imbuída da idéia vitoriana de cristianismo muscular. Sua equipe principal compunha-se também de alguns professores e ex-alunos, fato usual na época, e era considerada uma forte concorrente para qualquer adversário. É importante frisar que a Liga do Condado de Hampshire oferecia, no final do século XIX, campeonatos para as categorias Mirim, Juvenil e Adulto, e a escola Banister Court competia na Taça dos Adultos.*

*Naquele tempo, Southampton estava geograficamente distante da Liga de Futebol Inglesa, enquanto a Liga do Sul só começaria em 1894. St. Mary's, porém, fundado em 1895, já mostrava ambições de se destacar.*

*St. Mary's, hoje conhecido como Southampton Football Club e que participa da atual Premiership da Inglaterra (antiga Primeira Divisão), foi fundado em 1885 por um grupo de rapazes da YMCA (Associação Cristã de Moços) associados a St. Mary's, a paróquia de Southampton. Eles se reuniram com o reverendo A. B. Sole para fundar um clube de futebol, mais tarde chamado St. Mary's Football Club, e o cônego, depois arcebispo Wilberforce, foi seu primeiro presidente.*

*Começaram a competir disputando a Taça da Inglaterra de 1891, contratando profissionais e enriquecendo sua programação de jogos ao conseguir levar adversários fortes para seu campo em Antelope Ground.*

*A força do St. Mary's também pôde ser sentida após a fundação da Liga do Sul em 1894, pois nessa competição St. Mary's foi campeão seis vezes em sete temporadas consecutivas, entre 1896 e 1904, além de ter sido finalista da Taça da Inglaterra, a mais famosa competição do futebol inglês, nas temporadas 1899/1900 e 1901/1902.*

Em setembro de 1886, dois anos depois de terem chegado à Inglaterra, Charles e seu irmão John Henry receberam a visita do

pai. Ele, com seu irmão William, que o acompanhava, estavam a caminho de Glasgow, onde John seria operado de uma hérnia. A história da formação dessa hérnia, registrada nos anais da família Miller, retrata bem a época vitoriana, em que delicadeza e dilentantismo vigoravam. Conta-se que por volta de 1884, na estação da São Paulo Railway, em São Paulo, ao tentar ajudar duas senhoras a retirarem do trem um caixão de defunto, John adquiriu a mencionada hérnia. Como não existiam muitos cirurgiões em São Paulo, em 1886 ele decidiu ir à Escócia para ser operado.

A felicidade dos garotos Miller em rever o pai se transformaria em grande pesar pouco depois, ao saberem de seu falecimento em 6 de outubro, em Glasgow, de complicações resultantes da cirurgia, como atesta o obituário do jornal *Greenock Telegraph* de 8 de outubro de 1886.

Tio William foi ao colégio tentar convencer o diretor da Banister Court School a deixar os dois filhos irem ao enterro do pai. O diretor concordou em liberá-los e levou-os pessoalmente à estação de Southampton, para que embarcassem no primeiro trem com destino a Londres. Chegando à estação de Victoria, eles pegaram uma charrete até a estação de Euston, de onde partia o trem expresso para Glasgow, o *Flying Scotsman* (Escocês Voador), chegando à estação Central de Glasgow após uma cansativa viagem de doze horas. Depois do funeral, William deixou os meninos na escola e retornou ao Brasil.

Em 1889, Charles Miller e John Henry já tinham sido escalados para a equipe aspirante da escola, e de um determinado jogo-treino foi dito que eles *tinham driblado todos que aparaceceram a sua frente, para o delírio dos espectadores*. Em outubro desse mesmo ano, num campeonato de *sixes*, jogo muito popular e semelhante ao atual futebol de salão, com seis jogadores por equipe, John Henry quebrou a clavícula, permanecendo no “estaleiro” por algum tempo. Como ele havia completado dezessete anos, ao terminar seus estudos retornou a São Paulo. Em março de 1892, Charles recebeu um telegrama, enviado através da Western Telegraph Co., informando que John Henry havia falecido de disenteria, em São Paulo. A notícia abalou-o demais, mas sua concentração nos

estudos, e especialmente nos esportes, ajudou-o a superar as duas perdas, a do pai, ocorrida seis anos antes, e a do irmão.

Assim como hoje, também naquela época os treinadores estavam sempre à procura de talentos locais. Não se constrangiam em convidar jogadores de escolas e clubes rivais para partidas amistosas. Aos dezessete anos, Miller foi escalado para um jogo contra a equipe do Exército do Quartel de Aldershot, realizado em 18 de abril de 1892 no campo do Hampshire County Cricket Club.

O professor da Banister Court School, que assistia ao jogo ao lado do treinador do St. Mary's, disse:

*Temos aqui na escola vários bons garotos que levam jeito para o futebol, especialmente um chamado Charles Miller, que veio do Brasil e parece ter nascido para esse jogo. Um raro talento, é ouro puro. É um artilheiro nato e recomendo sua escalação. Não vai se arrepender.*

O *Southampton Times* comentou depois, com certo desapontamento, que os visitantes não haviam trazido seu melhor onze e que pelo menos três jogadores titulares do Southampton/St. Mary's estavam ausentes. St. Mary's ganhou por 3 a 1, e Miller marcou um gol. Os comentários futebolísticos eram uma novidade, pois os jornalistas com freqüência ignoravam a identidade dos jogadores, e as descrições das jogadas resultavam ambíguas e obscuramente imaginárias.



*Distintivo do Southampton Football Club, fundado em 1885 por um grupo de rapazes da Associação Cristã de Moços.*

Foi esse o batizado de Charles Miller no futebol inglês, e sua estréia não poderia ter sido mais auspiciosa. Seu primeiro jogo oficial em campos ingleses pode ser comparado ao impacto do primeiro jogo de Pelé em campos suecos na Copa do Mundo de 1958.

Dois dias após esse jogo, Charles disputava outro, que viria a ter importância fundamental para o futebol brasileiro. Foi convidado para um amistoso pelo mais famoso clube amador da época na Inglaterra, o Corinthian Football Club. Por ter sido uma das primeiras equipes estrangeiras a visitar o Brasil, esse clube inglês acabou entrando para a história do futebol brasileiro ao inspirar a fundação e o nome do atual Sport Club Corinthians.

O Corinthian Football Club foi fundado em Londres, em 1882, e no mesmo ano, em 26 de outubro, jogou e venceu sua primeira partida, derrotando por 2 a 1 o St. Thomas Hospital nos gramados de Lambeth Palace. O clube foi fundado por N. Lane Jackson, então secretário honorário da Liga Inglesa de Futebol (Football Association), numa tentativa de conter os inúmeros sucessos que os escoceses vinham obtendo nos jogos disputados contra a Inglaterra. Seus jogadores eram convidados de colégios particulares e universidades.

Jackson obteve enorme sucesso com esse empreendimento. Os historiadores não têm dúvida em afirmar que foi ele o inspirador dessa equipe maravilhosa, que representava o espírito colegial e amador em estado bruto. Se o Corinthian, por exemplo, fizesse um pênalti (uma nova forma de cobrança de falta, na área menor, em que somente o cobrador se posicionava diante do goleiro para chutar contra o gol), o goleiro, numa atitude ética, nem se mexeria para fazer a defesa. Era o amadorismo na sua mais pura essência.

Uma norma importante do Corinthian era negar-se a disputar qualquer *competição ou desafio ou... receber prêmios de qualquer tipo*. Essa regra foi modificada para que o clube pudesse disputar o Sheriff of London Shield (troféu anual concedido pelo prefeito de Londres), jogo beneficente, contra o campeão profissional do ano. Quase sozinho, o Corinthian manteve vivo o futebol amador no sul da Inglaterra, onde por um longo período não se aceitou o profissionalismo, tornando-se depois o embaixador do futebol inglês

ao fazer inúmeras excursões “missionárias” por Europa, África do Sul e Américas.

Foi um corintiano (inglês) quem deu um novo nome ao esporte. Charles Wreford-Brown, *centre-half* do Corinthian, jantava certa noite em sua universidade quando um colega perguntou: “Você vai jogar *rugger*” (termo coloquial para *rugby*) “amanhã, Charles?”. “Não, vou jogar *soccer*.” (“futebol”, trocadilho com a palavra *association*).

O escritor inglês Geoffrey Green, definiu deste modo o que o Corinthian Football Club entendia como esporte amador, e sua importância para a história do futebol inglês:

*Ainda que por um lado os resultados fossem importantes para o Corinthian, por outro estavam longe de ser um fim ou um objetivo de vida ou morte. Mais importante era o espírito, o sentido especial, o cavalheirismo que eles traziam ao futebol e que mantinham vivo. A juventude de hoje pode não saber, e isto é uma triste perda, mas a Glória do Corinto já foi uma coisa real, se bem que quase inatingível.*

O garoto Charles Miller vinha sobressaindo na escola e no St. Mary's, e o Corinthian Football Club o convidou para uma partida amistosa contra a Seleção do Condado de Hampshire, a ser disputada em 20 de abril de 1892. Não se conhecem ao certo as circunstâncias desse jogo, porém é provável que os lendários amadores tenham chegado com um jogador a menos ou com alguém contundido, pois Charles atuou na ponta esquerda na condição de *sub*, ou seja, *ainda não sendo jogador oficial do Corinthian* mas apenas um *convidado para este jogo*.

*Pares tocou na bola, e Hammer e Cole começaram a atacar. Os atacantes de Hampshire conseguiram avançar e foram repelidos... porém, as superiores combinações dos visitantes (Corinthian) foram sentidas, e prontamente estavam penetrando perto das traves do Hampshire — O jovem Miller jogando muito bem pelo Corinthian.*



*Página da revista Corinthians – História de um grande clube escrita pelo próprio povo. Por ter sido uma das primeiras equipes estrangeiras a visitar o Brasil, esse clube inglês foi a inspiração para o atual time paulista.*

Nessa partida Charles jogou com C. B. Fry, Charles Wreford-Brown e o virtuoso atacante G. O. Smith, que formavam uma verdadeira trindade e tinham sido educados na famosa escola de Charterhouse, a mesma onde estudou o fundador do escotismo, lorde Baden-Powell. Vinham da mais nobre estirpe do amadorismo inglês, somando mais de trezentos jogos pelo Corinthian, tendo também defendido pela Seleção Inglesa. Era como se, guardadas as devidas proporções, um garoto cheio de potencial como Charles estivesse tendo o privilégio de jogar ao lado de um Zinedine Zidane, de um Ronaldinho Gaúcho e de um Thierry Henry.

O jogo terminou 1 a 0 para o Corinthian e, entre esses notáveis, Miller e o goleiro L. H. Gay foram os únicos corinthianos a terem seus nomes mencionados no artigo do *Southern Echo*. A escalação das duas equipes foi a seguinte:

## Corinthian Football Club

*L. H. Gay*

*A. G. S. Lawrence e H. C. Lawrence*

*C. B. Fry, C. Wreford-Brown e N. F. Shaw*

*W. Connel, G. O. Smith, W. S. Gosling,*

*J. G. Veitch e Charles Miller*

### Seleção do Condado de Hampshire

*W. P. Cole*

*G. Carter e D. B. Hammer*

*E. Duchesne, Sapper A. Evans e A. W. Denning*

*A. Farewell, Reynolds, G. C. Pares, R. Dashwood*

*e T. Ballantine*

Naquela época, as equipes jogavam numa formação tradicional: goleiro, dois *full-backs* (ou defesas), três *midfielders* (sendo o do meio o famoso *centre-half*, ou comandante da equipe) e cinco *forwards* (atacantes). Somente na década de 1930 essa formação se alterou para o WM (inovação tática de distribuição dos jogadores em campo) de Herbert Chapman, lendário treinador do Arsenal, de Londres.

Enquanto um futuro grandioso aguardava o garoto Charles, sua carreira desportiva florescia na Banister Court School, onde o jovem atacante atingiu a incrível marca de 45 gols em 34 jogos; também encontrou lugar no ataque da primeira equipe do St. Mary's e da Seleção de Hampshire. Nessa época, já era conhecido como *Nipper* — que significa moleque veloz, ágil, célere. Como todo estudante inglês daquela época, Charles também disputava jogos de críquete, no qual era um excelente *batsman* (batedor); chegou a defender o time principal de sua escola e o do Marylebone Cricket Club, famosa equipe londrina onde atuavam os melhores *cricketers* da Inglaterra.

Uma semana antes de Charles Miller deixar a Inglaterra de volta ao Brasil, em outubro de 1894, aconteceu a tradicional festa do Annual Distribution of Prizes, a distribuição anual de prêmios da Banister Court School. Era uma das solenidades mais importantes das escolas britânicas, quando autoridades locais e familiares entregavam prêmios aos alunos que mais tivessem se destacado

acadêmica e desportivamente no ano. A revista da escola relativa a 1894 faz referência a essa solenidade e na seção esportiva traz a seguinte menção sobre o caráter do jovem Charles Miller:

*O treinamento da vida escolar não visa somente o sucesso nas provas acadêmicas. Ele almeja formar homens de caráter firme e confiantes, e esse homem, não tenho dúvida em afirmar, foi encontrado em uma pessoa que acaba de partir. Charles Miller não foi somente um esplêndido jogador, mas organizou todas as atividades esportivas da escola até o dia de embarcar. Também se interessou muito pela organização do futebol do Condado de Hampshire. Essa eficiência, ou melhor, altruísmo e perseverança, é o que leva um homem a ter sucesso na vida.*

Que maior tributo a Banister Court School poderia ter prestado a um aluno que se destacou não somente por seu caráter mas também nos estudos, e especialmente nos esportes, durante sua trajetória escolar? Definitivamente Charles Miller era desde cedo um homem e um esportista especial.

O jornal *Southampton and Hampshire Observer*, como corolário de sua brilhante passagem pela Inglaterra, assim se despediu dele em 24 de setembro 1894:

*Acreditávamos que Charles Miller, o inteligente ponta-esquerda do Banister, poderia ajudar sua equipe nesta temporada, porém agora me informam que o jogo de hoje será sua despedida da Velha Inglaterra, já que na próxima sexta-feira zarpará para seu lar na América do Sul. Sentimos muito perder esse ardente e dedicado desportista, e estou incumbido de expressar os melhores desejos dos meus leitores, para que ele tenha uma viagem muito agradável e enorme sucesso em seu novo lar.*

Para sorte do futebol brasileiro, ele retornava a sua terra natal trazendo na mala tesouros de um esporte cujo impacto nem imaginava que fosse causar no povo brasileiro.

*Como encontrarei São Paulo? Será que lá já estão jogando futebol? Pelas cartas do meu primo Willie (William Fox Rule) sei que desde 1888 já existe o São Paulo Athletic Club. Será que há campo para jogar?* Esses eram os pensamentos do jovem Charles Miller durante sua viagem de retorno, enquanto o navio *SS Magdalen* cortava as ondas do Atlântico.

Na época do Descobrimento da América, eram os espanhóis e os portugueses que levavam para a Europa os tesouros das Índias. Agora, a mala de Charles Miller voltava com tesouros de outro tipo para o Brasil:

- Um livro de regras do *association football*, adquirido numa loja de material esportivo em Southampton.
  - Uma camisa da equipe da Banister Court School e outra do St. Mary's, que ele defendeu com bravura e elegância.
  - Duas bolas de futebol de capotão fabricadas pela empresa Frank Sugg, de Liverpool, que tinham um significado muito especial para ele — com uma delas tinha jogado pelo Condado de Hampshire contra o Condado de Sussex.
  - Um par de chuteiras e uma bomba de ar para encher as bolas.
- O futebol brasileiro estava nascendo.



*O time de Hampshire que jogou contra o Corinthian em março de 1894. Miller está sentado na cadeira (primeiro, à direita).*

## 4. A chegada da ferrovia

Pés, joelhos e cotovelos ensangüentados.  
A subida era muito íngreme neste emaranhado  
terreno.

Padre José de Anchieta, 1554

Os esportes praticados na São Paulo de 1894 começaram a ganhar impulso em meados daquele século. Com a construção da São Paulo Railway, muita coisa mudou nos costumes dos paulistas.

Irineu Evangelista de Sousa nasceu em 28 de dezembro de 1813, na freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Arroio Grande, no então distrito de Jaguarão, no Rio Grande do Sul, fronteira com o Uruguai. A vida na fronteira era árdua e perigosa, e quando Irineu tinha nove anos seu pai foi morto por ladrões de gado; sua mãe, então, enviou-o com seu tio, que era capitão de navio, para estudar no Rio de Janeiro, capital do Império. Ali ele aprendeu, ainda jovem, a profissão de comerciante, inicialmente com a família Pereira de Almeida, oriunda de Portugal, e depois com um escocês chamado Richard Carruthers, que se tornou seu tutor e posteriormente seu sócio. Irineu Evangelista de Sousa, mais conhecido como Barão de Mauá, tornou-se depois o Visconde de Mauá.

Em 1840, com vinte e sete anos, Irineu viajou pela primeira vez para a Inglaterra, desembarcando em Albert Docks, no porto de Liverpool. Em sua primeira viagem de trem, da recém-inaugurada estação de Lime Street até a estação de Liverpool Road (hoje Museu de Ciências e Tecnologia) de Manchester, impressionou-se com a nova ferrovia que ligava as duas cidades, onde os trens desenvolviam a *incrível* velocidade de quarenta quilômetros por hora. Mas foi numa visita que fez a uma fundição de aço em Bristol que Irineu ficou ainda mais impressionado com essa invenção.

Conheceu também as muitas inovações tecnológicas britânicas da Revolução Industrial, tais como o vapor, o carvão, os jornais em altas tiragens e a iluminação nas cidades.

Por seu idealismo, e por meio da instalação de empresas que tinham por objetivo desenvolver a indústria brasileira, o Barão de Mauá transformou-se na mola propulsora de inúmeros projetos que logo se tornaram realidade e que se revelaram de suma importância para a vida brasileira, entre eles a Fundação da Ponta D'Areia, em Niterói, o Cabo Submarino, a Cia. de Rebocadores a Vapor de Rio Grande, a Navegação a Vapor do Rio Amazonas, Montes Aúreos Brazilian Gold Mining Co., a Estrada de Ferro Antonina–Curitiba, a Estrada de Ferro de Paraná–Mato Grosso e, principalmente, para a história paulista, a Estrada de Ferro Santos–Jundiaí, a menina dos olhos do Barão de Mauá, a qual, subindo a Serra do Mar e passando por Paranapiacaba, viria a ser conhecida como a São Paulo Railway Company.

No livro *Exposição do Visconde de Mauá aos Credores de Mauá & Co. e ao Público*, o Barão de Mauá, em 1878, assim a descreve:

*Foi objecto frequente de nossas conversas durante o anno de 1855 a construcção de uma estrada de ferro que partindo de Santos, galgasse a serra de Cubatão, e pela linha mais recta se dirigisse aos districtos mais productivos da província de São Paulo, aonde a cultura do café começava a desenvolver-se em condições tão favoráveis, que promettia a província um futuro dos mais esperançosos.*

Desde 1839, já se considerava de vital importância a construção de uma linha férrea que servisse de escoamento para o café produzido no rico interior paulista. A solicitação de um estudo preliminar foi encaminhada ao engenheiro Robert Stephenson, na Inglaterra, porém nenhuma resposta foi recebida.

Em abril de 1856, um decreto imperial outorgou ao Barão de Mauá e a seus sócios, o marquês de Monte Alegre e o conselheiro José Antônio Pimenta Bueno, concessão para construir uma estrada de ferro ligando Santos a Jundiaí. Anos depois, subiriam por essa ferrovia centenas de passageiros vindos das mais diversas partes do mundo para se estabelecer em terras paulistas, e entre eles estaria Charles Miller, de volta ao país, com quase vinte anos e com suas duas bolas de capotão na mala.

Essa concessão autorizava a incorporação de uma companhia estrangeira para a construção, custeio e utilização de uma estrada de ferro que, partindo de Santos, passasse por São Paulo em direção a Jundiaí. A concessão teria validade de noventa anos. Assim nasceu a The São Paulo Railway Limited, carinhosamente chamada de “a Inglesa”.

O Barão de Mauá foi escolhido para viajar à Inglaterra para apressar o projeto da ferrovia. Ao chegar a Londres, entrou em contato com o engenheiro de ferrovias James Brunlees. Os empreendedores brasileiros não tencionavam permitir que os ingleses efetuassem estudos a seu bel-prazer. Não seria aceita nada mais que uma linha locomotiva. Havia dois pontos a serem ligados pelo caminho mais curto, do porto de Santos ao planalto em Jundiaí, e o mais importante: os brasileiros dispunham de uma verba de apenas dois milhões de libras esterlinas para o projeto. Se suas exigências não fossem aceitas, os concessionários brasileiros iriam em busca de outra empresa.

James Brunlees, bom conhecedor das dificuldades apresentadas pela íngreme subida do maciço da Serra do Mar, aceitou o desafio nos termos apresentados pelo Barão de Mauá. Uma obra dessa envergadura estava dentro do escopo de sua empresa e era uma oportunidade que não podia ser desprezada, ainda mais num país como o Brasil, com um futuro promissor.

A primeira providência de James Brunlees foi escolher um engenheiro que tivesse vivência e experiência em trabalhar em lugares montanhosos. Brunlees lembrou-se então de um de seus pupilos, Daniel Makinson Fox. Com apenas vinte e seis anos Fox já mostrara habilidades no projeto e construção de uma ferrovia de bitola curta num desfiladeiro localizado ao norte de Gales. Havia ainda outro ponto a seu favor. Daniel tinha participado dos estudos de uma ferrovia nos montes Pirineus, entre a França e a Espanha, portanto já dominava o espanhol. Ainda que o português fosse o idioma falado no Brasil, os diretores ingleses achavam que ele aprenderia rapidamente a língua local.

Chamado a Londres, Fox recebeu instruções para viajar ao Brasil a fim de preparar um projeto e avaliar o custo da construção da ferrovia Santos–Jundiaí, sem esquecer as últimas palavras

proferidas pelos diretores: “Dispomos somente de dois milhões de libras esterlinas para a obra, assim use sua criatividade”. Anos depois, Daniel Fox lembraria vividamente o primeiro impacto que a majestosa Serra do Mar teve sobre ele. Essa serra rochosa, escarpada, coberta de mata atlântica, sempre sujeita a chuvas, que mais lhe parecia o Himalaia, o fez ter a impressão de que toda a verba seria gasta somente para subir a Serra do Mar, nada restando para o trecho do planalto até Jundiaí.



*Paranapiacaba: antiga estação construída em 1875 para o transporte do café do interior de São Paulo.*

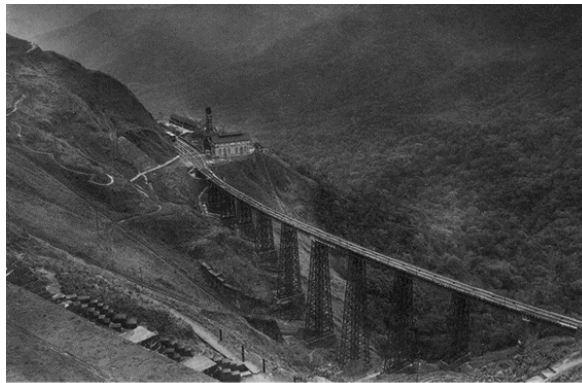
*... pés, joelhos e cotovelos ensangüentados. A subida era muito íngreme neste emaranhado terreno. Demoramos dias e degrau por degrau nós subíamos, através de riachos, escarpas e precipícios, sabendo que a recompensa estava no topo da serra. Para dormir tínhamos que nos amarrar as árvores, para não ser levados pelos riachos que caíam como cascatas. Senhor, damos graças pela formosa vista que avistamos deste belíssimo litoral...”*

Assim o Padre José de Anchieta, relatou, em 1554, sua primeira ascensão da Serra do Mar à procura do planalto, indicado pelo cacique Tibiriçá, em São Vicente.

Sem tempo a perder, Fox conversou muito com os habitantes caiçaras sobre as trilhas, os caminhos e os riachos da serra. Como na época os conhecimentos do terreno eram precários, ele contratou um grupo de muleiros para enfrentar o touro a unha. Realizou inúmeras subidas, chegando a ficar até duas semanas

acampado numa choupana construída numa clareira na mata, de onde avistava a imponente vista do litoral.

Numa dessas incursões à parte alta da serra, Fox deparou com uma vista impressionante, que a mata fechada não lhe tinha permitido ver quando ele se encontrava no vale inferior. Era o topo de uma garganta em V, mais parecido com um precipício, com uma queda d'água sobre o vale do rio Mogi. Rapidamente, Fox percebeu que estava lá o melhor traçado para a ferrovia. Nessa garganta foi construído o viaduto de Grota Funda, com uma estrutura de aço de duzentos e catorze metros de extensão, em curva, que chegava a atingir quase cinquenta metros de altura. Foi considerada a maior obra de engenharia da época no Brasil. Esse novo caminho criou um atalho que reduziu a estrada de ferro em trinta e quatro quilômetros. Seus primeiros cálculos indicavam que por um caminho tortuoso seriam necessários quarenta e dois quilômetros de trilhas, enquanto pelo novo trajeto apenas oito quilômetros — o que, por fim, tornava viável a verba estipulada.



*Construção da São Paulo Railway atravessa a Serra do Mar.*

Quinze meses depois, Daniel Fox retornou à Inglaterra levando todos os seus planos para a construção da estrada de ferro Santos–Jundiaí. James Brunlees analisou minuciosamente o projeto de Fox, e, estando ele dentro do limite de verba de dois milhões de libras esterlinas, deu-lhe seu aval e o aprovou integralmente. A menina

dos olhos do Barão de Mauá, e agora também de Daniel Fox, estava para ser construída.

Com cento e quarenta quilômetros de extensão entre Santos e Jundiaí, e bitola de 1,60 metro de largura, a estrada de ferro foi dividida em três segmentos. Os primeiros vinte quilômetros ligavam o porto de Santos à base da serra em Raiz da Serra; como se tratava de um terreno pantanoso, foi necessária ali a construção de nove pontes. Hoje esse trecho é percorrido em poucos minutos de automóvel pela Rodovia dos Imigrantes e pela Via Anchieta. A execução do terceiro trecho, de Paranapiacaba a Jundiaí, foi mais fácil. Como ele era situado no planalto (hoje corta trechos da região do ABC e da cidade de São Paulo), somente foi necessária a construção de um único túnel, de quinhentos e noventa e cinco metros de extensão.

O desafio que o segundo trecho apresentava, o mais complexo por causa da subida da serra, era vencer, em apenas oito quilômetros, o desnível de setecentos e sessenta e dois metros. Para superar os obstáculos naturais, foram efetuados numerosos cortes de terreno, construídos aterros, muros de contenção, pontes e viadutos. Para transportar os vagões de baixo para cima e de cima para baixo, optou-se pelo sistema funicular, que atendia o orçamento previsto e encurtava as viagens. Consistia de cabos de aço de duas pontas – *tail-end*, ou sem-fim —, tracionados por máquinas fixas localizadas no topo de quatro trechos das rampas. Um vagão a vapor especial, o serra-breque, prendia-se às extremidades dos cabos, e a ele era acoplado um conjunto de vagões, formando comboios de até cinqüenta toneladas que subiam e desciam a serra em contrapeso, servindo-se de um único conjunto de trilhos. O cruzamento se dava no meio do percurso, com um pequeno tramo de linha dupla, e as composições eram desfeitas e recompostas no alto da serra, em Paranapiacaba, ou em sua base, em Piaçaguera. O sistema é similar ao funicular atualmente instalado para as subidas e descidas entre Marina Grande e Piazzetta, na parte alta da belíssima ilha de Capri, no sul da Itália, e ao dos bondinhos do monte Serrat, em Santos.

Inaugurada em 16 de fevereiro de 1867, a estrada de ferro Santos–Jundiaí foi considerada uma das mais elaboradas obras de

engenharia da época e uma das maravilhas do mundo da construção ferroviária de todos os tempos.

*[...] Máquinas fixas de grande força recolhem e soltam uns cabos fortíssimos, feitos de fios de aço retorcido. Presos às duas pontas desse cabo giram dois trens, um sobe, outro desce. [...] O serviço é tão regular e é tão bem feito (sic), que em grandes extensões há um único jogo de trilhos a servir tanto para a subida como para a descida. [...] Na serra de Santos a Paranapiacaba a obra do homem está na harmonia com a serra em que se assenta; à pujança previdente da arte mostra-se digna da magnitude ameaçadora da natureza. (São Paulo de Perfil, ECA/USP, Paranapiacaba, 1999.)*

Na extensa coleção da revista *Ferrovias*, do acervo da Biblioteca da Estação da Luz, encontra-se uma curiosa história sobre o engenheiro Daniel Makinson Fox, então superintendente da São Paulo Railway, que merece ser contada.

No dia 17 de janeiro de 1871 houve um acidente entre uma composição de passageiros e outra de carga, num trecho entre São Paulo e Jundiaí, que resultou na morte de um passageiro e em trinta e quatro feridos. Um zeloso promotor público, o doutor Arthur César Guimarães, imediatamente expediu um mandado de prisão contra o engenheiro Daniel Makinson Fox e outros diretores da ferrovia, que foram conduzidos à Cadeia Pública e responsabilizados pelo acidente. Uma vez encarcerado, o engenheiro Fox determinou que toda a linha da Ingleza fosse suspensa, alegando que, *se no gozo da liberdade não pude evitar o acidente, estando recolhido à prisão, a estrada não poderá oferecer condições de segurança*. Os trens pararam e uma consternação geral tomou conta da cidade. A vida comercial ficou paralisada, imobilizando o fluxo de negócios entre o rico interior paulista e a capital, e também o transporte de passageiros. O café e outras cargas se abarrotavam nos armazéns e os passageiros não tinham como se locomover de uma região a outra. Todo esse caos chegou aos ouvidos do governador da Província.

Indireta e providencialmente, como depois ficaria provado, José Bonifácio de Andrada e Silva (1827–1886), conhecido como o Moço, acabou tendo influência importante nesse caso. Ele estava em Santos, impossibilitado de subir a Serra em virtude da paralisação dos trens, enquanto sua esposa encontrava-se à beira da morte em São Paulo. Quando o engenheiro Fox, ainda na Cadeia Pública,

soube disso, imediatamente ordenou ao chefe da estação de Santos que colocasse à disposição de José Bonifácio o melhor vagão Pullman para transportá-lo a São Paulo.

José Bonifácio chegou a tempo, porém sua esposa veio a falecer. Dias depois, quando conduziam o engenheiro Fox para julgamento, José Bonifácio, como advogado, prontificou-se a defendê-lo em retribuição ao cavalheirismo que ele havia demonstrado. José Bonifácio foi brilhante em sua defesa, conseguindo eximir os diretores da Ingleza de qualquer responsabilidade pelo acidente. A partir daí, estabeleceu-se uma duradoura amizade entre Fox e José Bonifácio.

Existe hoje, em São Paulo, uma vila encravada no bairro da Lapa, na Zona Oeste da cidade, cortada pela estrada de ferro e que pode ser comparada a qualquer vila inglesa. Nomes de ruas como Engenheiro (Daniel Makinson) Fox, William Speers, John Harrison, Jorge Dronsfield, R. Moxei, Engenheiro Aubertin e R. Cavatton homenageiam alguns dos precursores estrangeiros da ferrovia São Paulo Railway. O bairro chega ao requinte de ter uma rua de nome Albion (Lapa de Baixo), romântico para a Grã-Bretanha, e uma viela chamada Stuart Mill, em homenagem ao filósofo e economista inglês John Stuart Mill.

Numa das paredes de tijolos vermelhos da igreja anglicana St. Paul's Church, há uma singela placa de bronze, escurecida pelo tempo, colocada pelos familiares do engenheiro Fox, com a seguinte inscrição:

*À Gloria de Deus e em memória de  
Daniel Makinson Fox  
Engenheiro Chefe e Superintendente da S. P. R. 1867–1880  
Faleceu em 13 de agosto de 1918  
Esta placa foi doada por seus filhos  
Deus lhe dê descanso eterno.*

No alto da Serra do Mar, entre névoa e brumas, como nas histórias das irmãs Brontë, nos morros uivantes de Yorkshire, surgiu um acampamento ao redor das instalações da estrada de ferro que no final do século XIX deu origem à Vila Inglesa de Paranapiacaba.

Essa histórica vila foi projetada nos mínimos detalhes pelos empreiteiros ingleses. Todo o equipamento, bem como o madeirame das casas, foi importado, e a vila foi erguida utilizando-se as mais modernas técnicas urbanas. Assim, durante a construção da linha férrea de Santos a Jundiaí, Paranapiacaba sediou um acampamento com cerca de cinco mil trabalhadores, enquanto a então cidade de São Paulo, capital da Província, contava na época com aproximadamente trinta mil habitantes.

A inauguração do primeiro sistema funicular e de cremalheiras, cujo plano de construção foi elaborado e dirigido pelo engenheiro R. W. Welby, ocorreu em 29 de julho de 1864. Entre as “obras de arte” preservadas até hoje em Paranapiacaba, está a residência do engenheiro-chefe, datada de 1897 e transformada no Centro de Preservação da História de Paranapiacaba. Lá encontra-se também o Museu Ferroviário e o Mini-Big Ben, cópia fiel, porém menor, da famosa torre e relógio das Casas do Parlamento de Londres. A vila, tombada, pertence ao município de Santo André.

Ao chegarem do Reino Unido, os funcionários da São Paulo Railway logo organizaram aqui jogos dos esportes que eles lá praticavam, o críquete principalmente. Os primeiros indícios dessas atividades esportivas inglesas datam dos anos 1870. Com uniformes impecáveis trazidos da Inglaterra, calça comprida e camisa branca de manga longa, os jogos eram disputados num campo perto da Ponte Pequena, ao lado do rio Tietê, época em que os carros eram puxados por mulas; somente eles podiam transitar por lá. O críquete era o passatempo preferido dos britânicos, seu divertimento de fim de semana, e eles nem se importavam com a indiferença que os brasileiros demonstravam por esse esporte — até hoje, aliás, difícil de entender. Termos como *Wickets*, *Mats*, *LBW*, *Howzat*, *Googlie*, *Silly-mid-off* e *Silly-mid-on*, entre outros, passaram a ser ouvidos.

Na década de 1880, as atividades esportivas praticadas pelos funcionários da São Paulo Railway e por outros britânicos que aqui estavam para trabalhar na Companhia de Gaz, no Bank of London, no Western Telegraph, na Electric Company e em outras empresas, foram transferidas para a chácara da família Dulley.

Charles Dimmit Dulley nasceu em 1839, em Pittsburg, no estado americano da Pensilvânia, e em 1861 chegou a São Paulo como

superintendente da construção de túneis para o segundo trecho da ferrovia D. Pedro II. Mais tarde ele se transformaria num dos maiores empreiteiros da construção da São Paulo Railway, estreitando amizade com a comunidade britânica. Aos vinte e sete anos casou-se com Anna (Annie) Luiza Fox (1846–1910), irmã de Guilhermina e Carlota. Tiveram cinco filhos: Charles, Mary, Frederick, Harriet e William.

Dulley faleceu em 1878 — como de costume ajudando os outros —, ao tentar salvar a vida de seu amigo William Fawcett Wightman, também engenheiro ferroviário, e de seu jardineiro Antonio. Dulley caiu no poço ao tentar tirar William e Antonio de lá, uma vez que o local estava envenenado por formicida. A cidade de São Paulo praticamente parou para prestar homenagem a Charles Dulley.

A Chácara Dulley servia como ponto de encontro social e esportivo desses primeiros ingleses que vieram trabalhar em São Paulo. Funcionava também como maternidade, enfermaria e escola infantil. Localizada no Bom Retiro, onde hoje fica a rua Três Rios, perto da Escola de Farmácia e Odontologia, construída em 1905, tinha sido propriedade dos monges beneditinos no século XVIII. Na Chácara Dulley tiveram lugar as primeiras atividades esportivas praticadas pelos britânicos, inclusive as primeiras tacadas de golfe, transformando-se assim no berço do esporte paulistano.

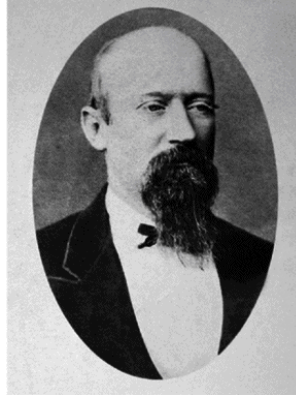
Enquanto isso, São Paulo sofria mudanças. Ainda antes da Guerra do Paraguai, os britânicos haviam desempenhado importante papel nas exportações brasileiras. Com a chegada da ferrovia, a cidade começou a prosperar, bem como a economia cafeeira do interior paulista. Havia necessidade de mão-de-obra para as fazendas, e assim teve início o fluxo migratório de italianos e, em menor escala, de cidadãos de outras nacionalidades. Em 1887, foi construída, no bairro do Brás, a Hospedaria dos Imigrantes, hoje Memorial do Imigrante. Ao chegarem ao porto de Santos, os imigrantes viajavam em vagões da São Paulo Railway para a Hospedaria, e após um descanso de três dias eram enviados às lavouras das fazendas no interior do estado de São Paulo. Entre 1887 e 1920, a Hospedaria acolheu mais de três milhões de imigrantes de várias nacionalidades.

A imigração dos britânicos deu-se de modo diferente, já que eles vieram para o Brasil com o intuito específico de trabalhar na São Paulo Railway e em outras ferrovias, em usinas, indústrias têxteis, empresas de fornecimento de gás e de energia elétrica, áreas em que tinham muita experiência. Vieram engenheiros, técnicos, peritos, mecânicos, escriturários (*clerks*), comerciantes (*entrepreneurs*) e contadores com conhecimentos comerciais e administrativos.

A grande migração britânica após a Revolução Industrial para Canadá, África do Sul, Austrália e outras colônias, bem como para países promissores como Brasil e Argentina, ganhava impulso. De 1850 a 1880, quase sete milhões de britânicos, de uma população de vinte e seis milhões, haviam emigrado em busca de novas oportunidades nessas regiões.

A primeira empresa exportadora a se estabelecer em São Paulo e Santos foi a Holworthy, Ellis & Co. Depois, vieram também, entre outras, F. Stevenson & Co., Michaelson, Wright & Co., F. S. Hampshire & Co., E. Johnson & Co. e Brazilian Warrant. A agricultura e o comércio prosperavam. Empresas britânicas se multiplicavam para explorar as oportunidades comerciais que São Paulo oferecia.

No início de 1880, tendo a comunidade britânica reunido um grupo grande e entusiasta de esportistas, que também desejavam ter um local para realizar seus eventos sociais, viu-se a necessidade de fundar um clube para a prática de esportes ao ar livre, especialmente o críquete. No dia em que a Princesa Isabel decretou a Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, um grupo de britânicos reuniu-se num bar da rua São Bento, justamente com esse objetivo. Entre eles estavam William Snape (presidente-fundador), William Fox Rule, seu cunhado Peter Miller, William Speers, Charles Walker e Percy Lupton, que fundaram o São Paulo Athletic Club, hoje Clube Atlético São Paulo, popularmente conhecido como SPAC, ou clube inglês.



*Charles Dimmit Dulley: um dos engenheiros responsáveis pela construção da São Paulo Railway.*

William Speers (1844–1919), natural da Inglaterra, atuou em 1878 como inspetor da Contadoria Central das Estradas de Ferro Inglesa, Paulista, Ituana e Sorocabana. Em 1914 foi promovido a superintendente da São Paulo Railway, e ainda hoje há uma rua com seu nome em Paranapiacaba e outra em São Paulo. Peter Miller e Percy Lupton, também fundadores do SPAC, eram tios de Charles Miller.

O SPAC deve muito a esses homens de visão, especialmente a William Fox Rule (1869–1914), seu presidente em 1899 e de 1907 a 1912, contribuindo em muito para o bem-estar da comunidade britânica radicada em São Paulo. Rule, além de ter sido um dos fundadores da primeira Bolsa de Valores de São Paulo, junto com William Speers foi também um dos fundadores do Hospital Evangélico de São Paulo, hoje conhecido como Hospital Samaritano.



*Chácara Dulley: berço do futebol brasileiro. Localizada na rua Três Rios, em São Paulo, atualmente abriga o Colégio Santa Inês.*

A primeira deliberação desses entusiastas do recém-fundado SPAC foi obter um terreno para instalar seu campo de esportes. Como o governo da Província desejava que as áreas dos arrabaldes da cidade fossem ocupadas, ofereceu-lhes um terreno em declive no Bom Retiro, próximo ao rio Tietê, freqüentemente invadido pelas águas em dias de chuva (parece que a história não muda). Embora não fosse a melhor das ofertas, os ingleses a aceitaram e continuaram a disputar seus jogos de críquete, à espera de dias melhores. Jogavam aos domingos e seus jogos já não se restringiam a partidas entre amigos; em 1892, receberam uma equipe visitante do Rio de Janeiro e outra da Argentina.

Os representantes do Rio de la Plata chegaram a São Paulo num dia muito chuvoso, o que, entretanto, não abalou o espírito de seus jogadores. *Chove hoje, não tem problema; amanhã, não, o sol sairá*, diziam. Porém, no dia seguinte o céu permaneceu fechado e São Pedro (nosso “homem” do tempo) inundou a cidade, o mesmo acontecendo no terceiro dia. A chuva prosseguiu por doze longos dias, uma chuva como só em São Paulo pode cair. Finalmente, os argentinos viram-se obrigados a abandonar a idéia de jogar e voltaram a Buenos Aires, prometendo retornar no futuro.

Já que a comunidade britânica de Santos também queria participar das atividades esportivas, especialmente do críquete, um grupo se reuniu no escritório da firma Neumann, Gepp & Co. Ltd., liderado por Alexander Kaelman, e decidiram fundar um clube

socioesportivo. Assim, em 15 de agosto de 1889, surgia o Santos Athletic, no bairro de José Menino.

Alexandre Kaelman nasceu em Sydney, na Austrália, e após trabalhar alguns anos na Argentina transferiu-se para a agência santista do London and Brazilian Bank, aberta em 1881. Ele foi um dos primeiros corretores da Bolsa de Santos e a presidiu nos anos de 1910 e 1911. Defendendo as cores da equipe de críquete de Santos, enfrentou o time de Charles Miller muitas vezes.



*William Fox Rule, primo de Charles Miller, foi um dos fundadores do SPAC.*

Entre os membros da primeira diretoria do Santos Athletic Club estava Andrew Miller Junior, tio de Charles. Seu filho, André Peixoto Miller, nasceu em Santos, em 1868, e foi o único da família a seguir os caminhos do primo Charles, porém com uma carreira esportiva mais curta. Jogou futebol sempre como amador no Santos Athletic Club e no Internacional Football Club, disputando muitas partidas amistosas contra equipes santistas e das ligas locais. Uma foto do acervo da família Miller Mello, de 1900, tirada em Santos, mostra André como capitão, ao lado de sua equipe, o Internacional F. C., segurando uma bola de capotão que Charles lhe dera de presente.

Uma nota do jornal *O Estado de S.Paulo* de 15 de agosto de 1894 diz o seguinte:

*São Paulo Athletic Club — A Directoria desse club realiza hoje, ao meio-dia, um jogo de cricket nos terrenos da Chácara Dulley, no qual disputarão 11 santistas (os novos associados do Santos Athletic Club) contra o mesmo número de paulistas.*

Outra nota publicada pelo mesmo jornal um ano antes — já com boa circulação na cidade — destaca em sua edição de 26 de setembro:

*São Paulo Athletic Club — No dia 12 de outubro próximo deve realizar este club uma de suas esplêndidas festas, que constará com corridas a pé, de velocípedes e diversos jogos atléticos sendo conferidos dois prêmios aos vencedores de cada corrida. A inscrição acha-se aberta na casa Levy e será encerrada no dia 30.*

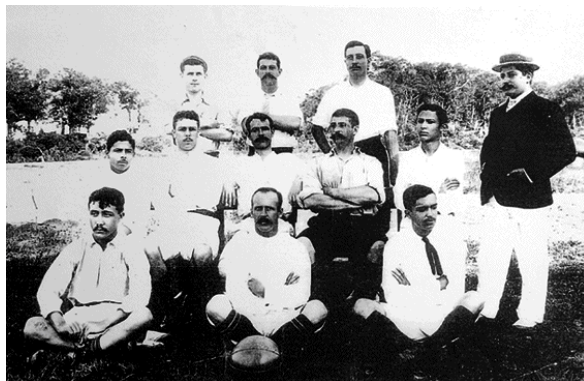
Tudo começava a se tornar propício para a chegada do jovem Charles.

## 5. Missionário da bola

Charles Miller era o cérebro a serviço do futebol.

Jornalista Adriano Neiva (De Vaney), 1954

O Brasil estava mudando muito, e especialmente a cidade de São Paulo que Charles Miller encontrou em novembro de 1894, ao desembarcar no porto de Santos, de volta ao Brasil após encerrar seus estudos na Inglaterra. Em seu retorno, aguardavam por ele sua mãe Carlota, tios e muitos familiares.



*Equipe do Internacional de Santos: Andrew Miller, capitão e primo de Charles Miller, sentado na frente com a bola.*

Dez anos haviam se passado, e quando Charles Miller voltou, a Princesa Isabel, filha de Dom Pedro II, já tinha decretado a Lei Áurea e o Brasil havia passado de Império a República. O presidente era Prudente de Moraes, empossado em 15 de novembro daquele ano. São Paulo crescia depressa, e uma das maiores novidades fora o início da construção, em 1890, da nova avenida Paulista, na parte alta da cidade. Outra novidade para Charles era um viaduto inaugurado em novembro 1892, de estrutura

metálica, construído em Duisburg, na Alemanha, e que tinha sido instalado no morro do Chá, sobre o vale do Anhangabaú, no terreno do Barão de Tatuí. Nesse mesmo ano, também foi fundada a Escola Politécnica de São Paulo.

Trecho de uma carta que Charles Miller escreveu em 1904 para sua escola na Inglaterra, demonstrando o orgulho que sentia por sua cidade e pela ferrovia São Paulo Railway. A carta encontra-se no Acervo Histórico da Banister Court School, no Civic Hall de Southampton:

*A cidade de São Paulo está situada aproximadamente cinqüenta milhas [oitenta quilômetros] a oeste do porto de Santos, e a 3.000 pés [900 metros] acima do nível do mar de Santos. A ferrovia entre Santos e São Paulo pertence a uma empresa inglesa, administrada por ingleses, e dizem que é uma das ferrovias mais bem organizadas do mundo. Os trens saem de Santos e percorrem terreno plano por quinze milhas [dezesesseis quilômetros], depois são puxados ladeira acima na montanha ou serra [do Mar], por sete milhas [onze quilômetros] até uma altura de 3.000 pés, e daí em terreno plano novamente até São Paulo. A maneira de puxar os trens, na descida ou na subida da serra, é por cabos sem-fim, no sistema cremalheira.*

*A atual população de São Paulo está entre 280.000 e 300.000 habitantes, e a maior parte é formada por italianos. Toda a cidade tem aparência européia, como o senhor poderá ver pelas diversas fotos que estou enviando. Ônibus elétricos e bondes transitam pela cidade até os subúrbios, distante umas seis milhas [nove quilômetros] ou mais. A energia elétrica é fornecida por uma grande represa distante quinze milhas [vinte e quatro quilômetros] da cidade, e quase todas as fábricas operam com eletricidade dessa mesma represa. As ruas centrais da cidade estão pavimentadas com paralelepípedos de madeira, segundo entendi, similares aos da High Street [Rua Principal] de Southampton. O clima é muito parecido ao da Inglaterra, e muda muito. Por exemplo, deveria estar quente agora, sendo meados de verão, porém na semana passada os termômetros não passaram de 78 F [25 Celsius], não sendo ainda temperatura de verão.*

De novo instalado na Paulicéia, terra que o tinha visto nascer, e após as festividades natalinas daquele ano junto à família, Charles associou-se ao SPAC, já há seis anos em atividade. Estranhou um pouco não ver nada de *football*, pois nessa época o clube estava todo voltado para o críquete.

A idéia fixa em sua cabeça era difundir aqui o futebol que ele tanto havia apreciado na Inglaterra em partidas memoráveis, tais como o inesquecível jogo que disputara ao lado dos legendários Fry, Wreford-Brown e Smith, do Corinthian inglês, e as partidas com seus colegas e amigos da escola, do St. Mary's e do Condado de Hampshire: Denning, Ellaby, Watson, Edwards, McLeod e Sapper Evans.

Os esportes que estavam na moda quando Charles Miller retornou a sua cidade natal não substituíam seus anseios futebolísticos. Antes do críquete, muito disputado entre os ingleses do SPAC, o turfe foi a primeira diversão ao ar livre a ser cultivada em São Paulo — isso já em 1875 —, e depois veio a ginástica, introduzida pelos alemães. Porém, o primeiro esporte que verdadeiramente interessou o paulistano foi a *pela*, ou *pelota*, originária do País Basco, também chamado de *jai-alai*, *frontón*, *paleta*, *cesta-punta* e *trinquete*. Esse esporte causou furor na época, e os jogadores, chamados de *pelotaris*, abundavam. Qualquer parede era usada como frontis (parede para o arremesso de bola), mas o jogo se profissionalizou de forma tão rápida que acabou caindo em desgraça por causa das apostas em dinheiro que se faziam por suas partidas, apesar dos esforços dos irmãos Redondo — Alfredo, Jaime e Manuelito —, filhos do ilustre homem de letras doutor Manuel Garcia Redondo, em acabar com as apostas e manter o esporte.

O refúgio para os que se afastaram da pelota basca foi o ciclismo. Por influências italiana e francesa, a bicicleta já tinha valor como instrumento de transporte e também de competição. As primeiras corridas livres tiveram lugar por volta de 1893, tanto que o *Jornal da Tarde* (jornal homônimo do JT atual) de 17 de outubro desse ano, vespertino que substituíra a *Gazeta do Povo*, conta, em sua seção policial, que *ontem, por volta das cinco horas, numa das vias transversais à rua da Consolação, quando se empenhavam*

*numa corrida de bicicleta, sucedeu sofrerem fraturas e contusões generalizadas Júlio Morales e Humberto Gutti.*

Esse acidente tinha razão de ser. As ruas de São Paulo não estavam adaptadas para corridas de bicicletas. Havia sido construídas à base de macadame, um piso asfáltico produzido naquele século na Escócia e apropriado tão-somente para o trânsito de carroças, charretes, caleças, tálburis e bonde a burro.

A família Prado teve importância vital na vida paulistana do século XIX. Sua presença e atuação foram essenciais para o desenvolvimento não só do esporte como da própria cidade. Os Prado, comandados por Dona Veridiana Prado, exerceram grande influência na construção de ferrovias, na fundação de bancos e empresas, e principalmente na criação de praças esportivas. Também revelaram-se fundamentais na obtenção do terreno na Consolação onde hoje está situado o Clube Atlético São Paulo, o SPAC.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Charles Miller', written in a cursive style. Below the signature is a horizontal line that tapers to a point on the right side.

*Assinatura de Charles Miller.*

Dona Veridiana Prado nasceu em 1825, num casarão na esquina da rua São Bento com a rua Direita. Seu pai era o terceiro Antônio Prado, o Barão de Iguape, e sua mãe foi Ana Vivência. Matriarca de uma numerosa família e mulher de temperamento forte, Veridiana descendia de pessoas que haviam prosperado muito tanto nos negócios como na política, desde quando o primeiro Antônio Prado chegou de Portugal no início do século XVIII. A fim de que os negócios permanecessem na família Prado, em 24 de junho de 1838 Veridiana casou-se com seu tio, Martinho da Silva Prado. Durante os vinte anos em que permaneceram casados, Martinho e Veridiana formaram uma família notável, com seis filhos, que ajudou a escrever a história de São Paulo e do país.

Seu primeiro filho foi o Conselheiro Antônio Prado, um bem-sucedido empresário e político que administrou a cidade de São Paulo de 1899 a 1911, imprimindo-lhe grande impulso. Martinho Prado Júnior, o segundo filho, nasceu em 1843. Em novembro de 1844, ganhou sua primeira filha, Ana Blandina. O casal viria a ter mais duas filhas, que faleceram depois, com poucos anos de vida. Naquela época, Martinho e Veridiana cuidavam de seu engenho de açúcar, em Campo Alto, no interior de São Paulo, fazendo dele uma fazenda-modelo.

Tiveram mais três filhos. Em 1850 nasceu Anésia, que se casou com Elias Pacheco Chaves, um dos grandes empresários paulistanos da época, e grande aliado e sócio nos prósperos empreendimentos da família Prado. Em 1853 nasceu Antônio Caio Prado, mais conhecido como Caio, que se casou com a jovem Maria Sophia Rudge. Dotado de uma inteligência incomum, era o mais bem-humorado dos Prado. Seu prestígio foi além de São Paulo — de 1887 a início de 1889, Antônio Caio da Silva Prado presidiu a Província de Alagoas, tornando-se em seguida, no mesmo ano de 1889, presidente da Província do Ceará. Caio Prado faleceu logo após voltar do Ceará, aos trinta e seis anos de idade.

Por fim, em 1860, nasceu o caçula e o xodó de Dona Veridiana, Eduardo Prado. Monarquista convicto, como toda a família, foi homem das artes e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Em 1889, passou a combater, por meio de livros e jornais, os atos praticados pelo governo republicano, e por isso teve de se exilar na Europa.



*Equipe de críquete do SPAC: primeira foto após a chegada na escola em 1894. Charles Miller é o jovem em pé, à direita.*

Antônio Prado Júnior, filho do Conselheiro Antônio Prado e de Maria Catharina da Costa Prado, nasceu em 1880. Neto de Dona Veridiana, e grande amigo de Charles Miller, foi um dos primeiros incentivadores de diversas modalidades esportivas, principalmente do ciclismo, pelo qual tomou gosto durante sua estada em Paris.

Por causa da paixão de seu neto pelo ciclismo, Dona Veridiana decidiu construir, em 1892, uma praça de esportes para a prática desse esporte. Com projeto arquitetônico de Tommaso Gaudencio Bezzi, o mesmo idealizador do Museu do Ipiranga, inaugurado em 1895, o Velódromo foi comparado pela sociedade paulistana ao Parc des Princes, em Paris. Localizado no início da subida da rua da Consolação, onde está hoje a Igreja da Consolação, foi a primeira praça de esportes de São Paulo e teve um vínculo muito forte com o princípio do futebol paulista.

Também o golfe se introduzia no país. Seus precursores, os britânicos, não podiam abrir mão de seu esporte predileto, e foi no bairro da Bela Vista que ele começou a tomar impulso em São Paulo. Um grupo de ingleses e brasileiros entusiastas e aficionados decidiu fundar o São Paulo Country Club para a prática do golfe. Como o local situava-se numa região pouco habitada e elevada, ficou conhecido como Morro dos Ingleses, denominação que permaneceu. Foi no Morro dos Ingleses que Charles Miller deu suas primeiras tacadas, mas em consequência do progresso voraz e da especulação imobiliária o São Paulo Country Club foi obrigado a sair da Bela Vista e a se transferir para um local nos limites da vila Mariana com o Jabaquara, naquele tempo regiões afastadas do centro, onde permaneceu até 1915.

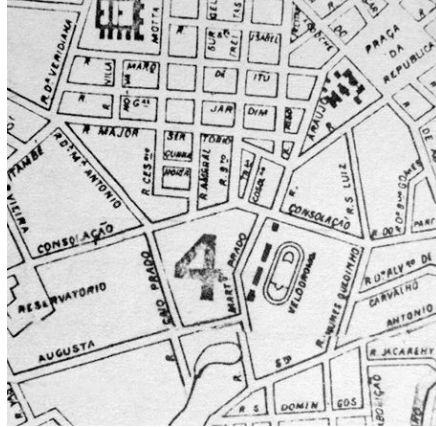
Do remo, a única certeza que se tem é de que, em 1893, ele já era praticado em Santos, introduzido pelos portugueses. Mas somente em 1896, o paulistano freqüentador das margens plácidas e límpidas do rio Tietê, onde se realizavam pitorescos recreios, adaptou os barcos de passeio de aluguel para as disputas de remo entre os *cannotiero* da época.

Charles Miller achava todos esses esportes individualistas demais e sem o espírito coletivo a que estava acostumado. Por isso o futebol lhe era simpático, por ser um esporte de conjunto, de associação. Um esporte que agregava amizade e exercício físico; quase uma irmandade. E foram por essas mesmas razões que o futebol logo passou a atrair a juventude da época.

O período de aclimatação ao novo esporte, porém, não foi rápido. A surpresa de Charles Miller, ao saber, em 1894, que por aqui ainda não se conhecia o futebol, tinha razão de ser. Afinal, o Brasil não estava tão isolado assim da Inglaterra, nem os contatos entre um país e outro eram tão espaçados que impedissem que se conhecesse o esporte que lá já havia sido regulamentado em 1863, que tanto empolgava os britânicos e que rapidamente se alastrava por toda a Europa.

Na Argentina já se jogava futebol desde 1882, doze anos antes da volta de Charles Miller a São Paulo. O professor escocês Alexander Watson Hutton foi quem levou as primeiras bolas e regulamentos à Argentina e lá fundou a Buenos Aires English School. Ensinou a seus estudantes *a consciência esportiva* e o jogo de futebol. Aliás, os mesmos navios da Mala Real Ingleza é que desembarcavam os britânicos em terras brasileiras e argentinas. O primeiro campeonato de Buenos Aires foi disputado em 1893 e vencido pelo Lomas Athletic Club.

A primeira anedota do futebol argentino de que se tem notícia refere-se ao momento de chegada das primeiras bolas e camisetas ao país. A surpresa do fiscal da alfândega foi tão grande diante daquele inusitado material, como seu desconcerto: nas taxas de importação não existia nenhuma cláusula que se aplicasse a tais *objetos*. O fiscal deixou-os passar sem cobrar imposto. Watson Hutton diz que a única explicação que o fiscal deu foi: *Coisa de inglês doido!*



*Planta de São Paulo em 1897: velódromo localizado entre as atuais praça Roosevelt e rua da Consolação.*

Charles Miller imaginou que pelo menos alguns britânicos residentes em São Paulo já deveriam conhecer o futebol. Sim, conheciam, tinham ouvido falar, mas estavam por demais apegados ao críquete para se lançarem a outro esporte.

Aqui começava, portanto, a *missão* de Charles Miller de introduzir o futebol no Brasil.

*Numa tarde fria de outono em 1895, reuni os amigos e convidei-os a disputarem uma partida de football.* Aquele nome, por si só, já era uma novidade, visto que na época somente conheciam o críquete.

— Como é esse jogo? — perguntaram uns.

— Com que bola vamos jogar? — indagaram outros.

— Eu tenho a bola. O que é preciso é enchê-la — respondeu Miller.

— Encher com o quê? — perguntaram.

— Com ar — retrucou Miller.

— Então vá buscar a bomba que eu encho — respondeu um dos jogadores de críquete.

Foi assim que Charles Miller relatou seu primeiro treino em solo paulistano, para a revista *O Cruzeiro*, em 1952.

Naqueles primeiros ensaios feitos nos terrenos da Várzea do Carmo, hoje parte do complexo do Parque Dom Pedro, Charles Miller levou a bola e não se limitou a ensinar futebol aos britânicos, mas também a catequizá-los. Os sócios do São Paulo Athletic Club

começaram a gostar do novo esporte, e aos poucos foi aumentando a frequência dos animados treinos e bate-bolas na chácara da família Dulley.

Charles Miller começou sua vida profissional na São Paulo Railway, a mesma empresa onde seu pai e seu tio Andrew trabalharam. Para iniciar seu aprendizado, ele foi lotado no almoxarifado do terminal de cargas da São Paulo Railway no Pari, perto da chácara onde tinha nascido. Morava com sua mãe, Carlota, na chácara de seus avós Henry e Harriet, que haviam falecido fazia pouco tempo. Quase sempre ia ao trabalho no bonde a burro, transporte de tração animal, ou mesmo numa charrete da família.

O terminal de cargas do Pari, também conhecido como Porto do Planalto, era o grande entreposto da cidade; ali se embarcavam e se recebiam mercadorias, o que levou a uma concentração de armazéns e atacadistas na região. Seu trabalho consistia em registrar ou preparar os formulários fiscais das mercadorias vindas do interior da Província e que seriam embarcadas no porto de Santos, assim como das mercadorias importadas que chegavam nos navios europeus.

Como em todas as empresas britânicas, o horário de trabalho era sagrado, com uma hora para o almoço, de segunda a sexta-feira. O sábado era o dia reservado para o esporte e o domingo para a missa na igreja anglicana da rua do Carmo.

O sábado era o dia ideal para Charles ensinar futebol a seus amigos e colegas, mas no início não foi nada fácil. Charles começou pelo bê-á-bá: chutes, cobrança de lateral, pênaltis, dribles, tiros indiretos, escanteios, passes, marcação, *chegar junto*. Aos poucos, ia procurando quem se destacasse entre seus colegas britânicos da São Paulo Railway, da Companhia de Gás (São Paulo Gaz Company) e do London Bank, e intensificando os treinamentos.

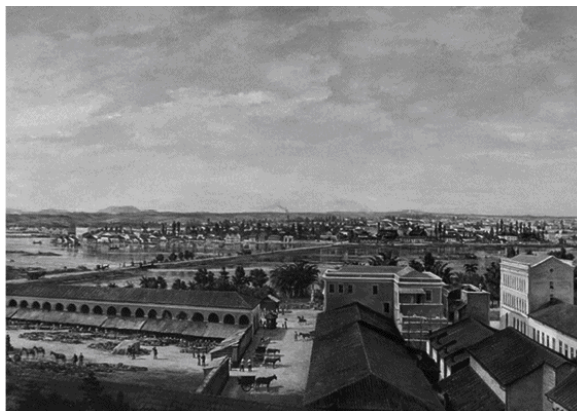
Esses treinos valeram muito, e serviram para que a cidade ficasse sabendo, como escreveria em São Paulo o jornalista carioca Celso de Araujo a seu colega Alcino Guanabara, *que lá pelos lados da Luz, do Bom Retiro, um grupo de britânicos, maníacos como eles só, punham-se, de vez em quando, mais propriamente aos sábados, dia de descanso laboral, a dar pontapés numa coisa parecida com bexiga de boi, dando-lhe grande satisfação e pesar, quando essa*

*espécie de bexiga amarelada entrava num retângulo formado por paus.*

Pouco a pouco foi se preparando o terreno para o primeiro jogo, que foi disputado na Várzea do Carmo em 14 de abril de 1895. Cronistas da época como Leopoldo Sant'anna e Paulo Várzea são unânimes em apontar essa data como o dia do primeiro jogo de futebol conhecido no Brasil.

*Realizamos o primeiro ensaio em terras brasileiras no ano de 1895, precisamente na Várzea do Carmo, nas proximidades da rua do Gasômetro e da rua Santa Rosa. Para isso, reuni um grupo de britânicos da Companhia de Gás, London Bank e São Paulo Railway. É interessante lembrar que essa primeira tentativa foi efetuada com a bola do jogo disputado em 1894, que me foi presenteada por um companheiro de seleção do Condado de Hampshire, que mais tarde presidiu a Liga de Futebol da Inglaterra.*

*Logo que nos sentimos mais traquejados, e que o número de praticantes do jogo tinha crescido, convoquei a turma para o primeiro cotejo regulamentar: "The Gas Works Team", que era integrado por empregados da companhia, contra "The São Paulo Railway Team", formado por funcionários desta ferrovia. Foi em 14 de abril de 1895. Ao chegar ao capinzal, a primeira tarefa que realizamos foi enxotar os bois da Cia. Viação Paulista, que tosavam a relva pacificamente. Logo depois iniciávamos nosso jogo, que transcorreu de forma interessante, sendo que alguns dos companheiros jogaram mesmo de calças compridas, por falta de uniforme adequado. Venceram os da São Paulo Railway por 4 a 2, entre os quais eu me encontrava.*



*Várzea do Carmo em 1892. Quadro de Benedito Calixto.*

*Quando deixamos o campo já havíamos assumido o compromisso de promovermos um segundo jogo. A exclamação geral dos que tinham disputado esse jogo histórico, entre eles William Snape, Wood, Sparks, Taylor e seus dois filhos, Blacklock, Crewe, Bley, Carter e outros, foi esta: “Que ótimo esporte, que joguinho bom”.*

Esse depoimento foi dado por Charles Miller ao jornalista Thomaz Mazzoni. O jogo foi disputado sob as mesmas dezessete regras estabelecidas em Londres, em 1863, na reunião da Associação Britânica de Futebol. Os times alinharam-se com um goleiro, dois defensores, três no meio-campo e cinco atacantes. Salvo poucas modificações, como a lei do impedimento, essas regras continuam em vigor até hoje.

O sonho que Charles Miller havia acalentado no gélido dormitório de camas enfileiradas de seu internato na Grã-Bretanha tornava-se realidade. Quando era difícil dormir, mesmo vestindo camiseta e meias de lã por baixo do pijama para, literalmente, não morrer de frio, sonhava com seu país tropical. Apesar do tradicional *porridge* – mingau de aveia – para levantar o espírito, e de estar sempre bem-disposto para os esportes do dia, a saudade batia forte. Mas Charles sabia que era apenas uma questão de tempo, que um dia voltaria ao clima cálido de sua terra natal.

O adversário da equipe montada por Charles Miller para esse primeiro jogo era também uma empresa britânica — a São Paulo Gaz Co. —, que desde 1869 contribuía para o desenvolvimento urbano da cidade e tinha a concessão para cuidar de sua iluminação. O carvão vinha da Inglaterra em navios fretados e era armazenado na vila Buarque e no Brás. Anos depois, Norman Biddell, contador dessa empresa, também se tornaria sócio do SPAC e muito amigo de Charles Miller.

Muita gente foi ver o que faziam os britânicos lá pelas bandas do Bom Retiro. E a maioria gostou do que viu. Muitos quiseram saber

como é que se jogava aquilo, e dessa curiosidade nasceu um interesse real. Com o interesse, veio a propaganda informal, a difusão. Em pouco tempo, pelos lados da Luz e da Ponte Grande, as bolas de borracha já não eram apenas jogadas com as mãos; também os pés entravam em ação. Pedras faziam as vezes de traves, e a meninada da época, o garoto da rua, o mesmo garoto que já homem, anos mais tarde, se tornaria figura central de aplaudidos espetáculos de futebol varzeano, passou a ter contato com a bola nos pés, embora sem saber ainda como se jogava direito aquele tal de futebol.

Nas ruas se reproduzia um pouco do que acontecia na Chácara Dulley, tal como hoje se dá com quem não pode jogar seu futebol nos estádios de futebol. Aqueles garotos de rua que viam, espantados, os britânicos correndo atrás de uma bola de capotão foram os semeadores do futebol das beiras de calçadas, do futebol dos terrenos baldios, do futebol dos quintais estreitos e dos pátios de colégios.

Uma bola de pano, de papel, de meia, duas traves marcadas com pedras no chão, distantes três ou quatro metros — bastava isso para imitar o que faziam os britânicos do Bom Retiro.

Pero Vaz de Caminha, escrivão da frota de Pedro Álvares Cabral, assim escreveu em 1500 ao Rei de Portugal em suas famosas “Cartas ao Rei”:

*“Águas são muitas, infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem.”*

Esta primeira descrição da abundância no Brasil foi popularmente rebatizada como “em se plantando tudo dá”. O Missionário tinha feito o seu trabalho inicial de catequizador. A primeira semente tinha sido bem plantada, e os frutos estariam logo a brotar.

## 6. Amadores até a medula

Augusto, assim não, assim com a gravata torta, não.  
Não consinto que jorges assim.

Professor Shaw, do Mackenzie College, 1899

Corria o ano de 1896, e os alegres associados do SPAC, sob a batuta de Charles Miller, disputavam seus animados jogos de futebol na Chácara Dulley aos sábados e feriados, no campo agora totalmente adaptado para o novo esporte.

Antônio Figueiredo, autor de um dos primeiros livros sobre o futebol paulista, *A História do Futebol em São Paulo*, bem como o jornalista Leopoldo Sant'anna em seu livro *Supremacia e Decadência do Futebol Paulista*, além de jornalistas esportivos renomados como Paulo Várzea, Thomaz Mazzoni e Adriano Neiva, são todos unânimes em afirmar que Charles Miller foi o introdutor do futebol no Brasil. Thomaz Mazzoni deixou como contribuição a mais completa obra que o Brasil possui sobre o início do futebol — *História do Futebol no Brasil 1894–1950*.

Ainda assim, de tempos em tempos, surge quem queira recriar a história do futebol brasileiro, levantando a tese de que teria sido dos padres jesuítas do Colégio de Itu a primazia de introduzir o futebol no país. Essa versão não é nova, e já foi refutada inúmeras vezes pelos jornalistas, escritores, cronistas e historiadores citados. Foi também discutida, e descartada, na Câmara Municipal de São Paulo durante um debate ocorrido em 1954, quando no dia 7 de junho se promulgou o decreto no 15.635, que dava o nome de Praça Charles Miller, *ad eternum*, por proposição do vereador Berlinck Cardoso, à praça defronte do estádio Paulo Machado de Carvalho, o Pacaembu.

Ninguém duvida que nos colégios jesuítas possa ter havido jogos de bola com os pés, como aqueles disputados nos colégios

ingleses de Eton e Harrow na hora do recreio. Porém não eram jogos organizados, que seguiam as regras da Association Football. Marinheiros britânicos também foram vistos com bolas de futebol nas praias dos portos brasileiros em que atracavam, jogando suas peladas na areia, totalmente alheios à gente em volta. Quando o navio zarpava, a bola viajava com eles para outros portos, de Belém ao Rio Grande do Sul.

*Só por teimosia, por vontade de fazer ruído, ou — o que é mais provável — pelo desejo, fútil, de aparecer em desusado relevo, é que certos cidadãos surgem, de quando em vez, no cenário do futebol nacional, a afirmar que existem dúvidas, sérias dúvidas, quanto à prioridade de Charles Miller como introdutor do futebol no Brasil. Evocam esses pseudos-historiadores, que mais não passam de deploráveis confusionistas, uma balela, há muito veiculada, no Rio de Janeiro, que o futebol teria sido praticado, antes de 1896, no Colégio Anchieta, na Nova Friburgo. Houve, também, quem afirmasse em reportagem feita pela A Noite, do Rio de Janeiro, em 1937, que fora Itu.*

O texto, extraído do artigo “Escrevendo uma História”, escrito em 1954 pelo jornalista esportivo Adriano Neiva, também conhecido pelo pseudônimo De Vaney, ganhou o primeiro prêmio do concurso comemorativo do 60o Aniversário da Introdução do Futebol em São Paulo. Para colocar uma pá de cal no assunto, Antônio Figueiredo também foi feliz em sua abordagem sobre o surgimento do futebol no Brasil: [...] *antes do Charles Miller poderia ter havido bolas, mas não existia o futebol; como poderá haver mar, sem haver natação; touro, sem tourada; ou aplicando-se aos confusionistas — cérebro, sem haver inteligência.*

Se o São Paulo Athletic Club foi o primeiro clube social esportivo em São Paulo, o Mackenzie College, escola fundada em 1886 pelos presbiterianos dos Estados Unidos, foi a primeira agremiação criada por brasileiros. Recém-chegado dos Estados Unidos, o professor Shaw iniciou, em 1896, as atividades esportivas do Mackenzie College, situado na Rua Maria Antônia, no bairro da Consolação. Sendo um entusiasta do rúgbi e do cestobol, hoje chamado de basquete, tentou introduzir esses esportes na escola. Há uma passagem curiosa sobre os primeiros treinos de cestobol no Mackenzie. Conta-se que o professor Shaw não se cansava de gritar no pátio da escola: *Com o pé, não! Com o pé não vale. Com a mão! Só com a mão!*

Mas para os alunos do Mackenzie o que valia mesmo era com o pé, e lá iam eles, chutando a bola — assim a bola de cestobol teve que servir, no Mackenzie College, como bola de futebol.

Shaw não tinha pensado em introduzir o futebol, porém quando viu que o rúgbi e o cestobol foram rejeitados pelos alunos, que consideravam o primeiro muito brutal e o segundo um esporte desajeitado, resolveu aderir ao novo jogo. Assim, em 18 de agosto de 1898, nasceu a Associação Atlética Mackenzie College, que entre seus primeiros jogadores teve como destaque Edgard Barros e Belfort Duarte, este também um de seus fundadores.

Nascido em São Luís do Maranhão, João Evangelista Belfort Duarte foi uma figura lendária no futebol brasileiro, e sua história é das mais interessantes. Em 1905, em virtude de sua amizade com Charles Miller, e também pelo fato de a equipe dos ingleses haver perdido vários jogadores das campanhas vitoriosas de 1902, 1903 e 1904, ele passou a jogar no SPAC. Naquela época não existia compra e venda de jogadores, nem contratos. Tudo era fechado na base da amizade. Entre 1905 e 1906, Belfort Duarte disputou onze partidas pelo SPAC. Ao se mudar para o Rio de Janeiro em 1908, passou a jogar pelo América Futebol Clube, tradicional equipe carioca, fundada em 1804. Também fez parte do time campeão da Liga Carioca de 1913.

Em 1909, o Barão do Rio Branco, então ministro de Relações Exteriores, tornou-se Presidente de Honra do América, e nesse mesmo ano, no jogo América e Botafogo, Belfort Duarte introduziu uma novidade, hoje utilizada por todas as equipes de futebol do mundo: a saudação dos jogadores à torcida e ao adversário logo depois que entram em campo. Belfort Duarte atuou pela última vez no dia 11 de julho de 1915. É reconhecido como um dos maiores cultores do *fair-play* (jogo limpo) e modelo de disciplina. Jamais foi expulso de campo, embora atuasse na defesa, numa época em que os defensores abusavam da virilidade.

Um trágico acontecimento tirou a vida de Belfort Duarte. Em novembro de 1918, quando convalescia da epidemia de gripe espanhola numa fazenda no interior fluminense, foi assassinado aparentemente sem motivo, o que causou consternação no mundo do futebol. Por causa de seu cavalheirismo no jogo, em 1945 o

Conselho Nacional de Desportos criou o Prêmio Belfort Duarte para ser entregue ao atleta profissional que passasse dez anos sem ser expulso.

Outros fundadores da Associação Atlética Mackenzie College foram o dentista Walter Jeffery (1881–1964), que mais tarde viria a se destacar na equipe do SPAC nos primeiros campeonatos paulistas; Ibanez Moraes Salles, um de seus melhores jogadores, que anos depois transferiu-se para a equipe do Clube Athletico Paulistano; Alcício de Carvalho, excelente velocista das pistas de atletismo; o professor Shaw; Augusto Guerra; e Saturnino, o poeta.

Em março de 1897, chegou a São Paulo outro personagem que também muito contribuiria para a propagação do futebol no Brasil: o alemão Hans Nobiling, que havia jogado futebol em sua terra natal, tendo sido capitão do Sport Club Germânia de Hamburgo. Na mala trazia duas coisas que julgava preciosas para firmar de vez seu ideal: uma bola de futebol e uma cópia dos estatutos de seu clube hamburguês. Pretendia difundir aqui a prática do futebol, sem nem imaginar que desde 1895 Charles Miller já o praticava com seus colegas ingleses. Hans Nobiling conta como foi sua chegada:

*Logo ao chegar senti falta, no clima da Paulicéia, então muito mais quente que hoje, do balão de couro. Na colônia alemã, onde naturalmente fiz minhas primeiras relações, verifiquei que meus conterrâneos mantinham-se fiéis à sua velha mania da ginástica clássica, para cuja prática dispunham da famosa "Turnerschaft 1890", informando-me que para o futebol, havia alguma coisa para os lados do Bom Retiro e para as bandas do Mackenzie College. Tal como Charles Miller em 1894, eu também trouxera da Europa uma bola, e os estatutos de meu grêmio hamburguês.*

*Como havia eu de interessar meus compatriotas da colônia, no futebol, preocupados com clubes de ginástica desde 1876? Em busca de inspiração tratei de dar uma espiada na Chácara Dulley e ali, dei com dois quadros do São Paulo Athletic Club em franca atividade com animados jogos, verificando logo a existência de jogadores de classe como Charles Miller e Jeffery. Conversei com ambos e com o Sr. Crewe, e logo verifiquei que eles mantinham o jogo em círculo fechado, e no Mackenzie, pela predominância da educação anglo-americana, a coisa era igual, e os colegiais jogavam aos sábados, como na Grã-Bretanha.*

Aqui faz-se necessário um esclarecimento histórico de ordem religiosa. Desde tempos imemoriais, na Grã-Bretanha somente se disputavam partidas de quaisquer esportes aos sábados, uma vez que o domingo era um dia dedicado ao Senhor. Leis antigas proibiam a venda de ingressos para eventos de entretenimento de

qualquer tipo aos domingos. Com o advento da televisão e depois com a intervenção da primeira-ministra Margaret Thatcher, as leis foram modificadas, e a partir da segunda metade do século XX permitiu-se que a Associação de Futebol da Inglaterra — bem como outras entidades esportivas — programasse alguns jogos aos domingos, para a transmissão pela televisão. E assim é até hoje.

Um fato que Hans Nobiling estranhou era que os ingleses do SPAC praticavam o *passing game*, ou jogo de passes, ao contrário do que ocorria na Alemanha, onde o jogo corria mais pelo alto. Sendo um exímio driblador, Charles Miller havia introduzido a técnica do passe no Brasil, pois era assim que ele jogava na Inglaterra. O futebol mais rápido, generoso em passes, visava chegar de forma mais direta ao gol adversário nas canchas secas e duras do sul da Inglaterra, onde Charles atuara.

O jogo de passes teve origem na Escócia, com a equipe do Queen Park Rangers. Com a introdução das dezessete regras, e a modificação, em 1867, do *offside*, ou lei do impedimento, na qual três jogadores tinham de estar entre o último atacante adversário e o gol, a estratégia para atacar e marcar gols precisou ser revista, e o jogo de passes passou a ser o preferido. Em lugar do lançamento longo para que o atacante corresse atrás da bola, era necessário que os jogadores do meio-campo e os atacantes fossem tabelando para tentar chegar à área adversária com mais facilidade, sem ser pegos em impedimento. Em 1925, a regra do impedimento foi alterada para dois jogadores, o que revolucionou o futebol e imediatamente fez aumentar o número de gols marcados.

Nobiling atribuiu a característica dos passes ao gosto pessoal de Miller, que era um emérito driblador, um *expert* em passes, tinha domínio da bola e definições precisas contra o gol. Quando estudava na Inglaterra, Charles Miller inventou um lance no qual ele levantava a bola a meia altura com a sola ou o lado externo do pé enquanto corria, passando a bola por cima da cabeça e a dominando no momento em que ela caía. Batizado como *charles*, o lance ficaria famoso na gíria futebolística anos depois como *chaleira*. Charles Miller utilizou muito dessa sua jogada predileta nas partidas dos primeiros campeonatos da Liga Paulista. Seus ensinamentos no que diz respeito a dribles trouxeram benefícios ao

futebol brasileiro, mostrando a eficácia desse tipo de recurso hábil e de como se posicionar na área para arrematar em gol; seu espírito esteve presente em todas as gerações de jogadores geniais que o Brasil produziu. Foi ele o construtor do berço do famoso futebol-arte do brasileiro, hoje tão admirado no mundo inteiro.

“Um pequeno corpo de coração grande”, escreveu o famoso bardo inglês William Shakespeare em sua obra *Henrique V* ao retratar a pequena e briosa Inglaterra após a vitória na Batalha de Agincourt, na França, em 1415. Charles Miller, com seu 1,66 metro de altura, jamais se incomodou com os beques grandalhões que enfrentou durante sua carreira. Como sabia driblar muito bem, desvencilhava-se com categoria de muitos brucutus. E pode-se dizer o mesmo de grandes jogadores de baixa estatura que trilharam o caminho de Charles Miller, como Zito, Tostão, Rivellino, Romário e Zico, além de: o húngaro Ferenc Puskas e o francês Raymond Kopa, estrelas que se destacaram no Real Madrid da década de 1950; Omar Sívori, craque argentino, ex-River Plate e supercampeão pela Juventus de Turim no início dos anos 1960; Josef Masopust, da Tchecoslováquia, e Dragoslav Sekularac, da ex-Iugoslávia, dois excelentes jogadores que brilharam na Copa do Mundo do Chile em 1962; o argentino Maradona; e Kevin Keegan, craque inglês dos anos 1970.

Em 1898, então com vinte e quatro anos, Charles Miller despediu-se da São Paulo Railway e ingressou como funcionário do The London and Brazilian Bank Ltd., onde trabalhou até o último dia de dezembro de 1899. A principal razão que o levou a mudar de empresa foi aperfeiçoar seus conhecimentos contábeis e administrativos, e nessa firma bancária de renome ele aprendeu rotinas de trabalho que muito o ajudariam no futuro.

Nessa época, Miller deixou crescer um largo bigode, similar ao de seu pai, que por muitos anos foi sua marca registrada. Era moda nesses tempos, não somente no Brasil como no mundo todo, cultivar um farto bigode, afinado nas pontas e frondoso no centro. Bigodes eram considerados sinais de status, e muitos políticos e empresários mantinham-nos bem-aparados. Todos os homens da família Prado usavam bigode e alguns também barbas, apesar de não tão frondosas como a de Dom Pedro II. Outros personagens da

Primeira República que exibiram bigode como um sinal de distinção foram o Marechal Deodoro da Fonseca, Manuel Ferraz de Campos Salles, Prudente de Moraes, Afonso Pena, Venceslau Brás, Delfin Moreira, Eptácio Pessoa e Washington Luís. Anos depois, especialmente durante a Segunda Guerra Mundial, o bigode seria imortalizado pelos pilotos e brigadeiros da Força Aérea Britânica, a RAF.

Inicialmente, Hans Nobiling reuniu-se com amigos de diversas nacionalidades que já se dedicavam a exaustivos treinos vespertinos na Chácara Dulley. Quando sentiu que sua equipe (que recebera o nome de Hans Nobiling Team) estava a ponto de bala, desafiou o São Paulo Athletic. Os ingleses, porém, não devem ter acreditado nos progressos do time de Hans Nobiling, pois nem se deram ao trabalho de responder. O mesmo desafio foi feito então ao Mackenzie College, que imediatamente o aceitou. O time do Mackenzie estava muito bem treinado, pois jogava todos os dias no campo do colégio.

Realizado na histórica data de 5 de março de 1899, Mackenzie College contra Hans Nobiling foi o primeiro jogo disputado entre clubes no Brasil, e terminou num empate sem gols. Nesse dia, o Mackenzie estreou seu novo uniforme, camisa vermelha e gravata branca, e quando o professor Shaw viu um jogador entrar em campo um tanto desalinhado, gritou: *Augusto (Guerra), assim não, assim com a gravata torta, não. Não consinto que jogues assim.* Só depois de arrumar a gravata Guerra foi autorizado a jogar. Eram tempos do futebol elegante. A equipe do Mackenzie nesse jogo: Shaw; Guerra e Stewart; Silveira, Nogueira e o poeta Saturnino; McKnight, J. Nogueira, Eppinghaus, Pyles e Jesse David. Uma partida que foi como acionar um dínamo, pois com ela o futebol paulista entrava definitivamente em campo.

Ao tomar conhecimento da realização do jogo, o São Paulo Athletic Club interessou-se por detalhes. *O pessoal levava jeito?* O Mackenzie soube da curiosidade de Charles Miller e do São Paulo Athletic Club, mas fez-se de desentendido. O convite do SPAC ao Mackenzie veio então solene, como é próprio dos britânicos. Tinha até hora marcada para o chá, após o jogo. O Mackenzie aceitou.

Nesse ano de 1899, o São Paulo Athletic Club deu um passo importante ao arrendar, por um período de dez anos, um terreno de propriedade de Dona Veridiana Prado, numa travessa da subida da rua da Consolação, junto à Caixa d'Água. A primeira providência dos associados foi nivelar o terreno e instalar ali um campo de futebol, no qual o críquete também seria disputado. Também foi construída a primeira sede, chamada de Pavillion, hoje popularmente conhecida como Town Club.

Assim, em 12 de março de 1899, disputou-se o que se poderia classificar como o primeiro jogo internacional realizado no Brasil, uma vez que a maioria dos jogadores do Mackenzie eram brasileiros, contra os ingleses do São Paulo Athletic Club. A vitória coube à equipe de Charles Miller, por 3 a 0, em partida disputada no novo campo do SPAC, na Consolação. Depois do jogo, os atletas do SPAC cumprimentaram os mackenzistas e, com a tradicional sobriedade inglesa, afirmaram que eles haviam começado *very well*. O resultado foi muito festejado pelo Mackenzie, pois seus jogadores acreditavam que seriam massacrados pelo SPAC.

A partir desse jogo, começou a aumentar o intercâmbio entre as equipes, e as disputas se tornaram mais freqüentes. Em 22 de abril, o Hans Nobiling Team, com novos elementos em sua equipe, entre eles os irmãos Henrique José e René Vanordem, venceu o Mackenzie por 1 a 0. Uma revanche foi disputada em 13 de maio, com empate de 1 a 1. Esses dois jogos foram realizados na Chácara Dulley. O novo desafio, marcado para 30 de julho, teve vitória do Hans Nobiling Team por 1 a 0. Outra revanche, e dessa vez o placar foi maior, 4 a 1, mas a favor do Mackenzie.

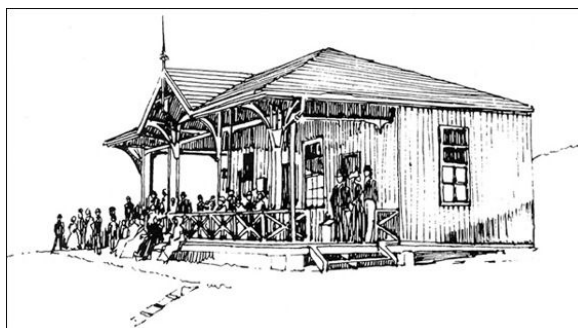
Sem desanimar, os jogadores do Hans Nobiling Team enviaram um desafio ao São Paulo Athletic Club que os ingleses do SPAC levaram dois meses para aceitar. A equipe, a essa altura, estava bem entrosada, e nela figuravam jogadores como Robinson, Duff, Herbert Boyes, Frank Hodgkiss, Percy Crewe, Norman Biddell, Walter Jeffery e o capitão Charles Miller. O jogo foi realizado na tarde de 29 de junho de 1899, feriado que celebrava o dia de São Pedro e São Paulo, padroeiros da cidade. O público, um recorde para jogos de futebol no Brasil daquela época: sessenta pessoas. O SPAC venceu por 1 a 0, resultado que mostrou bem o equilíbrio do

jogo. Ao Hans Nobiling Team iam se integrando elementos de valor: Rene Vanorden, Villa Real, Mikulasck, Jack Robotton, Savoy, White e Wahnschaff.

Na equipe do SPAC, outro jogador começou a se destacar. Herbert John Singleton Boyes (1881–1947) nasceu em Swinton, cidade vizinha de Manchester, na Inglaterra. Junto com seu pai Simeon Boyes (1855–1915), também vindo da Inglaterra, fundou em 1895 a empresa têxtil S. Boyes & Cia. em São Paulo e Piracicaba. Herbert Boyes foi um dos fiéis escudeiros de Charles Miller nas primeiras equipes de futebol do SPAC, revelando-se, inclusive, um magnífico artilheiro. Foi o jogador que mais jogos disputou pela equipe: sessenta e três nos campeonatos paulistas realizados entre 1902 e 1912. Em junho de 1914, Herbert Boyes casou-se com Elvira Sterry na Igreja Anglicana de St. Paul's Church, na rua do Carmo, e em 1942 tornou-se presidente da diretoria do SPAC.

Outro jogador de vital importância para o SPAC foi Norman Biddell. Ele disputou trinta e seis jogos pelo clube inglês, fincou raízes no Brasil e em 1908 casou-se com Ellen Gray. Um de seus filhos, Norman R. Biddell, alistou-se nas Forças Aliadas na Segunda Guerra Mundial, falecendo em combate. Hoje seu nome consta no Hall of Honour, inscrito numa placa de bronze colocada no saguão de entrada da sede do SPAC, na Consolação, que homenageia a memória dos associados falecidos nas duas grandes guerras.

Jack Robotton, nascido na Inglaterra, inicialmente aparece defendendo o Hans Nobiling Team. Em 1904, a pedido de seu amigo Charles Miller, passou a jogar pelo SPAC, e disputou 21 jogos pelo clube da Consolação. Robotton trabalhou na Light durante toda sua vida, porém faleceu ainda jovem em 1921, e deixou descendentes em São Paulo e no Rio de Janeiro.



*Ilustração da sede do SPAC em 1901.*

No quarto jogo entre o Hans Nobiling Team e o Mackenzie, houve empate de 1 a 1. Os britânicos do SPAC queriam disputar mais uma partida contra o Hans Nobiling, pois não estavam de todo satisfeitos com a vitória por 1 a 0 que haviam obtido antes sobre eles. Acreditavam que poderiam ampliar a contagem. E ampliaram mesmo, vencendo o SPAC por 4 a 1.

O Hans Nobiling Team sentia que precisava se organizar melhor, e no dia 19 de agosto de 1899, sempre instigados por Hans Nobiling, seus integrantes resolveram constituir um novo clube. Para essa primeira reunião, Antônio Campos ofereceu o quarto que ocupava no número 5 da rua Senador Queirós, esquina com a rua Augusta de Queirós, numa casa grande e senhorial, como eram na época as casas situadas no centro da cidade. Após um animado debate, o resultado da votação decretou, por quinze votos, o nome do novo clube: Sport Club Internacional; houve cinco votos para o Sport Club Germânia e um voto em branco.

A maioria havia sancionado o nome Internacional porque no quadro, além de alemães e brasileiros, havia jogadores de outras nacionalidades, como os ingleses William Holland, N. Edwards, A. Savoy e Robotton. Dessa maneira nasceu o Sport Club Internacional, e seu primeiro presidente foi Antônio Campos, com Henrique José Vanorden como vice-presidente. Seu irmão René Vanorden iria dirigir a equipe.

Os irmãos Henrique José (1878–1919) e René Vanorden (1881–1927) eram de origem holandesa, nascidos no Rio Grande do Sul. Ambos estudaram na Suíça e dirigiram a empresa Casa Vanorden,

uma renomada tipografia paulista situada na Mooca e fundada por seu pai.

Hans Nobiling e seus conterrâneos naturalmente preferiam o nome Germânia e, não concordando com o veto à sua proposta, retiraram-se da reunião, embora sem alarde, acompanhados dos irmãos Wahnschaff. Nobiling pôs-se em atividade, e com tanta competência e rapidez, que, dezoito dias após o surgimento do Internacional, fundou o clube que levaria o nome de sua agremiação de Hamburgo: Sport Club Germânia. Isso ocorreu em 7 de setembro de 1899, na rua da Mooca, na residência de seu conterrâneo Rudolf Wahnschaff. O Germânia recebeu as cores azul e preta em homenagem à matriz de Hamburgo. Wahnschaff, A. Ravache, O. Boehmar, Kawall, Jorge Riether, Whitte e E. Deininger assinaram a ata de fundação do que é hoje conhecido como Esporte Clube Pinheiros e que ocupa um enorme quadrilátero entre as ruas Tucumã, Hans Nobiling, Angelina Maffei Vita e a avenida Faria Lima. O Esporte Clube Pinheiros formou atletas renomados em suas bases, que defenderam o Brasil com brilho e trouxeram muitas medalhas para o país em competições olímpicas e pan-americanas.

O primeiro campo escolhido pelo Sport Club Germânia foi a Chácara Witte, que ficava nos fundos da Chácara Dulley, e onde já estava instalado o Internacional. Na Chácara Witte o Germânia treinava com o Mackenzie, e uma grande camaradagem imperava entre as equipes. Quando um clube saía vencedor, mesmo num treino, sem compromisso de resultados, celebrava-se o triunfo com uma *salamandra*, a tradicional chopada alemã.

Falta ainda apresentar um terceiro personagem a quem o futebol paulista muito deve. Se Charles Miller foi seu introdutor e missionário, e Hans Nobiling o socializador do esporte, esse terceiro homem resume em si a organização do futebol bandeirante. É impossível escrever a história do início do futebol de São Paulo sem citar Antônio Casimiro da Costa, que idealizou a primeira Liga de Futebol no Brasil e que, com Miller e Nobiling, forma a trindade de precursores do futebol paulista e brasileiro.

Educado na Europa, Antônio Casimiro da Costa acompanhou de perto a organização e o desenvolvimento do futebol naquele continente, sobretudo na Inglaterra, França e Suíça, onde estudou

no colégio La Chateleine. Neste país, destacou-se como jogador, ao lado dos paulistas René Vanorden e Olavo de Barros, que lá também estudavam. Chegou a jogar em clubes da Liga Helvética: no Basle F. C., localizado no meio do Reno franco-alemão, no Old Boys de Fribourg e no Berne F. C., da capital da Confederação Helvética.

Ao voltar a São Paulo em 1900, com uma cópia dos estatutos dessa Liga na bagagem, entrou como associado do Sport Club Internacional e imediatamente tratou de organizar jogos para crianças, promovendo a primeira partida infantil já nesse mesmo ano. Antônio Casimiro da Costa passou a residir na casa de seus amigos, os irmãos e ex-jogadores de pelota basca Alfredo, Manoel e Jaime Redondo, que o ajudaram em seu projeto de aproximação dos demais clubes da Paulicéia: São Paulo Athletic Club, Mackenzie College, Sport Club Germânia e o clube ao qual ele estava associado, o Sport Club Internacional.

Como o futebol vivia ainda um estágio embrionário, não existiam fabricantes de chuteiras nacionais. Os primeiros jogadores haviam trazido as suas da Europa. Importar esses artigos não era problema, pois o fluxo de navios vindos da Europa era intenso. Como, porém, a partir da última década do século XIX haviam chegado ao país muitos imigrantes italianos com experiência no trabalho em couro e na confecção de calçados, a certa altura não houve mais razão para continuar importando chuteiras. As estatísticas já indicavam existir dois italianos para cada brasileiro na cidade de São Paulo.

Um desses imigrantes, sapateiro muito popular no bairro do Ipiranga, era Caetano Lizzaroni. Antônio C. da Costa e seu amigo Alfredo Redondo conversaram com esse dedicado artesão e convenceram-no a fabricar a primeira bola brasileira. A seguir, Caetano especializou-se em artigos de futebol, sem saber que dava início à hoje próspera indústria de material esportivo, que depois veio a incluir chuteiras nacionais.

Porque crescia muito depressa, a cidade de São Paulo carecia de energia elétrica. Atento a esse quadro, estava um grupo empresarial de canadenses e norte-americanos, com sede em Toronto, no Canadá, que havia adquirido uma concessão para a implantação de um sistema de bondes em São Paulo. Após

algumas discussões e o apoio da Câmara Municipal, foram aposentados os carros puxados por burros, e a concessão dada à The São Paulo Tramway, Light and Power Co. Em 7 de maio de 1900, a primeira linha de bondes elétricos foi inaugurada por essa empresa, que viria a ser popularmente chamada de Light, localizada defronte ao Teatro Municipal, na esquina da rua Xavier de Toledo com o Viaduto do Chá. A empresa se expandiu, passando a fornecer energia elétrica à capital e ao interior, e depois incorporando a companhia de gás inglesa e a de telefonia nacional.

O trajeto inaugural da primeira linha de bonde foi um acontecimento acompanhado pelo presidente da República. Essa primeira linha a ser tráfegada por bondes elétricos cumpria o seguinte itinerário: saía da praça Antônio Prado, passava pelo largo São Bento, rua Líbero Badaró, avenida São João, ruas do Seminário e Santa Ifigênia e alameda Barão de Limeira, até chegar à Barra Funda, num percurso de sete quilômetros. Nesse mesmo mês de maio, outras duas linhas, as mais importantes para a história do futebol paulistano, seriam inauguradas: uma que passava pelo Brás e outra que ia até o bairro do Bom Retiro.

Novas linhas passaram a servir também bairros como Mooca, Santa Cecília, Ipiranga, Paraíso, Penha, Bresser, Perdizes, Cambuci, Vila Buarque e uma até São Caetano, estimulando o surgimento de novos bairros. O ápice dessa expansão deu-se em julho 1913, com a construção de uma linha de trinta e um quilômetros que começava no largo da Sé e terminava no largo 13 de Maio, no novo povoado de Santo Amaro. Ela passava pela praça João Mendes, ruas Liberdade, Vergueiro, Domingo de Moraes, virava à direita na rua Jabaquara (depois avenida Rodrigues Alves), prosseguia pelo retão da hoje avenida Ibirapuera, entrando na várzea de Santo Amaro, que engloba hoje o Brooklyn, e as avenidas Vereador José Diniz e Adolfo Pinheiro, até chegar ao largo 13 de Maio, onde havia o balão de retorno.

Paralelamente a suas atividades esportivas, Charles Miller iniciou uma nova e definitiva etapa em sua vida profissional. Nesse mesmo ano de 1900, começou a trabalhar na Companhia Lupton, fundada em 1880 por seu tio Percy C. P. Lupton, na ocasião também cônsul honorário da Inglaterra em São Paulo. A empresa agenciava a

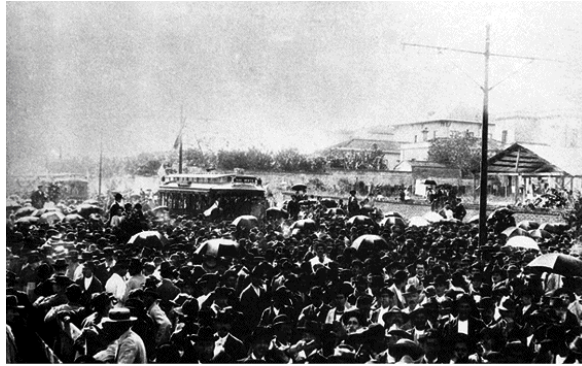
companhia de navegação da Mala Real Inglesa, além de atuar como importadora de *machinismos de lavoura*. Seu primeiro escritório localizava-se na esquina da rua São Bento com a Rua da Quitanda.

A rua São Bento era, e ainda é, uma das mais tradicionais vias do centro comercial de São Paulo. Começa no largo São Francisco e vai até o largo São Bento. Os funcionários e clientes que saíam da Companhia Lupton e iam caminhando em direção ao largo do Café precisavam tomar cuidado para não ser atropelados pelo bonde, ao passo que hoje toma-se cuidado para não ser atropelado pelo incessante vaivém de pedestres. Continuando sua curta caminhada, eles chegavam à Praça Antônio Prado. Dessa praça, desciam, ladeira abaixo, a avenida São João, que mais parecia um *boulevard* francês, amplamente arborizada, iniciando seu traçado até a Barra Funda. Hoje esse trecho da avenida se estende até a avenida Ipiranga e se transformou num grande calçadão por onde é proibido circular veículos. Caso prosseguissem andando pela rua da Quitanda, os funcionários da Lupton, chegariam à rua XV de Novembro, vizinha ao Pátio do Colégio, onde ficava o coração bancário e financeiro da cidade e a empresa de telégrafo Western Telegraph Co.

Três das lojas favoritas de Charles Miller foram fundadas no final do século XIX, e delas somente duas existem até hoje. Em frente de seu escritório, no número 20 da rua São Bento, ficava a farmácia Veado D'Ouro, onde ele podia encontrar antigripais à base de quinino, xarope de limão-bravo, bromofórmio, xarope de guaiacol, sem esquecer do sempre necessário óleo de fígado de bacalhau, conhecido como Emulsão de Scott e que toda mãe, ainda contra a vontade deles, dava a seus filhos. Na esquina da rua São Bento com a praça do Patriarca, localizava-se a Casa Fretin, que vendia óculos, material cirúrgico e de cutelaria. Charles comprava ali tesouras para aparar seu bigode e unhas, e a lupa para sua coleção de selos. Infelizmente essa antiga loja não resistiu ao passar do tempo e fechou as portas em 2001.

Outra que continua firme e forte é o armazém de secos e molhados Casa Godinho, na rua Líbero Badaró, 340, onde Charles encontrava o melhor bacalhau da Noruega, vinhos importados, queijos, salames, lingüiça portuguesa e chouriço espanhol. Das

outras tradicionais lojas, os comerciantes mantiveram apenas as fachadas originais. De resto, tudo mudou, com marreteiros por todo canto, vendendo CDs, bugigangas de toda espécie e anunciando empregos.



*Viagem inaugural do bonde elétrico em São Paulo, em maio de 1900.*

Na segunda metade do século XIX, a Mala Real Ingleza sofreu alguns percalços financeiros em virtude da perda de três navios no Caribe, atingidos por um furacão na ilha de St. Thomas e da danificação do navio *La Plata* num tsunâmi tropical. Outro agravante foi a dificuldade de coordenar itinerários rentáveis por causa do surto de febre amarela no Brasil e a conseqüente quarentena a que os passageiros tinham de ser submetidos. Com a chegada do novo século, justamente quando Charles foi trabalhar na firma de seu tio Percy uma nova era começava na empresa com a nomeação, em Londres, de Owen Philips como gerente geral. Ele foi a mola propulsora que tornou a empresa lucrativa, e anos depois recebeu do Rei George V o título de Lord Kyslant por seus serviços à navegação marítima.

Agora com quatro clubes — SPAC, Mackenzie, Internacional e Germânia —, o futebol de São Paulo começava a crescer. E mais amplo se tornou quando, em fins de 1900, foi fundado, de forma até curiosa, o Clube Athletico Paulistano. Em 1900, muitos novos clubes já haviam sido criados, clubes que após alguns anos já tinham abraçado o futebol totalmente. Dois nasceram no interior de São Paulo, outro no Rio Grande do Sul e o quarto na capital paulista.



*O ápice da expansão em 1913: o bonde chega ao largo 13 de Maio.*

O primeiro a ser fundado, mais precisamente no dia 1o de janeiro, foi o Sport Club Savoia, da colônia italiana instalada na região de Sorocaba e que depois se tornaria o Clube Atlético Votorantim. O segundo foi o Sport Club Rio Grande, em 14 de julho, na cidade de mesmo nome, que integra a Primeira Divisão do futebol gaúcho. Depois viria a Associação Atlética Ponte Preta, de Campinas, fundada em 11 de agosto e que é hoje uma das forças do futebol do interior de São Paulo, e finalmente nesse mesmo ano o Clube Athletico Paulistano. Esse último foi criado numa tarde de verão, quando vários sócios ciclistas, entre eles Renato Miranda, Olavo de Barros e Silvio Penteado, presenciavam um jogo de futebol entre o Mackenzie e o Internacional. O espetáculo lhes agradou tanto que pensaram poder tê-lo também em seu Velódromo. A idéia recebeu o apoio do jogador do Mackenzie Ibanez Salles.

Na noite de 28 de dezembro de 1900, vários desportistas, entre eles Martinho Prado e Renato Miranda, que tinham sido procurados por Arnaldo Pacheco Silveira, reuniram-se na Rotisserie Sportsman. O clima festivo do hotel, do salão e do bar da Rotisserie Sportsman sempre atraía muita gente da época, especialmente aqueles envolvidos nos primórdios do futebol. Sua decoração era em estilo francês, dos tempos do pintor Toulouse-Lautrec e seu Moulin Rouge, e o aperitivo da moda, o absinto, bebida que somente era degustada após o anoitecer. Uma receita sua da época assim

rezava: uma dose de absinto, duas colheres pequenas de açúcar e um toque de sifão, para que ele se tornasse um néctar dos deuses. Os tradicionais uísques escoceses White Label e Johnnie Walker também eram os preferidos, e para fechar a noite uma taça de champagne Moët & Chandon.



*Rua São Bento: o primeiro escritório de Charles Miller localizava-se na esquina com a rua da Quitanda.*

Quando, nesse ambiente alegre, Renato Miranda e Martinho Prado puseram os olhos na lista com quarenta assinaturas de rapazes que pretendiam ingressar no quadro social do São Paulo Athletic Club e que Arnaldo Pacheco Silveira tinha levado para eles assinarem, os dois não concordaram. *Em vez de eles ingressarem no SPAC, sugeriram, por que não fundamos, com esses quarenta rapazes, um novo clube brasileiro, paulista, bem paulistano?* A idéia foi bem recebida, e no dia seguinte, 29 de dezembro de 1900, no número 61 da rua São Bento realizou-se a primeira assembléia para a fundação do clube, hoje conhecido como Clube Athletico Paulistano.

Seu primeiro campo foi o Velódromo, já devidamente equipado com tribunas e arquibancadas para que as tradicionais famílias pudessem assistir aos jogos, agora mais freqüentes em São Paulo. O ciclismo dava passagem ao popular futebol.

## 7. Chutadores da Távola Redonda

Chute a bola e mais nada, sem manuseio nem  
rasteiras,  
sem agarrar, nem brigar e nem caras feias.  
O futebol é o jogo, e joga-se somente com  
habilidade.

Parte do poema de H. N. Smith, jogador do  
Queen's Park da Grã-Bretanha, 1869

Antônio Casimiro da Costa resolveu fazer uma visita ao Rio de Janeiro, onde o desenvolvimento do futebol se dava a passos lentos. Oscar Cox, nascido no Rio de Janeiro, era a principal figura do futebol carioca, pois, junto com seus quatro irmãos, tinha estudado nos colégios suíços La Ville, em Lausanne, e Servette, em Genebra, nos quais os programas esportivos ingleses de Eton, Harrow e Charterhouse eram aplicados. Ao retornar ao Brasil, renovou esforços para difundir o esporte que praticara na Suíça.

Quando mandou trazer uma bola da Inglaterra em 1897, Oscar Cox era sócio do Payssandu Athletic Club, reduto britânico hoje localizado na margem sul da Lagoa Rodrigo de Freitas. Os encantos do críquete dominavam o Rio de Janeiro; não havia espaço para outro esporte. Cox, entretanto, não esmoreceu e juntou-se aos sócios do Rio Cricket and Athletic Association, de Niterói, que seu irmão George Cox havia fundado, em 15 de agosto de 1872, com Basil Freeland, Robert Morrissey e T. W. Grime.

A primeira partida, disputada em Niterói, em 1o de agosto de 1901, terminou empatada em 1 a 1 e foi assistida por quinze pessoas, público impressionante para um esporte desconhecido. O

resultado do esforço de Oscar Cox reverteria na fundação do Fluminense Football Club em 1902.

O terreno estava pronto para um desafio entre São Paulo e a capital da República, e a iniciativa do primeiro jogo entre Paulistas e Cariocas coube a René Vanorden. Ele havia conhecido Oscar e Sidney Cox na Suíça e convidou-os a trazer uma equipe para jogar em São Paulo. Naquele tempo, algumas equipes formadas de amigos tinham nomes como Wanderers, Scratch, Rovers, que nada mais eram que os “Vai-quem-quer” de hoje. Os esportistas da Guanabara escolheram o nome Rio Scratch Team. Oscar Cox tentou conseguir um desconto no trem que levaria a equipe para a capital paulista, explicando que se tratava de uma delegação esportiva, porém a Estrada de Ferro Central do Brasil não se comoveu, e cada jogador teve de pagar a própria passagem. Até hoje nada mudou para os clubes amadores: quando o SPAC viaja para Niterói a fim de disputar os tradicionais jogos contra o Rio Cricket, cada jogador é obrigado a tirar do bolso o dinheiro da própria passagem.

Em março de 1901, a cidade de São Paulo havia ganhado mais uma beleza arquitetônica, a Estação da Luz, e foi nessa recém-inaugurada estação que os esportistas cariocas desembarcaram na capital paulista. A São Paulo Railway construíra uma belíssima estação ferroviária. Com seus tijolos vermelhos e estruturas metálicas fabricadas pela companhia londrina Joseph Westwood & Co. Ltd., era uma cópia fiel da estação de Sydney, na Austrália, e de muitas estações da Inglaterra, tais como a de Durham, Bristol, Preston.

Junto à Estação da Luz, mais precisamente na rua Mauá, foi erguida a Vila Inglesa para moradia dos funcionários da São Paulo Railway. Uma vila que, com suas casinhas tipicamente inglesas, dava aos que lá passassem a impressão de estar na própria Inglaterra. Ela foi tombada pelo Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo) em setembro de 1980, e ainda hoje famílias moram nas casas originais. Até um campo de golfe foi construído próximo à estação para os engenheiros da ferrovia, porém não resistiu ao progresso. Logo o crescimento da cidade o engoliu.

Numa carta dirigida a Vanorden, Cox lhe pergunta, com toda a simplicidade, se os cariocas deveriam levar para São Paulo as barras, ou as traves para o gol, com as respectivas redes. Ainda que Vanorden tenha estranhado a pergunta, respondeu que não, que a cidade de São Paulo já estava perfeitamente preparada para abrigar esse histórico jogo, ou prélio, como era chamado na época.

O jogo realizou-se em 19 de outubro de 1901, no campo do Velódromo, inaugurando oficialmente o estádio. Nesse dia histórico paulistas e cariocas entraram em campo para disputar a primeira partida interestadual de futebol no Brasil. Três mil pessoas abarrotaram as arquibancadas do Velódromo. No gramado, os vinte e dois jogadores e o juiz da partida. Ninguém mais. Não havia técnico, nem bandeirinhas, nem massagista, e muito menos médicos.

Sob o apito de sua *Excelência* o senhor A. Lamont, as equipes assim se alinharam:



*Miller no campo do SPAC da Consolação em outubro de 1901.*

### **São Paulo Team**

*W. Holland (Internacional);  
Belfort Duarte (Mackenzie) e Hans Nobiling (Germânia);  
René Vanorden (Internacional), Walter Jeffery (SPAC)  
e Muss (Germânia);  
Ibanez (Paulistano), Herbert Boyes (SPAC), Antônio Casimiro da  
Costa (Internacional), Charles Miller (SPAC)*

e Alício de Carvalho (Mackenzie)

### **Rio Scratch Team**

*Schubac;*

*M. Frias e I. Nobrega;*

*Oscar Cox, A. Wright e McCulloch;*

*F. Walter, H. Santos, F. Moraes, J. Moraes e F. Frias*

O goleiro William Holland foi um dos primeiros e principais jogadores do Internacional até 1903, quando se transferiu para o SPAC e ali disputou dezenove partidas até 1905. Willy, como era carinhosamente conhecido, ainda permaneceria como um dos baluartes do SPAC nos anos seguintes.

Os cariocas marcaram por intermédio de F. Frias, e depois McCulloch anotou o segundo gol; no segundo tempo, os paulistas apresentaram melhor padrão de jogo, reagiram e igualaram o placar com gols de Alício de Carvalho e Walter Jeffery. Os cariocas hospedaram-se no Hotel Joaquim, na rua Florêncio de Abreu. No dia seguinte, disputaram outra partida, que também terminou empatada em 1 gol, e após este último jogo houve um banquete no salão da Rotisserie Sportsman.

Nesse tradicional salão, Antônio Casimiro da Costa brindou, com taças de champanhe, ao rei Eduardo VII e ao presidente do Brasil, Manuel Ferraz de Campos Salles. Saudou ainda René Vanorden e Oscar e Sidney Cox por terem idealizado o jogo, ajudando a estreitar as relações entre as duas cidades. Sidney Cox respondeu com um brinde ao pioneiro Charles Miller, tratado como *the best all-round sportsman* (o melhor esportista).

Após o encerramento da parte solene da confraternização, Vanorden, em tom jocoso, perguntou aos cariocas *se seria necessário levar um campo ao Rio de Janeiro para o jogo seguinte*. Mais risos de ambos os lados, tudo na maior cordialidade.

Uma hora da manhã, garoa fina a envolver a Paulicéia, e uma alegria morna ainda pairava sobre o salão de estar da Rotisserie

Sportsman. Lá fora, na rua, espiando pelas janelas e portas de vidro, alguns transeuntes se assombravam com a espontaneidade dos gestos daqueles homens e com seu palavreado, bem diferente do que se ouvia nos jantares políticos e diplomáticos a que a São Paulo daqueles tempos estava acostumada.

Eram dias de *fair-play*, coleguismo, amizade esportiva e do reinado do diletantismo puro — dias dos galantes Chutadores da Távola Redonda. Em lugar das espadas do Rei Artur, bolas de capotão, tratadas com muito carinho. Charles tinha sorte, pois, quando encerrava seu expediente na firma da rua São Bento, precisava dar somente exatos duzentos e dois passos, em sua marcha atlética, e atravessar a praça do Patriarca para chegar ao bar da Rotisserie, onde amigos como Costinha, Antônio Prado Júnior, Francis Robinson e outros já o aguardavam para o *happy hour* e para conversar sobre atividades esportivas.

Com o impulso que o Conselheiro Antônio Prado deu a São Paulo nessa primeira década do século XX, diversas instituições foram criadas, trazendo vida e ainda mais progresso à cidade. Em 1901 foi inaugurada a sede do Banco do Brasil; em 1903, o Instituto Pasteur, o Centro Acadêmico XI de Agosto, da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, bem como o Colégio de São Bento. Em 1904 foi iniciada a construção do primeiro edifício da Maternidade de São Paulo; em 1905 surgiu a Pinacoteca do Estado; em 1906, o Sanatório Santa Catarina, na avenida Paulista; e em 1909 fundou-se a Academia Paulista de Letras. A cidade vivia em franca expansão.

Estava tudo pronto, portanto, para o lançamento da pedra fundamental, para a formação de uma liga que organizasse torneios e campeonatos como os que já existiam na Europa. Coube a Antônio Casimiro da Costa convocar os dirigentes dos clubes de São Paulo para uma reunião em 13 de dezembro de 1901. Como os representantes de alguns clubes não puderam comparecer, um novo encontro foi marcado para o dia seguinte.

Nessa segunda convocação, na sede do Sport Club Internacional, instalada num prédio da rua José Bonifácio, foi fundada a Liga Paulista de Football, por iniciativa de Antônio Casimiro da Costa. Os representantes dos clubes que participaram dessa histórica reunião e do primeiro campeonato de futebol foram:

- São Paulo Athletic Club (SPAC): Charles Miller, Herbert Boyes e R. W. Crome
- Associação Atlética Mackenzie College: João Evangelista Belfort Duarte, Roberto Scholds e Alício de Carvalho
- Sport Club Germânia: Hans Nobiling, Ritter e Arthur Ravache
- Sport Club Internacional: Antônio Casimiro da Costa, Antônio Queiroz, William Holland e Tancredo de Amaral
- Clube Athletico Paulistano: Renato Miranda, Otávio de Barros e João da Costa Marques

A primeira diretoria ficou assim constituída:

Presidente: Antônio Casimiro da Costa

Vice-presidente: Hans Nobiling

Secretário: Arthur Ravache

Tesoureiro: Tancredo de Amaral



*Jogadores paulistas se despedem dos cariocas na Estação da Luz, em outubro de 1901.*

Mas uma pergunta pairava no ar: Como a Liga iria se sustentar? A resposta veio de Antônio Casimiro da Costa: das rendas dos jogos. Demonstrações foram feitas: a Liga cobraria dois contos de réis pelo ingresso e, do montante apurado, cinqüenta por cento iriam para os clubes e os outros cinqüenta por cento para a Liga. Em nova reunião no dia 20, os estatutos foram aprovados. Costinha, como Antônio Casimiro era conhecido, comandou todos os detalhes

referentes à Liga, desde sua fundação, organização, cores dos uniformes, campos, jogos, até a divulgação nos jornais.

Para coroar sua obra, ele ofereceu a taça que premiaria o primeiro clube campeão da Liga Paulista de Football. Levava seu nome e fora confeccionada por um ourives francês da rua São Bento. Media 40 centímetros de altura e tinha uma base de madeira maciça de imbuia-de-lei com diâmetro de 20 centímetros (e com 15 centímetros de altura). O artesão que a desenhou quis fazê-la parecida com uma taça de champanhe, ou um cálice sagrado, em tamanho grande. Na base de prata no início da elevação, do tamanho de uma palma de mão, ele talhou colunas coríntias em forma circular. No topo, seu diâmetro era de 15 centímetros. A taça seria repassada, ano a ano, a cada clube vencedor, e aquele que a conquistasse por três vezes a teria para sempre. Na primeira taça lia-se:

*Offertada por Antonio C. da Costa  
do Sport Club Internacional*

Charles Miller não fez parte da primeira diretoria da Liga Paulista de Football, pois naquele ano estava bastante voltado para sua nova atividade profissional na empresa em que viria a trabalhar a vida inteira, e não dispunha de tempo para as reuniões semanais. Participou da organização nos dias de jogos, da sua equipe do SPAC, das arbitragens — sua ampla experiência em tantos jogos disputados na Inglaterra fazia dele um pau-para-toda-obra. Faltava somente marcar a data do primeiro jogo, e ele foi programado para o dia 3 de maio de 1902, com início às 15 horas, no campo do Parque Antarctica, propriedade da primeira cervejaria fundada na Água Branca em 1885, a Cia. Cervejaria Antártica Paulista. Essa nova cervejaria construiu grandes instalações em torno de sua fábrica: campo de futebol, quadras de tênis, arquibancadas, pistas de atletismo e frondosos bosques. Pela amizade que tinha com os novos associados alemães do S. C. Germânia, a cervejaria permitiu que eles utilizassem seu campo de futebol.

Em 1902, o Parque Antarctica foi oficializado como o campo do Germânia na Liga Paulista de Football. Anos depois, em 1915, com o aumento de clubes e a popularização do futebol, já estava co-

arrendado para os clubes América, novo participante da Liga, e o Palestra Itália, hoje Sociedade Esportiva Palmeiras. Por fim, com o América já enfrentando problemas econômicos, com sua anuência o Palestra Itália comprou o terreno e o campo do Parque Antarctica por quinhentos contos de réis.

# 8. Alvorecer do futebol

Non ducor duco  
(Não sou conduzido, conduzo)

Lema do brasão do Estado de São Paulo

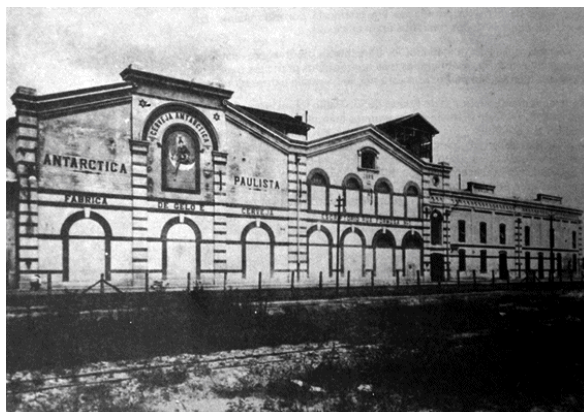
Como programado, o primeiro Campeonato Paulista teve início em 3 de maio de 1902, com o jogo entre a Associação Atlética Mackenzie College e o Sport Club Germânia. O Mackenzie venceu por 2 a 1, e desse jogo dependia o futuro do futebol em São Paulo. O menor tropeço, o mais leve senão nessa experiência inédita, determinaria seu desmoronamento.

*Foot-ball Match – Campeonato de 1902*

*Hoje, às 3 horas da tarde, no campo do Parque Antarctica Paulista, realiza-se o primeiro match do campeonato para 1902, estabelecido pela Liga Paulista de Foot-ball, entre os clubes A. A. do Mackenzie College e S. C. Germânia. Da Diretoria do S. C. Germânia, recebemos um convite para o match a realizar-se hoje, e, também, os estatutos e regras do foot-ball, estabelecidas pela Liga. Grato.*

Essa divulgação de um jogo de futebol, feita pelo jornal *A Província de São Paulo*, foi a primeira do gênero no Brasil. A partir de então, o futebol não mais seria um mero divertimento de jovens, tornando-se uma competição oficial, com regras e estatutos. A competição havia despertado enorme expectativa entre torcedores e jogadores, e todos os clubes queriam levar a cobiçada taça para sua sede.

Por se tratar ainda de jogos amadores, o clube somente fornecia ao jogador a camisa do jogo, cabendo a cada um comprar suas próprias meias e calções. Além disso, eles mesmos lavavam seus uniformes. Somente anos depois, com a profissionalização do futebol, é que os clubes se estruturaram e puderam dar outro atendimento aos jogadores, oferecendo-lhes, inclusive, a lavagem do uniforme.



*Primeira fábrica da Cervejaria Antartcica Paulista, onde hoje localiza-se o Parque Antartctica.*

Felizmente não houve senões nem tropeços no lançamento da Liga Paulista. O que se fez sentir, sim, foi uma admirável seqüência de sucessos. Antônio Casimiro da Costa, com sua organização, e Charles Miller e Hans Nobiling, com seu entusiasmo, tinham acertado em cheio na organização do campeonato.

Platéias vibrantes e entusiasmadas compareceram para assistir a todos os jogos realizados nos três campos oficiais: o Parque Antartctica, onde o Germânia jogava, o campo do SPAC, na rua da Consolação, e o Velódromo, arrendado pelo Paulistano.

Sempre em número crescente, o público era formado, em boa parte, por senhoras e senhoritas que, com suas belas *toilettes*, a maioria importada de Paris, enfeitavam as tribunas. Os homens ostentavam elegantes chapéus-coco e palheta. E todos viajavam de tílburis até os campos de jogo.

Foi nesse tempo que surgiu o primeiro canto de guerra dos torcedores, uma iniciativa dos seguidores do Paulistano — *Aleguá, aleguá!* A origem da palavra é um tanto estranha. Num dia de treino do Paulistano, uma garoa fina caindo sobre a cidade, Renato Miranda, jogador do Paulistano, contou a seus companheiros como havia nascido o tal *Aleguá!* Ele havia estudado numa escola em Massachusetts, nos Estados Unidos, onde os jogadores americanos adotavam o canto de guerra *Allegoack* na faculdade. A palavra

misturava o francês *allez*, o inglês *go* (ambas *vamos* em português) e o termo indígena *ack*, as três últimas letras de *Adirondack*, belíssimas montanhas da região nordeste dos Estados Unidos. E em português *Allegoack* acabou se transformando em *Aleguá!*

Já a torcida do SPAC, menos numerosa que a do Paulistano, adotava um grito de guerra mais discreto: *Come on SPAC* (Vamos lá, SPAC), ainda hoje ouvido nos jogos do SPAC.

A seguir, os resultados de todos os jogos do primeiro campeonato da Liga Paulista de Football.

Data – (Campo) – Clubes/Resultado

### **Maio**

3/5/1902 – (Antarctica) Germânia 1 x 2 Mackenzie

8/5/1902 – (Velódromo) Paulistano 0 x 4 SPAC

11/5/1902 – (Antarctica) Germânia 2 x 0 Internacional

13/5/1902 – (Velódromo) Mackenzie 0 x 3 SPAC

29/5/1902 – (Velódromo) Mackenzie 1 x 1 Internacional

### **Junho**

7/6/1902 – (Velódromo) Paulistano 2 x 2 Mackenzie

8/6/1902 – (Consolação) SPAC 3 x 0 Internacional

15/6/1902 – (Antarctica) Paulistano 3 x 1 Internacional

29/6/1902 – (Consolação) SPAC 0 x 1 Paulistano

### **Julho**

14/7/1902 – (Antarctica) Germânia 0 x 2 Mackenzie

20/7/1902 – (Antarctica) Germânia 0 x 4 SPAC

27/7/1902 – (Antarctica) Germânia 0 x 2 Paulistano

### **Agosto**

3/8/1902 – (Consolação) SPAC 3 x 0 Germânia

10/8/1902 – (Velódromo) Germânia 1 x 1 Internacional

17/8/1902 – (Velódromo) Germânia 1 x 1 Paulistano

24/8/1902 – (Consolação) SPAC 0 x 0 Internacional

### **Setembro**

14/9/1902 – (Velódromo) Paulistano 2 x 0 Internacional  
20/9/1902 – (Consolação) SPAC 4 x 4 Mackenzie

### **Outubro**

4/10/1902 – (Velódromo) Paulistano 3 x 0 Mackenzie  
25/10/1902 – (Consolação) Mackenzie 2 x 1 Internacional

A classificação final ficou assim:

- 1o) São Paulo Athletic Club (SPAC) 12 pts
- 2o) Clube Athletico Paulistano (CAP) 12 pts
- 3o) Associação Atlética Mackenzie (AAMC) 9 pts
- 4o) Sport Club Germânia (SCG) 4 pts
- 5o) Sport Club Internacional (SCI) 3 pts



*Jogadores do SPAC e Paulistano antes do confronto final em 1902.*

Esse primeiro campeonato terminou de forma emocionante, com o SPAC e o Paulistano empatados com doze pontos cada um. O jogo de desempate foi disputado no dia 26 de outubro, no campo do Velódromo, com seus quatro mil lugares completamente tomados, recorde de público e de bilheteria que bateu até mesmo o das sensacionais corridas ciclísticas. O SPAC, graças ao seu melhor jogo de conjunto e controle de nervos, superou o Paulistano por 2 a 1, com gols de Charles Miller. O gol do Paulistano foi marcado por Álvaro Rocha.

Mesmo com a competição se estendendo de maio a outubro, os jogos do primeiro campeonato da Liga Paulista de Foot-ball foram poucos, uma vez que apenas cinco clubes disputavam o

campeonato, cada um jogando somente oito jogos, em turno e retorno. Quando faltavam jogadores, os times afetados solicitavam o adiamento de sua partida, com o que a Liga de pronto concordava, e as datas eram trocadas com outras equipes. Isso, no entanto, fazia com que, muitas vezes, num curto período de tempo, duas equipes acabassem disputando jogos seguidos. SPAC e Germânia, por exemplo, enfrentaram-se no dia 20 de julho e logo depois em 3 de agosto, vindo a se reencontrar nos campos de futebol somente no ano seguinte. Mas esse não era, na verdade, um grande problema para as equipes; o mais importante era disputarem o novo campeonato sem se importar com a tabela. Nos fins de semana em que não havia jogos, os clubes treinavam e batiam bola em seus campos.

O Campeonato Paulista de 1902 foi o campeonato de Charles Miller. Líder, artilheiro e capitão da equipe do SPAC, Charles levou seu time a excelentes vitórias, coroando esse êxito com seus dois gols no jogo de desempate contra o Paulistano. Os dez gols que marcou na competição comprovaram seu faro de artilheiro. Na vice-artilharia ficaram João da Costa Marques e Álvaro Rocha, ambos do Paulistano, com cinco gols cada um. A seguir veio Alício de Carvalho, com quatro gols marcados. Alício, excelente atleta do Mackenzie, vencera, naquele ano, corridas de 100 e 200 metros em torneios realizados no SPAC. Com três gols cada um, vieram depois, na tabela da artilharia, Herbert Boyes e Walter Jeffery, do SPAC, e Eppinghaus, do Mackenzie. Charler Miller era a própria nobreza em campo. Jamais permitia que seus companheiros argumentassem com o juiz da partida e nunca foi expulso de campo.

Um dia depois do último e decisivo jogo de desempate do primeiro Campeonato Paulista, o jornal *O Estado de S.Paulo* publicou o seguinte artigo:

*Football*

*Vencedor: São Paulo Athletic Club*

*Hontem, às 4 horas da tarde, realizou-se no ex-Velódromo Paulista, hoje campo do Clube Athletico Paulistano, o último match de football, instituído pela Liga Paulista de Football, para a disputa do campeonato de esse ano, do qual saiu vencedor o São Paulo Athletic Club com dois goals a um.*

*A Concorrência, como prevíamos, foi extraordinária, podendo-se calcular em quatro mil pessoas que entusiasticamente não se cansaram de aplaudir os temíveis jogadores.*

*As gentis senhoritas, que davam a festa o máximo encanto, mostravam-se visivelmente comovidas quando a bola se aproximava de qualquer goal, comoção que se traduzia em estrondosos aplausos ao ser a bola bem rebatida.*

*As elegantes archibancadas tremiam sob o barulho que faziam os inúmeros espectadores.*

*O jogo foi desde o começo muito vigoroso e pesado de ambos os lados.*

*Infelizmente, esse match não terminou como desejava, pois, logo no começo do jogo, o Sr. João da Costa Marques, forward do Paulistano levou um tombo e um dos adversários pizou-lhe involuntariamente no braço, resultando destronca-lo, pelo que foi impedido de continuar o jogo. Se não fosse esse triste incidente, tudo teria corrido na melhor harmonia possível.*

*Terminado o jogo, foi entregue ao Sr. Charles Miller, digno captain do team vencedor, pelo Sr. Antônio Casimiro da Costa, presidente da Liga Paulista de Football, a taça destinada ao campeão de football.*

*O Sr. Charles Miller, encheu-a de champagne, que ofereceu ao Sr. Antônio C. Costa, que bebendo à saude do club vencedor, a entregou novamente ao Sr. Miller que, pôr sua vez, a entregou ao Sr. Olavo de Barros, digno captain do Paulistano.*

*Esse, após ter bebido à saude do seu adversário, a entregou ao Sr. Charles Miller, que depois de saudar o team adversário, banhou a bola do jogo com o resto do champagne que serviu durante o jogo. Após essa cerimônia, foram entregues aos jogadores de ambos os teams mimosos ramalhetes de flores naturaes.*

*Um grupo de admiradores ofereceu ao Sr. Olavo de Barros, captain do Paulistano, uma coroa de louros.*

*Descrever o jogo é impossível, pois foi um dos mais movimentados e emocionantes a que temos assistido.*

*Os temíveis teams, que hontem se bateram, eram assim constituídos:*

*Club Athletico Paulistano:*

*Jorge de Miranda Filho;*

*Thiers, Rubião;*

*E. Barros, Olavo de Barros, Renato;*

*B. Cerqueira, J. Marques,*

*A. Rocha, Ibanez e O. Marques*

*São Paulo Athletic Club:*

*Walter Jeffery;*

*George Kenworthy, Albert Kenworthy;*

*Norman Biddell, Wucherer, Heyeock;*

*Herbert Boyes, Brough, Charles Miller,  
Montandon e Blacklock.*

*O Sr. Rocio Egydio de Souza Aranha, depois de ter alinhado os teams, deu o signal de começar e entregou a bola ao Paulistano, que teve por sorte dar o primeiro kick na bola.*

*Logo foi a bola conquistada pelos forwards do São Paulo Athletic Club, que a levaram até a linha de 11 yards, onde conseguiu um magistral pass ao seu companheiro Charles Miller, o qual, com um magnífico shoot conseguiu marcar o primeiro goal para seu clube.*

*Após esse goal os rapazes do São Paulo Athletic Club desenvolveram um ataque vigoroso, porém a defeza do Paulistano nada deixou a desejar.*

*Era indescritível a lucta que, então, se travava, durante o pouco tempo que a bola permanecia no centro do campo. Ora o Paulistano que a conquistava, ora o São Paulo Athletic Club.*

*Sendo a bola atirada fora do campo por um dos Paulistanos, pela linha de lado do campo, coube, portanto ao team do Athletic atira-la para dentro. Foi o Sr. Biddell quem a atirou, o que fez com bastante perícia, pois a entregou a seu companheiro Sr. Blacklock que, com ella avançou alguns metros, e em occasião propícia a passou para o Sr. Montandon, que pôr sua vez, a passou ao Sr. Charles Miller, o qual marcou com um bellissimo shoot rasteiro, o segundo goal para o São Paulo Athletic Club.*

*Minutos após esse goal foi ouvido o sinal de half-time.*

*O numeroso público que enchia as elegantes archibancadas rompeu numa estrondosa salva de palmas e vivas a ambos os teams.*

*O intervalo durou somente dez minutos, findos os quaes entraram novamente no campo esses dois gloriosos e temíveis teams.*

*Nesse tempo, apesar de já estarem mais machucados os Srs. A.*

*Rocha e B. Cerqueira, forwards do Paulistano, que entraram doentes para o campo de combate, o seu team desenvolveu um ataque magistral, conseguindo pôr varias vezes levar a bola até a linha de full-backs adversária, donde dava brilhantes shoots que, porém, foram infructíferos, visto o goal-keeper do São Paulo Athletic Club, Sr. W. Jeffery recebe-los com galhardia, atirando a bola para seus forwards. Esses, uma vez de posse da bola avançavam com*

*bastante energia levando-a até perto do goal adversário donde davam shoots por inúmeras vezes brilhantemente rebatidos pelo goal-keeper Sr. Jorge de Miranda.*

*Após uma renhida lucta foi a bola adquirida pelos forwards do Paulistano, que a levaram com bello jogo de passes até a linha de 11 yards e dahi passada para o Sr. Alvaro Rocha, forward do Paulistano, que, num magistral e imponente shoot, conseguiu vasar o goal do São Paulo Athletic Club, marcando assim o primeiro goal para o Paulistano. O entusiasmo dos espectadores, após esse goal, tocou a ráia do delírio, as elegantes archibancadas tremiam, parecendo vir tudo abaixo. As distinctas famílias acenavam com as mãos e davam vivas aos jogadores do Paulistano.*

*Restabelecida a ordem todos os espectadores prestaram muita atenção para o campo de combate, pois a lucta que nelle se desenvolvia era verdadeiramente emocionante.*

*Estavam, portanto, a dois goals contra um, quando pelo referee foi dado o signal de findo o tempo de jogo.*

*O entusiasmo das palmas redobrou.*

*Do team do São Paulo Athletic Club que, em geral, jogou magistralmente bem, salientamos os Srs. Jeffery, que soube ser um verdadeiro goal-keeper, salvando shoots com calma e firmeza de um verdadeiro football; Charles Miller, o glorioso captain, que mais uma vez demonstrou a sua perícia nesse jogo; A. Kenworthy, bom full-back, Heyeock e Wucherer optimos half-backs; e Boyes incansável forward.*

*Os rapazes do Paulistano em geral jogaram optimamente bem, porém, nós salientamos o Sr. Olavo de Barros, digno captain do seu team, que foi realmente infatigável e tenaz; A. Rocha e Ibanez admiráveis forwards; Renato deu um full-back esplêndido, Rubião e Thiers os dois resistentes e firmes full-backs e Jorge de Miranda Filho, que, apesar de ter deixado varar dois goals, jogou admiravelmente bem, defendendo varias vezes difíceis e fortes shoots contra seu goal.*

*Após ter sido entregue a taça ao Sr. Miller, foram convidados pôr esse senhor o team do Paulistano e alguns rapazes de outras associações para irem ao campo do São Paulo Athletic Club, onde*

*foi oferecido, na taça do campeonato, Champagne aos seus convidados. Foram feitos diversos discursos e levantado inúmeras vivas.*

*Ao team do São Paulo Athletic Club na pessoa de seu digno captain damos os nossos parabéns pela vitória hontem alcançada, e ao Paulistano pela extraordinaria galhardia com que sustentaram a lucta, apesar das condições desfavoráveis.*

## 9. Acesa a chama do ludopédio

Após o êxito do campeonato de 1902, como Miller, Casimiro da Costa e Nobiling bem haviam previsto, nada mais óbvio do que repetir a dose em 1903. O futebol já tinha dado seus primeiros passos, e encantava os paulistanos. Os clubes inscritos eram os mesmos do campeonato anterior, ainda que, em 9 de novembro de 1902, catorze dias após o jogo de desempate entre o SPAC e o Paulistano, um novo clube tenha sido fundado, a Associação Atlética das Palmeiras.

Seus fundadores, entre outros, foram Gelásio Pimenta, José Pinto e Silva, F. de Salles Collet e Silva, F. Correia e Percy Corbett, moradores das imediações de Santa Cecília, quando ainda não existiam as ruas Martim Francisco, Tahuhy, Imaculada Conceição e Baronesa de Itu. No meio dessa área havia um descampado do qual eles se apropriaram e, depois de nivelá-lo, ali iniciaram seus primeiros jogos. Eram atletas saídos do segundo quadro do C. A. Paulistano e, como não tinham lugar no time principal, criaram seu próprio clube e participaram do campeonato de 1904.

Nessa mesma época, Charles Miller recebeu da Inglaterra um livro chamado *Referee's Chart*, uma cartilha com instruções para juízes de futebol. Um detalhe importante: os juízes dos primeiros campeonatos paulistas eram os próprios jogadores dos clubes não envolvidos nos jogos. Assim, Charles Miller poderia apitar o jogo entre o Germânia e o Paulistano, enquanto Olavo de Barros, do Paulistano, ser juiz de SPAC contra Mackenzie, e Belfort Duarte, do Mackenzie, apitar a partida entre Paulistano e SPAC.

Charles Miller traduziu a cartilha dos juízes para que Mário Cardim, primeiro cronista esportivo do jornal *O Estado de S. Paulo*, a publicasse no jornal. Cardim introduziu também, em 1902, o *Guia Esportivo*, um compêndio de obras inglesas sobre o futebol, inclusive com um artigo escrito por Charles Burgess Fry, que em 1892 fora companheiro de Charles Miller no Corinthian inglês.

Estava tudo pronto para o início do segundo Campeonato Paulista, e os clubes participantes ainda seriam os mesmos de

1902: SPAC, Paulistano, Mackenzie, Germânia e Internacional. O primeiro jogo foi realizado em 21 de maio de 1903, entre o campeão do ano anterior, o SPAC, e o Mackenzie. O SPAC venceu por 2 a 0, com gols de Duff e Miller.

A seqüência de jogos disputados no Parque Antarctica e nos campos do Velódromo e do SPAC foram assim:.

11 de junho: Mackenzie 1 x 2 SPAC

21 de junho: Germânia 3 x 1 Internacional

24 de junho: Paulistano 2 x 0 SPAC

28 de junho: Paulistano 5 x 0 Internacional

Rodada dupla em 5 de julho: Internacional 0 x 5 SPAC;  
Paulistano 1 x 0 Germânia

14 de julho: Paulistano 0 x 0 Mackenzie

19 de julho: Germânia 1 x 4 SPAC

26 de julho: Internacional 0 x 3 Paulistano

O jogo seguinte foi entre SPAC e Paulistano, disputa que já ia se tornando um clássico. Na primeira partida entre eles no campeonato, o Paulistano surpreendera os ingleses, vencendo por 2 a 0. Na noite anterior ao jogo do segundo turno, os atletas do SPAC encontraram-se no bar da sede do clube. Passado algum tempo, Charles Miller sugeriu: *Gentlemen, vamos descansar pois o jogo de amanhã é muito importante para a nossa classificação.*

Em 2 de agosto, o SPAC saiu do Velódromo depois de arrasar o Paulistano por 4 a 0. Trail e Montandon marcaram dois gols cada um. O campeonato tinha tomado as mesmas cores do ano anterior, com SPAC e Paulistano disputando palmo a palmo a liderança. No jogo seguinte, em 9 de julho, SPAC e Germânia empataram em 1 a 1, com Kirschner marcando pelo Germânia e Miller pelo SPAC. Depois, em 15 de agosto, Mackenzie 1, Germânia 0; em 23 de agosto, no Velódromo, Paulistano 2, Germânia 0; e em 29 desse mesmo mês, Paulistano 1, Mackenzie 0. A essa altura o Paulistano tinha somado 13 pontos, enquanto o SPAC vinha em segundo lugar, com 11.

Entre fins de agosto e meados de setembro, foram realizados mais três jogos, mas, àquela altura, apenas para cumprir tabela: em

30 de agosto, o Internacional ganhou de 4 a 3 do Germânia; em 7 de setembro, Germânia 0, Mackenzie 3; e em 14 de setembro, Mackenzie 5, Internacional 0.

Em seguida veio o jogo decisivo para o SPAC. Em 21 de setembro, no Velódromo, a equipe ganhou de 3 a 0 do Internacional, empatando em 13 pontos com o Paulistano no alto da tabela de classificação, e sem mais jogos para disputar. Assim, mais uma vez, eles teriam de jogar uma partida de desempate, como já acontecera na decisão do ano anterior. O jogo de desempate desse segundo Campeonato Paulista foi disputado num Parque Antarctica totalmente lotado, em 25 de outubro. De novo numa partida muito acirrada, o SPAC ganhou por 2 a 1, com gols de Pool e um contra. Álvaro marcou pelo Paulistano.

O São Paulo Athletic Club tornava-se bicampeão paulista, com direito a levar a taça de prata Antônio Casimiro da Costa de volta para a sede do SPAC na Consolação, ao menos até o próximo campeonato.

Os artilheiros do campeonato foram: Herbert Boyes, do SPAC, e Álvaro Rocha, do Paulistano, com quatro tentos cada um, e quem mais apitou, sempre impondo respeito e credibilidade, foi Charles Miller.

No acervo Memória da Light (hoje Eletropaulo), entre os documentos de Alexander Mackenzie, superintendente dessa empresa durante anos, foi encontrada cópia de uma carta escrita por ele em 1903 a Mr. Hobbs, da firma inglesa Mappin & Webb (mais tarde Casa Anglo-Brasileira, também conhecida como Mappin), por solicitação de William Fox Rule e Charles Miller, pedindo que se confeccionassem medalhas comemorativas para os jogadores do São Paulo Athletic Club, pela conquista do campeonato de 1903. As medalhas que chegaram da Inglaterra foram entregues aos campeões Charles Miller, Francis H. Robinson, Herbert Boyes, H. W. Jeans, R. Duff, Walter Jeffery, Oswald L. Wucherer, William Holland, Francis H. Hodgkiss, G. Pool, P. Montandon, Norman Biddell e G. H. Ford.

No início de 1904, dez anos após seu retorno ao Brasil, Charles Miller escreveu uma carta ao reverendo Ellaby, diretor de sua antiga escola na Inglaterra, a Banister Court School. Depois de um

preâmbulo no qual contava como encontrou São Paulo no final do século XIX, ele entra em detalhes sobre as atividades esportivas:

*Agora vamos tratar de esportes, que sem dúvida o interessará. Com o críquete não deu para fazer muita coisa, exceto entre os ingleses. Temos um campo muito bonito, uma sede e três quadras de tênis, das quais muitos clubes na Inglaterra teriam orgulho. Disputamos vários jogos com o Santos Athletic Club e, em Novembro de 1902, fomos convidados para jogar em Buenos Aires e aceitamos o convite. Fui nomeado capitão, e junto com mais dois paulistas e alguns cariocas, jogamos na Argentina, com resultados um pouco adversos. Willie Rule nos acompanhou como juiz.*

*Agora falaremos do football. Você se surpreenderá em saber que futebol é o jogo aqui.*

*Temos nada menos que sessenta ou setenta clubes somente na cidade de São Paulo. Dois anos atrás um brasileiro de nome Antônio Casimiro da Costa, educado na Suíça, e eu, formamos uma Liga. Ele doou uma taça de prata. Cinco clubes entraram. Nós ganhamos em 1902 e 1903, em ambos os anos empatamos com um clube chamado Paulistano, todos brasileiros, com o mesmo número de pontos. Como média de gols não vale, tivemos que disputar um jogo de desempate. Sempre temos de dois a três mil torcedores para os jogos da Liga, porém na final havia seis mil. Os brasileiros marcaram primeiro e você nunca escutou um barulho tão ensurdecedor como o dos torcedores. E nós marcamos dois no segundo tempo.*

Miller completa a carta demonstrando sua paixão e abnegação pelo futebol:

*Uma semana atrás fui convidado para apitar um jogo de garotos, vinte de cada lado. Falei para eles que considerava absurdo jogarem vinte contra vinte; porém eles assim o queriam. Pensei: lógico que o jogo seria uma bagunça, porém estava totalmente errado. Eles jogaram duas meias horas, e somente cobreí dois toques com a mão. Os garotos não abriram a boca durante o jogo, mantiveram suas colocações e jogaram muito bem; nesse jogo 1.500 pessoas os assistiram. Nada menos que 2 mil bolas de futebol já foram vendidas nos últimos doze meses, e cada aldeia ou cidadezinha tem agora um clube.*

*Charles W. Miller*

*NB: Estou anexando uma foto minha em vestimenta esportiva. Como não conseguimos reunir todos os jogadores ao mesmo tempo, tomamos as fotos individualmente e estamos fazendo uma montagem para enviar a você.*

Anos mais tarde, o jornalista Thomaz Mazzone escreveu que sempre se lembraria de Charles Miller pelo seu *juvenil entusiasmo, cordial amadorismo e seu espírito desportivo prevalecendo em todas as suas atitudes.*

## 10. Miller e SPAC tricampeões

Filho da Várzea do Carmo, Criado no  
Bom Retiro, Héroi da Consolação,  
Nessa marcha triunfante nós te levamos  
adiante, numa arrancada de escol,  
Só própria de bandeirante, no jogo do futebol.  
Rimas improvisadas em louvor às comemorações do  
sexagésimo  
aniversário da introdução do futebol em São Paulo.  
Poeta anônimo, 1954

Em 1904, Charles Miller não se saiu vitorioso somente nos campos esportivos, mas também na vida profissional, pois foi nesse ano que ele abriu sua própria empresa e obteve um contrato exclusivo para representar a Mala Real Inglesa. Inúmeros passageiros passaram pelo escritório da companhia de Charles Miller, e os navios da companhia trouxeram para cá muitos dos imigrantes italianos, portugueses e espanhóis que ajudaram São Paulo a crescer.

De Santos em direção à Europa, seguiam funcionários britânicos e suas famílias, bem como senhores do café, em férias. Nessas viagens, todos podiam sentir de perto o apogeu dos novos navios de grande calado, como *Alcantara*, *Asturias*, *Atlantis*, *Andes*, e os quatro do tipo Highland, *Patriot*, *Brigade*, *Monarch* e *Chieftan*. A decoração era puro requinte. O *Chieftan* possuía uma luxuosa sala de jantar em estilo Tudor e o *Asturias* um suntuoso salão social em estilo georgiano, dos tempos do Rei Jorge II. A empresa de Miller se encarregava de tudo para os passageiros: escolha das cabines, passagens para a família inteira e empregados, e ainda a reserva de um depósito onde os clientes podiam acomodar suas panelas, roupa

de cama e demais utensílios domésticos com que gostavam de viajar.

Uma novidade que muito impulsionou a indústria frigorífica daquela época foi a instalação, nos novos navios, de câmaras frigoríficas, que levavam para a Europa carne bovina e outros alimentos *in natura* das fazendas, abatedouros e frigoríficos não só argentinos como também da nascente e promissora indústria pecuária do interior de São Paulo, trazendo, dessa forma, prosperidade a algumas cidades da região.

Entre as muitas histórias que se contam dos passageiros daqueles tempos, há uma bastante original. Um fazendeiro do interior de São Paulo com viagem marcada para Londres e Paris queria levar com ele sua vaquinha leiteira a bordo, porém não nos porões refrigerados, mas num estábulo que fosse especialmente construído para ela. A empresa de navegação concordou, e assim o fazendeiro e sua família puderam ir acompanhados de seu prezado animal, para que, tanto na ida como na volta, não passassem sem seu leite diário.

Em 1904, o governo britânico concedeu a Charles Miller uma distinção muito especial: ele foi nomeado cônsul britânico interino em São Paulo, em substituição a seu tio. Como símbolo do cargo, recebeu uma espada honorífica, que faz parte hoje da *memorabilia* dos descendentes de Charles.

O entusiasmo pelo futebol em São Paulo já era palpável. Ainda em 1904, um ano histórico para o SPAC, uma nova associação que se revelaria fundamental para o desenvolvimento do futebol no mundo surgia na Europa — a Fifa, Federation Internationale de Football Association, fundada em 21 de maio de 1904, na rua Saint Honoré, em Paris. A ata de fundação foi assinada por representantes da França, Bélgica, Dinamarca, Holanda, Espanha, Suécia e Suíça, e foi eleito o francês Robert Guerin como o primeiro presidente da entidade.

Os britânicos não participaram dessa primeira reunião, visto que lorde Kinneard, presidente da Associação de Futebol Britânica, ainda tinha dúvidas sobre essa iniciativa lançada pelos países do continente. A primeira tarefa de Robert Guerin, portanto, foi convencê-lo de que a participação britânica nesse empreendimento

era indispensável. Por fim, em 1906, a Inglaterra aderiu à Fifa, e o inglês Daniel Burley Woodfall foi eleito seu presidente. A partir desse momento a organização prosperou, mas não muito tempo depois a Primeira Grande Guerra interromperia quaisquer atividades futebolísticas na Europa.



*Equipe do SPC: (em pé) F.H.Robinson, A.Duff, W.Jeffery e William Rule (de chapéu); (no meio) F.H.Hodgkiss, F.Montandon & N.Biddell; (sentados) H.Boyes, J.Robotton, C.Miller, W.Holland & F.McEwan.*

Uma nova reunião da Fifa foi convocada em 1921, em Amberes, na Bélgica, na qual o francês Jules Rimet foi eleito presidente, função que exerceu até 1954. Foi ele o grande artífice do desenvolvimento do futebol mundial e quem idealizou a primeira Copa do Mundo, realizada em Montevideu, em 1930. Os anfitriões uruguaios foram os primeiros campeões mundiais.

No Brasil, em maio de 1904, tinha início mais um Campeonato Paulista, o terceiro, com os seguintes jogos programados para o Velódromo:

- 3 de maio – Internacional 4 x 0 Mackenzie
- 13 de maio – Paulistano 1 x 0 Mackenzie
- 22 de maio – Paulistano 2 x 0 Internacional
- 29 de maio – Palmeiras 3 x 0 Germânia
- 2 de junho – Internacional 3 x 0 Mackenzie
- 5 de junho – Paulistano 5 x 1 Palmeiras

Depois, dois jogos no Parque Antarctica: em 12 de junho o SPAC ganhou de 1 a 0 do Germânia, com gol de Charles Miller. Em 19 de junho, Germânia 0, Internacional 1. Nesse mesmo dia o SPAC empatou em 1 a 1 com o Paulistano, no Velódromo, com gols de Cássio para o Paulistano e Miller para o SPAC. Em 26 de junho, no Velódromo, o Paulistano venceu o Germânia por 2 a 0, enquanto o SPAC ganhou seus dois jogos seguintes. Fez 5 a 0 no A. A. das Palmeiras e 3 a 2 no Germânia. Em 14 de julho, o Paulistano derrotou o Mackenzie por 2 a 1.

A classificação estava assim: o Paulistano tinha 11 pontos e ainda quatro jogos para disputar, enquanto o SPAC tinha 7 pontos e seis jogos pela frente. Ou seja, nem tudo estava perdido para a equipe de Miller.

O torneio prosseguiu em julho com os seguintes resultados: no dia 17, no Velódromo, o Germânia perdeu de 4 a 0 para o Internacional. No dia 23, no campo da Consolação, o Mackenzie goleou o Palmeiras por 4 a 0. Num jogo muito esperado, no dia 24, SPAC e Paulistano empataram em 0 a 0, no Velódromo. Também no Velódromo, no dia 31, o SPAC derrotou o Palmeiras por 3 a 0, com dois gols de Boyes e um de Robotton. Nesse mesmo dia, ainda no Velódromo, o Germânia perdeu de 1 a 0 para o Paulistano.

Rodada dupla no Velódromo também em 7 de agosto. Na preliminar o Paulistano ganhou do Palmeiras por 1 a 0, com gol de Telles, enquanto na partida principal o SPAC goleou o Internacional por 5 a 0, com gols de Duff, Wright, Miller, Boyes e Robinson. Em 15 de agosto, mais uma vitória do SPAC, 1 a 0 sobre o Mackenzie, gol de Miller. Em 21 de agosto, o Internacional bateu o Palmeiras por 5 a 1.

Com a classificação mostrando o Paulistano com 16 pontos e apenas um jogo a cumprir, e o SPAC com 14 pontos e dois jogos restantes, o campeonato empolgava os torcedores rodada a rodada. Em 28 de agosto, o Paulistano ganhou do Internacional por 5 a 2. Em 29 de agosto, o Mackenzie fez 3 a 2 no Germânia e em 18 de setembro o SPAC ganhou do Internacional por 4 a 1, no Velódromo, com gols de Boyes, Robinson, Miller e Duff. Leônidas marcou pelo

SCI. O SPAC somava agora 16 pontos, dois a menos que o Paulistano, que já havia encerrado seus jogos. Nesse mesmo dia, no campo do SPAC, o Germânia ganhou por 5 a 0 do Palmeiras.

A partida decisiva para o SPAC, na qual ele poderia empatar em número de pontos com o Paulistano, foi disputada no Velódromo, com o estádio lotado, em 28 de setembro. Com gols de Robinson, Duff, Miller, Montandon, Robotton, o SPAC ganhou do Mackenzie por 5 a 0. Só para cumprir tabela, em 14 de outubro, o Mackenzie bateu o Palmeiras por 3 a 1.

Pela terceira vez os dois tradicionais adversários se encontravam para um desempate que apontaria o vencedor do Campeonato Paulista. Os jogadores do Paulistano vestiam seu tradicional uniforme branco com bordados e escudo vermelhos, e o SPAC suas camisas listradas de azul e branco e calção azul. Num jogo muito disputado, o SPAC venceu por 1 a 0, gol marcado pelo capitão, artilheiro, líder e *alma mater* da equipe, Charles Miller, que orgulhosamente levantou a taça conquistada por três anos consecutivos.

O São Paulo Athletic Club tornou-se, portanto, o primeiro tricampeão paulista, com direito à posse definitiva da taça, como Antônio Casimiro da Costa havia determinado em 1901, quando ofertou o troféu. À inscrição originalmente gravada em 1901, teve de ser acrescentada a conquista do tricampeonato, e na base de madeira de imbuia foram colocados três escudos de prata, similares aos dos Cavaleiros do Rei Artur. A gravação definitiva passou a ser:

### **TAÇA**

*Offertada por Antonio C. da Costa  
do Sport Club Internacional  
Vencedor do Campeonato de "Foot-Ball"  
São Paulo*

### **SÃO PAULO ATHLETIC CLUB**

*Constituído e disputado pela 1ª vez em 1902, por iniciativa do  
offerante de accordo com os estatutos da  
"LIGA PAULISTA DE FOOT-BALL"*

1902	1903	1904
------	------	------

<i>Vencedor</i>	<i>Vencedor</i>	<i>Vencedor</i>
<i>S. Paulo</i>	<i>S. Paulo</i>	<i>S. Paulo</i>
<i>Athletic Club</i>	<i>Athletic Club</i>	<i>Athletic Club</i>

Grande quantidade de garrafas de champanhe Moët & Chandon foram consumidas nas comemorações. Ao Paulistano restou o prêmio de consolação, isto é, a bola do jogo. Quando Miller levantou a taça, ou seu novo “cálice sagrado”, e depois passou-a de mão em mão aos jogadores do SPAC, eles entoaram uma tradicional canção britânica do tempo do general Wellington, composta por Beethoven para as tropas britânicas vitoriosas na Batalha de Waterloo, na Bélgica, em 18 de junho de 1815: For he is a jolly good fellow and so say all of us (Porque ele é um bom companheiro, ninguém pode negar).



*Taça Antônio Casimiro da Costa.*

Esses disputadíssimos jogos entre Paulistano e SPAC foram os precursores dos grandes clássicos do futebol brasileiro, como Corinthians e Palmeiras, São Paulo e Palmeiras, São Paulo e Corinthians, ou um Flamengo e Fluminense, um Grêmio e Internacional.

Os artilheiros de 1904 foram mais uma vez Herbert Boyes e Charles Miller, com nove gols cada um, e quem mais apitou jogos foi novamente Charles Miller. O comentário de *O Estado de S.Paulo* do dia seguinte dizia que o SPAC ganhou *por ter melhor organização e técnica em prélios ardorosamente disputados*.



*SPAC e o tricampeonato paulista. Foto-montagem histórica, confeccionada por Charles Miller.*

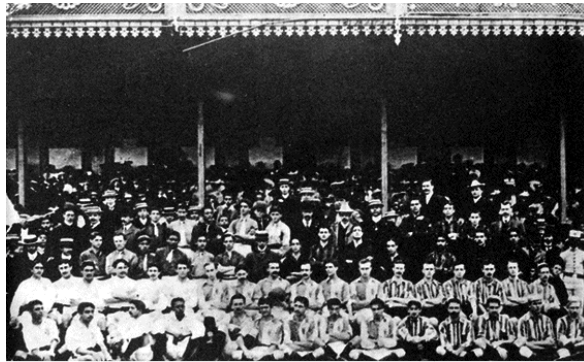
Para cumprir a promessa que havia feito no início do ano ao diretor de sua escola na Inglaterra, Miller encomendou uma fotomontagem da equipe tricampeã do SPAC, já que não conseguira reunir num só dia, para uma sessão de fotos, todos os jogadores que haviam participado dos campeonatos. Tanto os jogadores como o presidente do clube, William Fox Rule, foram fotografados individualmente, e a montagem fotográfica foi concebida de forma artística, com adornos entre as fotos de cada atleta. No centro da fotomontagem, aparecem em destaque uma bola de capotão e a taça Antônio Casimiro da Costa. A inscrição 1902–1903–1904 vem

colocada logo abaixo da bola, e o brasão da Liga Paulista de Football na parte inferior da montagem. Uma obra de arte. Esta foto histórica faz parte do acervo do São Paulo Athletic Club-SPAC, e enfeita ambas as sedes, a da Consolação e a de Santo Amaro.

Anos depois, a taça Antônio Casimiro da Costa foi roubada da sede da Consolação. Entregue anonimamente anos mais tarde numa casa de penhor, foi restituída ao clube. Para evitar novos furtos, a taça foi mantida por muitos anos no cofre da Secretaria do SPAC, até ser instalada, em 1988, ano do centenário da fundação do São Paulo Athletic Club, em local mais apropriado: o Centenary Tavern, na sede esportiva de Santo Amaro, para que os jovens esportistas do SPAC pudessem conhecer e se lembrar para sempre dos jogadores dos primórdios do século que legaram ao futebol uma dedicação amadorística jamais vista. Hoje esse bar é um lugar de romaria de jovens jornalistas esportivos, interessados em conhecer a história do futebol paulista.

# 11. Plumas e paetês nas arquibancadas

Laura Oliveira Rodrigo Otávio, em seu livro *O Elo da Corrente*, faz um pitoresco relato sobre o início do futebol paulista. O interessante dessa obra foi o fato de ela ter sido escrita quando a autora contava mais de noventa anos de idade. Seu pai, Numa de Oliveira, fez parte do primeiro Conselho do Clube Athletico Paulistano e foi seu presidente nos mandatos de 1903 a 1906 e 1911 a 1912, bem como empresário e grande incentivador dos esportes e das artes. Foi também membro do Comitê Organizador da Semana de Arte Moderna em São Paulo, em 1922.



*Torneio interestadual de 1905: Fluminense, SPAC, Paulistano, Germânia, Mackenzie e Internacional.*

*No início do século os paulistas se divertiam indo às corridas de bicicleta no Velódromo, na rua da Consolação. Corriam rapazes de família, entre eles o Antônio Prado, que figurava com o anagrama Odarp, e o Humberto Viana com o pseudônimo de Osir.*

*Dentro do Velódromo existia uma boa arquibancada coberta e um grande gramado rodeado pela pista em cimento com seus declives nas curvas, para as corridas de bicicleta.*

*A certa altura dessas “performances”, surgiram no campo uns ingleses [os jogadores do São Paulo Athletic] jogando uma bola, o que parecia mera*

*brincadeira. Explicaram, então, ser aquele um jogo inglês, muito interessante, que queriam introduzi-lo no Brasil.*

*A coisa tomou impulso, fundaram-se uns clubes: “São Paulo Athletic Club”, o “Club Germânia”, o “Club Internacional”, o “Club Mackenzie”, e ali, no Velódromo, o “Club Athletico Paulistano”, dirigido por Antônio Prado Júnior, Numa de Oliveira, Luís Fonseca e outros.*

*Os times se compunham de elementos das melhores famílias como o Jorge Miranda (Tutu), no gol, que defendia com certos munhecaços. Guilherme Rubião, Thiers Costa Marques, “full-backs”; Jorge Mesquita, “centre-half”, e o Álvaro Rocha, “centre-forward”, um tipo de Apolo, cabelos crespos, perfil grego, a camisa aberta e a jogar magistralmente. Imagino as paixonites que despertou. Eu era criança, mas quando um dia ele me apertou a mão, senti-me honradíssima.*

*O Paulistano jogava lindamente; meu pai chamou treinador para aperfeiçoar o estilo, mas, durante três anos, o campeonato ia até o empate com o São Paulo Athletic Club, e nos desempates os ingleses ganhavam a taça. Que desespero. Num dos desempates Tutu adoeceu e Armando (meu irmão), “goal-keeper” do segundo time, teve que tomar o posto. Estava branco como um papel e nós sofrendo por ele.*

*As arquibancadas do Velódromo, então, ostentavam, nas paredes dos fundos, o escudo do Paulistano, C.A.P., vermelho sobre branco. Na extrema direita havia uma parte reservada à família Prado, proprietária do recinto, e cada fila tinham uma portinha interceptando a entrada. As mulheres da família eram elegantes, viajadas, trazendo sempre as últimas novidades de Paris, e eu achava tudo aquilo uma beleza.*

*Em dado momento, já passados anos, uma cisão no Paulistano fez com que ótimos elementos formassem outro time num clube ainda sem expressão chamado Palmeiras [Associação Atlética das Palmeiras]. Foi um grande choque para papai e para a diretoria que então já tinha tomado compromissos, fazendo uma piscina, gramado, banheiros, quadra de tênis, dando festas para os sócios etc.*

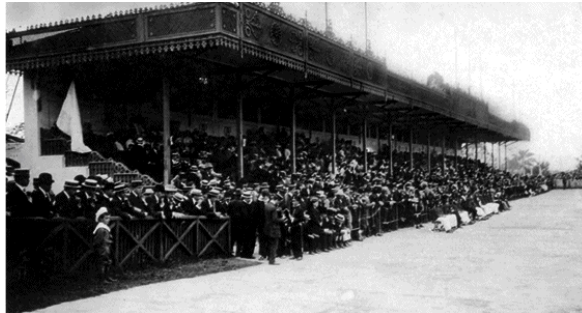
*A saída depois do jogo era longa, pois o campo era retirado da rua, no interior do terreno, e nós vínhamos a pé por um caminho mais alto e o pessoal rico, em suas carruagens, com lindos cavalos, na parte mais baixa e larga que conduzia à rua.*

*Conforme a moda inglesa da época, papai mandou vir da Europa fitas vermelhas e brancas com o escudo C.A.P. que os homens ostentavam nos chapéus de palha, muito em uso também. Até moças fizeram uns “canotiers” para aplicar tal fita.*

*O Fluminense, clube elegante do Rio, ia a São Paulo para competições e tinha muitos elementos estrangeiros, ou filhos de estrangeiros; Frank Walter, diretor, e os jogadores Cruikshank, Cox, Frias e os dois irmãos Etchegaray.*

*Quando o Paulistano viajava para o Rio, papai vinha tomando conta dos rapazes para que tudo andasse na linha; era uma trabalhadeira.*

*Afinal, papai sofria tanto com o futebol que resolveu desistir de tudo e deixar com os mais jovens.*



*Vista das arquibancadas do Velódromo: elegância e charme.*

## 12. A jóia da Consolação

O esporte que o mundo fez para si foi o futebol, o filho da presença global econômica britânica, que tinha introduzido equipes com nomes de empresas britânicas, ou compostas por expatriados britânicos (tal como o São Paulo Athletic Club-SPAC) desde o gelo polar até o Equador.

Eric Hobsbawm, *Era dos Extremos*, 1994

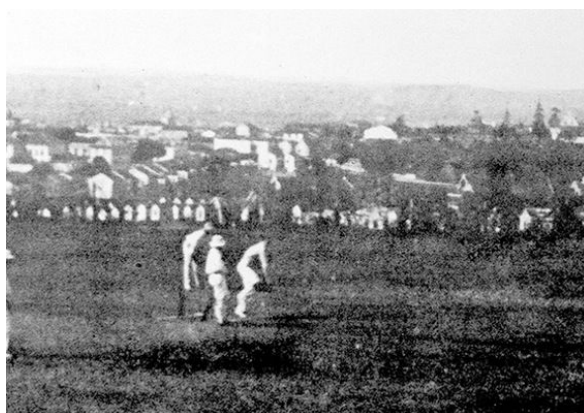
Em 1906, o São Paulo Athletic Club viveu um ano histórico, por ter conseguido a posse definitiva do terreno da Consolação, na rua Visconde de Ouro Preto. Seu presidente era Richard Gray e o secretário, Charles Percy Tomkins, meia-direita do SPAC.

Um episódio acontecido anos antes explica a ligação afetiva que dona Veridiana Prado acabou tendo, indiretamente, pelo São Paulo Athletic Club. Dona Veridiana morava num solar, onde hoje está situado o exclusivo Clube São Paulo, na esquina da rua Dona Veridiana com a avenida Higienópolis, e conhecia muito bem as famílias Miller e Rule, muito queridas de toda a família Prado.

Certa vez, dona Veridiana chamou à sua casa William Fox Rule — que àquela altura, a exemplo de seu primo Charles Miller, já retornara de seus estudos na Inglaterra — a fim de solicitar-lhe ajuda num assunto muito delicado. Dona Veridiana explicou que seu filho, Eduardo Prado, estava envolvido em problemas políticos, com possibilidade de vir a ser preso. Alguma coisa precisava ser feita para evitar que isso acontecesse. O Brasil tinha como presidente o marechal Floriano Peixoto, o Marechal de Ferro, e viviam-se tempos de revolta da Marinha e da Revolução Federalista. Eduardo Prado publicara um livro, *A Ilusão Americana*, apreendido pela polícia, criticando os costumes e a Constituição, além de cáusticos artigos

como redator do jornal *Comércio de São Paulo*. Cavalheiro como era, Willy prontificou-se a ajudá-la.

Tempos depois, William Fox Rule foi visto caminhando pela rua São Bento em companhia de um padre, ambos conversando em francês. O “padre”, na verdade, era Eduardo Prado disfarçado. Rule levou-o a uma fazenda no interior do Estado, onde permaneceria alguns dias até que a agitação passasse. Nessa fazenda, Eduardo Prado não seria perturbado, e os planos de sua fuga poderiam ser organizados com calma. William Fox Rule tinha feito todos os preparativos e obtido uma cabine para o “padre” no próximo navio de saída para a Europa, onde Eduardo Prado viajaria como o “capelão” de bordo. Quando o navio atracou em Santos no dia marcado, Willie Rule levou Eduardo Prado ao cais de embarque e desejou-lhe uma boa viagem e estada na Europa. Mais tarde, quando os ânimos políticos se acalmaram, ele retornou ao Brasil.



*Vista do Town Club da Consolação em 1902.*

Em 1906, a diretoria do SPAC manifestou o desejo de comprar o terreno da Consolação, de propriedade de Dona Veridiana e arrendado pelo São Paulo Athletic Club desde 1899, no qual instalara sua primeira sede e os campos esportivos. Quando fizeram o primeiro contato com Dona Veridiana Prado, ela se lembrou da ajuda que William Fox Rule havia prestado a sua família. Dona Veridiana concordou com a idéia de que o terreno passasse a pertencer ao clube, e foi além, dizendo que o doaria ao SPAC. Os

membros da diretoria não aceitaram essa proposta e mantiveram sua disposição em comprar o terreno. Percebendo que não conseguiria demovê-los dessa idéia, Dona Veridiana, resolveu então determinar um preço especial, e a venda foi formalizada.

A ata foi lavrada em 9 de abril de 1906, Dona Veridiana Prado constando como outorgante e o São Paulo Athletic Club sendo representado por sua diretoria. O doutor Ernesto Rudge da Silva Ramos, membro da numerosa família Rudge, foi quem representou a Prado, Chaves & Cia. nessa transação.

Num dos trechos da extensa minuta está escrito:

*Uma grande área de terreno que fazia parte, outrora da chácara denominada Martinho Prado, situada entre as ruas da Consolação, travessa Augusta, rua Augusta e o muro da Caixa D'Água, freguezia da Consolação desta cidade e comarca... e pelo seu outorgado comprador São Paulo Athletic Club, pôr seus representantes ao princípio nomeados foi dito que aceitava a presente escritura em todos seus termos sendo a compra ora feita de conformidade com a resolução da Assembléia Geral dele outorgado comprador em dias do corrente mez, conforme consta da respectiva acta e para servir de patrimônio enquanto durar a associação do São Paulo Athletic Club.*

Em suas notas sobre essa época, Charles Rule, filho de William Fox Rule, relata o seguinte:

*Eu me lembro muito bem quando acompanhava meu pai ao Clube na Consolação, onde assistia a jogos de críquete, futebol e ocasionalmente "rugby", no campo na frente da Sede, agora completamente dominada por quadras de tênis. Posteriormente fui estudar em uma escola em Rutland, na Inglaterra, e ao final de meus estudos comecei a trabalhar em Londres com a ajuda de meu primo Charles Miller e de amigo que tinha estudado com ele e com meu pai no Banister Court School. Quando voltei na década de 30, encontrei o Clube e a cidade de São Paulo muito mudada.*

# 13. Taça Conde Penteado

Para o campeonato de 1905, uma nova taça estava em jogo, oferecida pelo industrial Antônio Alvarez Penteado e confeccionada por um renomado ourives parisiense. Ela esteve em disputa até 1911.

A Taça Conde Penteado foi vencida pelo Paulistano em 1905, pelo Germânia em 1906, pelo Internacional em 1907, novamente pelo Paulistano em 1908 e pela A. A. das Palmeiras em 1909 e 1910. Em 1911, após um jogo com o SPAC, a A. A. das Palmeiras, não aceitando a derrota, reclamou do resultado alegando que o árbitro Juca Menezes tinha anulado dois gols. O Palmeiras teve mais um jogo nesse campeonato contra o Germânia em 16 de julho, e como também sentiu-se prejudicado, deixou a Liga. O campeão desse ano foi o SPAC, mas a A. A. das Palmeiras, que vencera o campeonato no ano anterior, recusou-se a entregar a taça para que ela fosse repassada ao SPAC, e ela acabou desaparecendo. Só foi ressurgir em 1932, por ocasião da Revolução Paulista, quando foi encaminhada para a Campanha do Ouro com um bilhete irônico de seu anônimo doador: *Quando pesquisava o leito do rio Tietê, um escafandrista que jogou futebol no Floresta, nos gloriosos tempos, encontrou nas águas turvas do secular rio esta preciosa taça de prata, que emocionado ofereço hoje à Campanha do Ouro de São Paulo.*

O Campeonato Paulista de 1905 começou em 3 de maio e, como sempre ocorria, SPAC e Paulistano entraram como favoritos. O SPAC perdeu por 2 a 1, e depois por 2 a 0, encerrando-se assim a supremacia dos ingleses. O campeão foi o Paulistano, com apenas 2 pontos perdidos, seguido por Germânia, Internacional, SPAC, Mackenzie e Palmeiras. Dessa forma, o Clube Athletico Paulistano conquistava, invicto, seu primeiro Campeonato Paulista. O artilheiro, porém, foi um jogador do Germânia, Herman Friese, formidável desportista. Natural da Alemanha, Friese transformou-se numa lenda desse clube. Foi ídolo também do atletismo paulista, tendo sido campeão europeu dos 1.500 metros.

Antes do último jogo do campeonato de 1905, um episódio provocou uma cisão no Paulistano. A desavença ocorreu em outubro, quando o clube era presidido por Numa de Oliveira e tinha como diretores Antônio Prado Júnior e Luiz Fonseca. Tudo começou com a rebeldia do jogador do Paulistano Jorge Mesquita, que queria de toda maneira ser nomeado capitão no jogo final, para ter ele a honra de receber a taça. A diretoria, porém, não o atendeu, e convidou José Rubião para capitão. Este, no entanto, não aceitou o encargo, e os diretores, um tanto embaraçados, viram-se obrigados a se reunir no Velódromo para tratar do caso. Jorge Mesquita entrou no meio da reunião para participar dos debates, mas foi convidado a se retirar, o que fez sob protestos e com a solidariedade de José Rubião e de seus companheiros Raul Guimarães, Mário Egydio, Urbano de Moraes, Plínio Rubião e de outros craques do quadro campeão de 1905.

Jorge Mesquita foi o capitão no último jogo disputado no dia 1º de novembro, que foi ganho pelo Paulistano por 2 x 0. Em 1906, Urbano de Moraes, Raul Guimarães e Mário Egydio foram reforçar a Associação Atlética das Palmeiras, assim nascendo uma grande rivalidade entre a A. A. das Palmeiras e o Paulistano. Jorge Mesquita nunca mais jogou pelo Paulistano.

O Campeonato Paulista de 1906 foi vencido pela primeira vez pelo Germânia, seguido de Palmeiras, Mackenzie, Internacional e Paulistano, que havia sentido a saída de seus bons jogadores nesse ano. O SPAC, bem abaixo de suas atuações passadas, acabou em último lugar.



*Time de críquete do São Paulo Athletic Club, em 1905. Charles Miller exhibe seu clássico bigode (frente).*

Na metade do campeonato de 1906, aconteceu a primeira visita de um clube estrangeiro ao Brasil. Em 1904, os dirigentes paulistas já haviam tentado trazer o Nottingham, da Inglaterra, mas sem resultado. Em meados de 1906, uma equipe da África do Sul, composta na maioria de jogadores ingleses, estava a caminho da Argentina. Imediatamente os dirigentes brasileiros entraram em contato com os sul-africanos e os convidaram para disputar um jogo em São Paulo. O convite foi aceito e esse jogo histórico foi realizado em 31 de julho.

O jogo Seleção Paulista contra South Africa XI foi disputado no Velódromo e a escalação dos paulistas foi a seguinte: Jorge “Tutu” Miranda (Paulistano); Walter Jeffery (SPAC) e Frank Hodgkiss (SPAC); Pyles (Mackenzie), Argemiro (Internacional) e Stewart (SPAC); Leo Bellegarde (Internacional), Charles Miller (SPAC), B. Cerqueira (Paulistano), Oscar de Andrade (Mackenzie) e Henrique Ruffin (Mackenzie). O próprio Charles Miller foi o técnico. No dia seguinte, os jornais estamparam que a equipe da África do Sul ganhara com facilidade dos paulistas por 6 a 0, mas a verdade é que os brasileiros defenderam-se bravamente ante adversários muito mais experientes.

Um dos jogadores dessa Seleção Paulista – Francis Howard Hodgkiss (1876–1970) – foi um dos baluartes da equipe tricampeã do SPAC. Frank, como era conhecido por seus amigos, nasceu no bairro inglês de Bushbury, na cidade industrial de Wolverhampton, vizinha de Birmingham. Veio ao Brasil para trabalhar na empresa Henry Rodgers & Sons Co. Ltd., que importava teares para a promissora indústria têxtil brasileira e ferramentas para a agricultura. No início de sua chegada, fixou-se no Rio de Janeiro, justamente na época da epidemia de febre amarela, porém nunca contraiu a doença. Após cinco anos no Rio, foi transferido como gerente da filial de São Paulo, e assim fincou raízes na capital paulista. Muitos anos depois abriu sua própria empresa como agente de seguros da Liverpool, London & Globe, da Inglaterra. Jogava na lateral esquerda do SPAC, mas ocasionalmente era escalado na meia-

direita. Após sua retirada do futebol, passou a jogar *bowls* (uma espécie de bocha), no campo de grama escocesa do tipo Cumberland, na sede do SPAC na Consolação.

São Paulo oferecia muitas oportunidades, e o grupo industrial escocês J. & P. Coats, Machine Cottons Limited, de Paisley, cidade vizinha de Glasgow, onde os parentes de Charles moravam, decidiu montar na Paulicéia uma fábrica de linhas de costura. Assim, em 1907, foi inaugurada a empresa Linhas Corrente, na rua do Manifesto, no bairro de Ipiranga. Essa empresa atraiu para o Brasil muitos trabalhadores escoceses adeptos de esportes, especialmente do *bowls*, mas que também jogaram nas equipes de futebol e de críquete do SPAC junto com Charles Miller. Em 1994, a empresa mudou sua razão social para Coats Corrente, porém para todas as costureiras, bordadeiras e donas de casa a Linhas Corrente já havia se tornado uma marca inesquecível.



*Partida no Velódromo em 1905 entre SPAC e Paulistano.*

Com o contínuo crescimento da cidade e o surgimento de novos bairros, a localização dos clubes não se restringia mais às áreas do centro, Consolação ou Santa Cecília. Justamente no bairro do Ipiranga, num local próximo de onde se instalara a Linhas Corrente, nasceu mais um clube de futebol: o Clube Atlético Ypiranga, fundado em 10 de julho de 1907, mas que só viria a disputar o Campeonato Paulista três anos depois.

O Campeonato Paulista de 1907 ganhou um novo integrante, o Sport Club Americano, fundado em Santos, em 21 de maio de 1903, e que em sua primeira participação já se destacou, conquistando o segundo lugar no campeonato ao empatar com o Paulistano na tabela de classificação com 11 pontos ganhos. O campeão do ano, pela primeira vez em sua história, foi a equipe de Antônio Casimiro da Costa, o Sport Club Internacional, que, com uma campanha entusiasmante, terminou invicto, com 16 pontos ganhos. Em quarto lugar apareceu o Germânia, seguido pelo SPAC.

# 14. Música e futebol, orgulho da família

Olha o samba: aqui é o país do futebol.

Autor anônimo

O Brasil é um país muito eclético musicalmente; aqui convivem em harmonia tanto samba, baião, frevo, música sertaneja, xaxado, forró, axé-music como música popular brasileira ou clássica. Ao longo da história do país, duas paixões do povo brasileiro foram se firmando: música e futebol. Elas de certa forma viriam a se unir ainda mais em 1906, quando Charles Miller se casou com Antonieta Telles Rudge, uma pianista de renome internacional.

Antonieta nasceu em 1885, numa tradicional família anglo-paulista. Seu pai foram Anna Emília da Silva Telles e João Henrique Rudge, ele também um descendente de John Rudge. Anna e João Henrique tiveram dezessete filhos. Aos quatro anos, Antonieta começou a tocar piano e aos sete deu seu primeiro recital. Seus professores de piano não cansavam de exaltar seu grande e inato talento. Dona de um vasto repertório, que incluía as Sonatas e os Noturnos de Chopin, aprendeu de memória os quarenta e oito Prelúdios e Fugas do *Cravo Bem Temperado*, de Johann Sebastian Bach.



*Antonietta, esposa de Charles Miller: pianista internacional e fascínio pelos grandes compositores brasileiros.*

Além dos muitos compositores estrangeiros que interpretava, Antonietta tinha fascínio pelas obras dos grandes compositores brasileiros de sua geração, como Alexandre Levy, Henrique Oswald, Alberto Nepomuceno, Artur Napoleão, Heitor Villa-Lobos, Camargo Guarnieri e Francisco Mignone. Foram inúmeras suas interpretações de música erudita brasileira, e ela formou, junto com Guiomar de Novaes e Magdalena Tagliaferro, a trindade das grandes e célebres pianistas brasileiras.

Quando Charles retornou da Inglaterra em 1894, com vinte anos, Antonietta era uma garotinha de nove. Claro que ele, já um adolescente, nem notou aquela sua priminha em terceiro grau, pois suas avós, Harriet Mathilda e Anna Abiah, eram irmãs, pelo lado da família Rudge. Mais tarde, quando Antonietta tornou-se uma bela moça, fina, esbelta e de olhos azuis, Charles por fim a notou, e em 1904 começou a freqüentar a casa dos Telles Rudge — no número 50 da rua Visconde de Rio Branco, hoje a movimentada avenida Rio Branco — no intuito de cortejar Antonietta.

Naquela época, era costume moços e moças saírem ao pôr do sol para passear, ou fazer o *footing*, para se encontrar com amigos e conhecidos. Esses passeios se davam no Triângulo, formado pelas ruas São Bento, Direita e XV de Novembro. Charles e outros jovens apaixonados como ele passavam antes pelo viaduto do Chá para irem até o jardim da Praça da República e ali comprar flores para suas amadas. Era a *belle époque*, tempos da galanteria e do diletantismo. Tempos alegres do início do século XX, em que os

joviais paulistanos podiam estender seus passeios de fim de semana até o jardim da Luz, onde as famílias faziam sossegadamente seus piqueniques, admirando o pitoresco Kiosque da Bavária.

Ao final de 1905, Charles e Antonieta decidiram se casar, e a primeira providência dos noivos foi solicitar os proclamas na igreja Santa Ifigênia, freqüentada por Antonieta. Essa igreja, datada do século XVII, localizava-se (e ali está até hoje) defronte à ladeira do Seminário e ao viaduto Santa Ifigênia, perto do vale do Anhangabaú, a um quarteirão de sua casa.

Os proclamas destacavam-se em dois sentidos: pela consangüinidade dos noivos, uma vez que suas avós eram irmãs, e por suas religiões diferentes, já que Antonieta era católica e Charles, ou Carlos —, como consta nos Registros da Cúria Metropolitana —, da religião anglicana. O padre coadjutor, Antônio Alfredo Krauss, aprovou as dispensas e eles se casaram em 20 de janeiro de 1906 no Oratório particular da residência da família Rudge. O padre José de Camargo Barros oficiou a cerimônia, que teve como testemunhas Antônio da Silva Telles e William Rudge.



*Elegância dos noivos: Antonieta com luxuosas rendas francesas e Charles Miller com fraque preto.*

No acervo da família Miller consta uma foto dos noivos após a cerimônia, e o destaque desse registro fotográfico são os trajes que ambos usavam. Naquele início de século XX, os tecidos finos eram trazidos da Europa e os vestidos de noiva confeccionados com as melhores e mais luxuosas rendas Chantilly de Paris. Embora não fossem armados, usava-se uma grande quantidade de renda em sua confecção. As caudas eram normalmente extensas, e os vestidos cobriam as noivas por completo, com golas altas e mangas compridas. Foi esse o modelo escolhido por Antonieta. Charles trajava um fraque preto bolero, com lapelas de cetim, muito em voga na época.

Logo após o casamento, Charles e Antonieta viajaram para a Inglaterra, e sua primeira visita foi à Banister Court School, onde seu diretor, o reverendo C. Ellaby, e os professores se encantaram com o charme e a beleza de Antonieta. Durante a estada em Londres, agendaram um encontro com um empresário, que, ao ouvir Antonieta tocar, imediatamente organizou uma turnê dela pela Europa, com apresentações na própria Inglaterra, França e Alemanha, onde ela recebeu entusiásticos elogios dos críticos.

No inverno de 1906, Charles e Antonieta participaram de outro casamento, mais precisamente no dia 8 de setembro, dessa vez como padrinhos de Alcina Telles Rudge, irmã mais velha de Antonieta. Ela se casou com um grande amigo de Charles, Francis Henry Robinson, também companheiro dele na equipe tricampeã do SPAC em 1904. Francis tinha se mudado do Cosme Velho, no Rio de Janeiro, e fixado residência em São Paulo.

Em 16 de fevereiro de 1907, nasceu o primogênito de Charles e Antonieta, Carlos Rudge Miller, e, em 21 de junho de 1909, Helena Rudge Miller. Nessa época, Charles e Antonieta já moravam na rua das Palmeiras. Era também usual as crianças nascerem em sua residência, como foi o caso de Carlos e Helena. A parteira foi a senhora Ferrone, que por muitos anos trouxe ao mundo várias gerações da família Rudge.

Foi na Sociedade da Cultura Artística de São Paulo que Antonieta reinou durante mais de vinte anos. Seu *début* se deu no dia 13 abril de 1914, com um recital de piano. Por ser o primeiro recital de Antonieta na Cultura, a procura de ingressos foi enorme.

Pela primeira vez, um evento era realizado só com música, sem conferencista, como era de praxe. O nome dela bastava. Com o Salão Germânia lotado e silêncio quase religioso, Antonieta Rudge Miller fez um extraordinário sucesso. A platéia acompanhou com reverência o som puríssimo que ela extraía do piano Bechstein e todas as suas execuções: *4o Scherzo* e *Noturno*, de Chopin; *Rigoudon*, de Rameau; *Impromptu*, de Henrique Oswald; *Ondine*, de Debussy; *Alvorada* e *Gracioso*, de Ravel; e *Dance Macabre*, de Saint-Saens-Liszt. Seu último recital na Sociedade da Cultura foi em 20 de março de 1934, com um concerto de piano acompanhado ao violino por Frank Smit, com o qual já se apresentara em inúmeros recitais e concertos.



*Salão Germânia da Sociedade Cultura Artística durante a apresentação de Antonieta Rudge Miller.*

Numa das turnês que o famoso Quarteto de Londres (London Quartet) fez em São Paulo, estava programado o *Quinteto de Piano em E*, de Schumann. O pianista inglês adoeceu à última hora e Antonieta foi convidada para substituí-lo. Ela tocou sem nem ter ensaiado e seu sucesso foi estrondoso.

Helena, a filha de Charles e Antonieta, sempre guardou ótimas recordações da infância. Uma delas foi o Natal de 1914, quando, com quatro anos, ela aguardava Papai Noel com ansiedade. Alguns dias antes, porém, seu irmão Carlos mostrou-lhe alguns presentes escondidos na casa e lhe contou que Papai Noel não existia, que era o pai deles quem comprava os presentes. Helena ficou surpresa

e resolveu verificar. Escondeu-se e surpreendeu o pai colocando os presentes em seu sapato. Chorando, perguntou-lhe onde estava o Papai Noel, e Charles Miller lhe respondeu que, como Papai Noel estava muito ocupado, havia lhe pedido que colocasse os presentes deles ali.



*Antonieta com o amigos da Sociedade Cultura Artística.*

Outra história marcante para Helena ocorreu anos depois. Um dia, durante uma brincadeira, ela e Carlos trancaram o pai num quatinho que havia na casa da rua das Palmeiras. Quando Antonieta chegou das compras, descobriu que Charles estava preso ali fazia um bom tempo. Carlos e Helena foram postos de castigo, trancados na despensa. Antes, disfarçadamente, para não desautorizar a mãe, Charles mostrara aos filhos a lata de açúcar que ele havia deixado lá para que eles se deleitassem durante a necessária punição.

Outra faceta de Charles Miller era sua religiosidade. Em sua casa as tradições religiosas eram diferentes. Como ele era anglicano, lia a Bíblia todas as noites para os filhos, mas na versão do rei Jaime I da Inglaterra, de 1611. Impressa em 1874, essa Bíblia fora um presente de seu pai John. Antonieta, por outro lado, para cumprir seus ritos católicos, levava os filhos todas as manhãs de domingo à missa da Igreja de Santa Ifigênia.



*Miller com a filha Helena no colo: chá com os amigos.*

Helena sempre classificou o pai como um homem muito educado, cordial e respeitoso. Nunca o viu levantar a voz nem discutir. Foi um verdadeiro *gentleman*. Isso é corroborado por Bianca Morandi de Rudge, cunhada de Antonieta, que no dia de seu aniversário sempre recebia de Charles a primeira ligação de parabéns, pontualmente às sete da manhã.

Charles também era conhecido por seu amor e atenção com os filhos. Sempre foi um bom companheiro, orientando-lhes em tudo e dando a eles bastante liberdade, mas dentro de limites. Helena costumava contar a história de quando o pai ensinou-a a sair de casa sozinha. Ela já tinha cerca de vinte anos quando ele a autorizou a sair. Helena foi então dar seu passeio, mas de repente sentiu que a seguravam pelo braço. Ao olhar surpresa para trás, deu com o pai. Ele a havia seguido apenas para verificar se realmente ela estava sabendo andar sozinha.

Ao final dos anos 1920, antes da Revolução Constitucionalista de 32, durante a qual Antonieta fez várias apresentações em prol das tropas paulistas, ela separou-se de Charles para se unir ao poeta Menotti del Picchia. Os pais de Antonieta ficaram muito tristes com a separação, pois Charles era muito querido da família Rudge. Menotti e Antonieta tinham-se conhecido após a Semana de Arte Moderna de 22, numa das reuniões culturais realizadas semanalmente no

palacete de Olívia Guedes Penteado (1872–1934), situado na esquina da rua Conselheiro Nébias com a avenida Duque de Caxias, nos Campos Elíseos. Eram encontros muito freqüentados por intelectuais e que ocorriam nas tardes de terça-feira. Dona Olívia, a baronesa do café, foi uma mecenas das artes e dos modernistas, e era conhecida como Madrinha dos Artistas, Protetora das Artes e ainda pelo carinhoso apelido de Nossa Senhora do Brasil.



*Charles Miller e Antonieta reunidos com irmãos dela e Francis Robinson.*

Menotti del Picchia nasceu em São Paulo, em 1892, tendo estudado em Itapira e em Campinas. Entre outras atividades, foi jornalista, político e ensaísta, mas seu poema *Juca Mulato* foi o que lhe deu notoriedade. Por razões pessoais, Antonieta deixou de se apresentar como pianista e tornou-se professora de piano e diretora do Conservatório de Música de Santos.

Arthur Rubinstein, notável concertista de piano polonês, descreveu em suas memórias sua fascinação pela arte de Antonieta: [...] *tive três amores na minha vida, Chopin, Beethoven e Antonieta tocando, com a suavidade de suas mãos* [...]. Ao encerrar sua carreira, Antonieta continuou tocando em casa para seus filhos, netos e amigos. Faleceu em São Paulo em 1974.

Como corolário da vida artística de Antonieta Rudge Miller, o poeta paranaense Emílio de Meneses, seu grande amigo, dedicou-lhe este poema:

*Ser mulher e ser mãe dentro de um sonho de arte  
Que aureolando a virtude e engrandecendo o amor,  
Deixa aquela integral quando este se biparte  
Ante o casto recesso e entre a pompa exterior,  
Eis o que faz querer-te, eis o que faz amar-te  
Alma indômita entregue ao pulso domador  
Que o amplia, que o desdobra e leva a toda parte,  
Da intérprete, a certeza e, do gênio o esplendor.  
Jamais mão feminina, ate as róseas falanges  
Reuniu tanto poder, tanta fascinação  
Como essa com que os sons infinitos abranges,  
Guaie sutil o vento ou ruja o furacão,  
Rouco esbraveje o mar, ou meigo gema o Ganges,  
Tens o eco universal dentro de cada mão!*

Em 1977, a gravadora Master Class, de Wagner Molitsa e Evandro Pardini, lançou sua primeira coleção de Grandes Pianistas Brasileiros, com gravações ao vivo da época. Mas foi no ano de 2000 que, com o propósito de oferecer um panorama completo da arte do teclado, a gravadora lançou uma nova coleção, iniciando-a com as pianistas nascidas entre 1885 e 1932. Foi um resgate de tesouros preciosíssimos, e incluiu uma das maiores obras de Antonieta, a interpretação de *Morte do Amor*, de *Tristão e Isolda*.

Helena Rudge Miller, filha de Antonieta e Charles, nunca se casou. Namorou o escultor Victor Brecheret, que tem entre suas obras o *Monumento às Bandeiras*, inaugurado em 1953 defronte ao Parque do Ibirapuera, em São Paulo, e viveu de forma intensa o mundo cultural. Apesar de sempre ter morado com a mãe, visitava constantemente o pai, por quem nutria grande dedicação e admiração. Helena preferiu a música ao futebol e, seguindo os passos da mãe, fez aulas de piano clássico num conservatório em Santos. Também recebeu aulas de canto e era exímia cantora.

# 15. Miller internacional

Em 1908 aconteceu a primeira visita de uma equipe argentina a São Paulo. A convite da Liga Paulista de Futebol, então presidida por Antônio Prado Júnior, a delegação da Argentina veio composta de jogadores dos clubes Alumni, Belgrano Athletic Club, San Isidro Club e Estudiantes, de Buenos Aires. A torcida paulista tinha grande expectativa em relação aos três confrontos que iriam se realizar entre as duas seleções, sem imaginar que eles dariam início à rivalidade com nossos vizinhos do Rio de la Plata. A exemplo dos jogadores paulistas, também os argentinos eram amadores.

As equipes que se defrontaram primeiro em 2 de julho de 1908 estavam assim formadas: Seleção Paulista – Willis (Germânia); Tommy (Paulistano) e Catton (SPAC); Gerhardt (Germânia), Thiele (Germânia) e Steward (SPAC); Roberts (SPAC), Enfuihrer (Germânia), Charles Miller (SPAC), Stany (Germânia) e Colston (Paulistano). Charles Miller atuou também como técnico. Seleção Argentina – Ernesto Brown; Eliseo Brown e L. Burgos; Carlos Brown, Vernet Amadeu e R. Lennie; A. Lusan, Minbran, W. A. Campbell, Juan Brown e Jorge Brown.

Nesse histórico jogo, argentinos e paulistas não passaram de um empate em 2 a 2. O primeiro tempo terminou 1 a 0 a favor da Argentina, gol de Eliseo Brown. No segundo tempo, Charles Miller, apesar de já um veterano de trinta e quatro anos, mostrou sua antiga classe e assinalou os dois gols dos paulistas. No final, Jorge Brown empatou.

A Seleção Argentina contava com vários jogadores da equipe do Alumni (oriundos do English High School de Buenos Aires), que fez história no futebol argentino não somente por ter sido a primeira equipe a ganhar dez campeonatos de forma quase consecutiva entre 1900 e 1912, mas também por ser o único time onde jogavam cinco irmãos, os Brown. Eram eles: Jorge, capitão do Alumni e da Seleção Argentina, considerado um modelo de correção, Carlos, Ernesto, Alfredo e Eliseo — sem contar Juan, o sexto irmão Brown,

que mais tarde teve atuação destacada nos últimos anos de existência do Alumni.

No segundo jogo, os argentinos arrasaram: 6 a 0, um resultado que decepcionou os paulistas; e no último jogo os argentinos obtiveram mais uma vitória, por um placar de 4 a 0. Nessa partida, debutou um jogador brasileiro excepcional, o meia Rubens Salles, do Clube Athletico Paulistano, uma das grandes revelações do futebol paulista da época.

O brasileiro Charles Miller e o argentino Jorge Brown vinham da mesma linhagem de esportistas amadores, e compartilhavam os mesmos ideais. Foi simbólico eles terem se enfrentado com uma rivalidade sadia nessa primeira série de confrontos entre os dois países que hoje dominam o futebol do continente americano.

Nos campeonatos de 1908 e 1909, o São Paulo Athletic Club chegou em último lugar, o que demonstrava não somente a melhoria das demais equipes paulistas mas também um certo declínio do SPAC. Isso ocorreu em virtude tanto das constantes mudanças de jogadores (alguns já se tornando veteranos) como pelo fato de os novos jogadores das outras equipes paulistas estarem começando a assimilar muito bem a arte do futebol.

O campeão em 1908 foi o Paulistano, com 15 pontos ganhos, seguido novamente do Americano, empatado com o Germânia, ambos com 14 pontos ganhos. A Associação Atlética das Palmeiras foi a campeã de 1909, pela primeira vez, conquista que repetiu em 1910. Nesse ano o Americano ficou com o vice-campeonato, o SPAC melhorou sensivelmente de desempenho, obtendo a terceira colocação, e o Clube Atlético Ypiranga estreou na Liga Paulista.

Dez anos já haviam se passado desde a implantação do futebol em São Paulo e era necessário determinar certas regras éticas e disciplinares que regulamentassem o comportamento das torcidas. Não se admitiam vaias nem manifestações mais fortes contra jogadores e juízes. Para tanto, a Liga preparou o seguinte comunicado, uma pérola da época, que foi afixado nos portões do Velódromo:

*Ao público. A Diretoria da Liga solicita aos srs. espectadores a fineza de se absterem de vaiar ou dirigir palavras insultuosas aos jogadores e árbitros, pois eles não são profissionais, não vivem de futebol, têm posição definida na sociedade e pertencem às mais distintas famílias estrangeiras e paulistas. Além disso, a renda*

*dos jogos é aplicada única e exclusivamente, ao custeio e manutenção dos clubes coligados e não constitui exploração mercantil de quem quer que seja. Espera, pois, a diretoria da Liga ter o prazer de ver atendida pelo público a sua justa solicitação. São Paulo, 22 de maio de 1910.*

Nos anos de 1909 e 1910, clubes da capital da República e de São Paulo disputaram inúmeros jogos, com os atletas viajando no trem que fazia o percurso entre a estação da Luz e a estação Central do Rio de Janeiro. O jogo mais importante que o SPAC disputou foi contra o Botafogo, em 7 de maio de 1910, quando bateu o time carioca por 2 a 1, em seu campo da Consolação, com gols de Astbury e Banks, e Abelardo marcando para o Botafogo.

Os artilheiros do SPAC durante o período de 1905 a 1910 foram: Herbert Boyes, 13 gols; Charles Miller, 6; Roberts, 5; George Rowlands, McCulloch (que jogou pela Seleção Carioca na partida de 1901) e Whately, 4; Johnson, Frank Hodgkiss e Astbury, 3; Steward, Banks e Ford, 2; e com 1 gol Arnold, Tomkins, Robotton, Richiotti, Campbell, Perez, Villares, Colston, Montgomery, Gurnell e Aldridge.



*Década de 1940: equipe de bowls (boliche) com Frank Hodgkiss.*

# 16. Pregando o Evangelho corinthiano

Este clube colocava o jogo e seu código moral acima de qualquer resultado.

Geoffrey Green, *The Times*

A palavra *Corinthians* evoca hoje no Brasil, e principalmente em São Paulo, de maneira instantânea, um coquetel de paixão, garra e entusiasmo. Essa empatia entre futebol e paixão teve início no país em 1910. Nesse ano, no livro de Atas do Corinthian Football Club londrino consta um registro dos mais simples, mas que viria a ser de transcendental importância para o futebol brasileiro:

*Um convite foi aceito para enviar uma equipe ao Brasil, de 5 de agosto a 24 de setembro. A delegação para essa viagem foi escolhida na mesma reunião.*

Essa mera anotação sobre a primeira visita ao Brasil do famoso Corinthian Football Club, mais conhecido naqueles tempos como Corinthian Team, teve uma repercussão inédita no Brasil. O time londrino ainda retornaria ao país outras quatro vezes, mas foi essa primeira viagem de 1910 que deixou uma marca permanente na história do futebol paulista.

A iniciativa de convidar o Corinthian para realizar diversas partidas amistosas coube ao Fluminense Football Club, do Rio de Janeiro, presidido na época por Oscar Cox. O Corinthian inglês era o clube amador de maior destaque na Inglaterra, jamais tendo se profissionalizado. Efetuava diversas viagens “missionárias” e já exibira seu futebol maravilhoso na África do Sul (1897, 1903 e 1907), na Hungria e Escandinávia (1904), na Alemanha, Holanda, Canadá e Estados Unidos (1906), na França (1908) e na Tchecoslováquia (1909).

O Corinthian Football Club prestou tantos serviços ao “nobre esporte bretão”, apelido do futebol regulamentado na Grã-Bretanha, que, décadas depois, acabou recebendo da Coroa Britânica um brasão próprio, honraria concedida a pouquíssimos clubes.

Charles Miller ficou imensamente feliz quando soube da notícia da vinda do Corinthian. Agora ele poderia mostrar toda a beleza de sua cidade e o desenvolvimento do futebol paulista a seus velhos companheiros. Em 1904, ele já tinha ficado desapontado quando o Southampton Football Club não conseguiu jogar em São Paulo — Charles viajou até o porto do Rio de Janeiro apenas para cumprimentá-los e agiu do mesmo modo quando o Tottenham Hotspurs, de Londres, e o Everton, de Liverpool, fizeram uma escala no Brasil a caminho de Buenos Aires, para lá se apresentar.

Presidida por Luís Fonseca, a Liga Paulista de Futebol convocou uma reunião em 8 de agosto, no Escritório de Taquigrafia, para tomar a decisão de contatar o Fluminense Football Club e nomear a comissão que formaria as equipes de São Paulo que enfrentariam o clube inglês. Na comissão paulista estavam: Charles Miller, pelo SPAC; José Rubião, da A. A. das Palmeiras; e Fernando Macedo Soares, do Paulistano.

A delegação inglesa deixou Southampton em 5 de agosto e, após uma agradável viagem de quinze dias no navio *SS Amazon*, desembarcou no Rio de Janeiro no dia 22. Por gentileza de um passageiro a bordo, membro da alta sociedade paulista, o jornal *O Estado de S. Paulo* obteve uma espécie de currículo dos jogadores amadores ingleses:

M. Morgan-Owen (Oxford), W. U. Timmis (Charterhouse e Oxford), S. H. Day (Malvern e Cambridge), R. L. L. Braddell (Charterhouse e Oxford), V. G. Thew (Charterhouse e Cambridge), R. Rogers (Malvern e Oxford), C. C. Page (Oxford), F. N. Tuff (Malvern e Oxford), J. C. D. Tetely (Charterhouse e Oxford), I. E. Snell (Charterhouse e Oxford), L. A. Vidal (Malvern), C. E. Brishley (Cambridge), H. C. Howell-Jones (Leatherhead e Oxford), A. T. Coleby (Westminster) e A. H. G. Kerry (Oxford).

Desses atletas, sete tinham jogado pela Inglaterra, e Morgan-Owen pelo País de Gales. Brishley era o melhor centroavante da Europa e S. H. Day o capitão de críquete do Condado de Kent. Sem

dúvida, uma amostra invejável de uma equipe que representava o mais puro diletantismo.

O grupo de jogadores visitou todos os pontos turísticos da bela cidade do Rio de Janeiro, incluindo o tradicional morro do Corcovado. Os esportistas ingleses ascenderam os 3.829 metros, saindo do Cosme Velho a bordo do bondinho vermelho da Estrada de Ferro que Dom Pedro II inaugurara em outubro de 1884. *Que vista inimaginável e deslumbrante*, declarou Morgan-Owen em nome do grupo inglês ao chegarem à base do Cristo Redentor.

A subida ao Morro do Corcovado foi o aperitivo servido antes do primeiro jogo contra o clube anfitrião, o Fluminense, do bairro das Laranjeiras, do qual os ingleses ganharam com facilidade por 10 a 1. O Fluminense marcou seu único gol logo no primeiro minuto da partida, porém não conseguiu deter o melhor jogo do Corinthian. Vidal (4), Day (3), Brishley (2) e Thew foram os artilheiros.

O segundo jogo foi disputado contra um combinado de clubes do Rio de Janeiro, e os ingleses, um pouco mais aclimatados e cada vez mais extasiados com as vistas deslumbrantes do Rio de Janeiro, novamente arrasaram, dessa vez por 8 a 2, com seis gols de Coleby e dois de Brishley.

No dia seguinte, ainda mais descontraídos, disputaram um jogo de críquete contra o English Cricket Club, que terminou empatado, com o Corinthian marcando 206 corridas para 4 *wickets*, e o English Cricket Club 110 corridas para 5 *wickets*. Ainda que seja difícil de entender, isso significa que a partida acabou mesmo em empate.

O último jogo no Rio de Janeiro foi realizado em 28 de agosto, contra um combinado carioca, e numa disputa árdua os ingleses voltaram a vencer, por 5 a 2. Day, com três gols, e Coleby e Brishley marcaram para os ingleses, enquanto Edwin Cox e Abelardo assinalaram para os cariocas. Nessa mesma noite, o Fluminense ofereceu um jantar de gala aos ingleses, em que houve os usuais discursos e trocas de gentilezas e lembranças. O capitão e orador dos visitantes, M. Morgan-Owen, agradeceu a hospitalidade durante a estada de sua equipe no Rio.

O jornalista Lourenço Diaféria, em seu livro *Grande Clubes do Futebol Brasileiro e Seus Maiores Ídolos – Coração Corinthiano*, publicado em 1992 para a Fundação Nestlé da Cultura, faz um belo

relato do clima em torno dessa primeira viagem do Corinthian Football Club a São Paulo:

*O Corinthian Football Club viajou para São Paulo no trem noturno de luxo da Central do Brasil. Os ingleses chegaram na manhã do dia 30 de agosto, sendo recebidos triunfalmente na capital paulistana. A bem dizer foram instalados condignamente no Hotel Majestic, depois de acolhidos com fidalguia e mil gentilezas pela diretoria da Liga Paulista, representantes dos grandes clubes e centenas de “sportsmen”, que foram à Estação da Luz.*

*Na tarde do dia seguinte, quarta-feira 31 de agosto, houve quem dissesse que tanta gente nas ruas, caminhando na direção do Velódromo, só no dia em que Rui Barbosa em carne e osso viera a São Paulo para fazer passeata e comício na Campanha Civilista. Era gente a dar com pau. Tilburis transitavam para lá e para cá trazendo passageiros. Havia também automóveis particulares, palhetas, “fon-fons” e perfume francês no ar. Um acontecimento chiquérrimo, aquela primeira partida do Corinthian em terras paulistanas. Freqüentar “footbal” era “In pra caramba”.*

Estavam marcados para São Paulo três jogos: o primeiro seria contra um combinado montado por José Rubião, da A. A. das Palmeiras. A escalação do Corinthian Football Club para esse jogo foi Rogers, no gol; Page e Timmis; Tuff, Morgan-Owen e Braddell; Snell, Day, Vidal, Brisshley e Kerry. O resultado: 2 a 0 para o Corinthian, e *O Estado de S. Paulo* escreveu no dia seguinte que os *ingleses não deitaram e rolaram como no Rio*. As únicas queixas, feitas muito polidamente pelos visitantes, foi que o campo do Velódromo tinha dimensões pequenas e o terreno estava um pouco duro devido à estiagem do inverno paulista.

Após o jogo, o Palmeiras ofereceu um jantar aos britânicos, com as já costumeiras trocas de gentilezas e discursos. O segundo jogo foi contra o Paulistano, e os ingleses não deixaram por menos: ganharam por 5 a 2. Os visitantes acharam a torcida paulistana muito entusiasmada e interessada. Quanto à qualidade dos jogadores de São Paulo, não havia dúvida, era excelente, asseguraram. Os ingleses disseram nunca ter visto, na América, atletas com tão elevado padrão de jogo. Resistência, velocidade, total conhecimento das regras do futebol, foi o que mais admiraram.

O acontecimento teatral do mês em São Paulo era a peça *Le Roi*, encenada no Teatro São José, inaugurado em 4 de setembro de 1864, na atual praça João Mendes e hoje fundos da Catedral da Sé. Porém, nem *Le Roi* nem as sessões “cinematográficas” do Bijou

Theatre, primeiro cinema inaugurado na cidade, em 16 de novembro 1907, obteve o êxito do evento transmitido no Cine Radium, da rua São Bento, com platéia lotada. Isso porque ali passava o filme do jogo Corinthians e Paulistano, realizado no dia anterior. Todo mundo queria assistir ao filme, inclusive funcionários da São Paulo Railway, já que não puderam ir ao campo por ser um dia normal de trabalho. Ficaram encantados com o que viram na tela e juraram que no último jogo, marcado para o domingo 5 de setembro, eles não faltariam.

As gentilezas aos ingleses prosseguiram. No sábado 4 de setembro, véspera do último jogo que disputariam em São Paulo, Morgan-Owen, Snell, Timmis e os demais craques ingleses foram convidados a um passeio à fazenda Santa Gertrudes, localizada a 164 quilômetros de São Paulo, em Santa Gertrudes, perto de Limeira, cujo proprietário era o conde Prates. Ele os recebeu com galhardia e mostrou-lhes como se processava o plantio do café Ouro Verde, que tantas divisas trazia ao Brasil e enriquecia seus produtores e exportadores.

Nos banquetes a que eram convidados, corria champanhe francês e pratos exóticos como *Coeur de filet de Boeuf a la Corinthians*. Num determinado momento, Morgan-Owen, o orador da equipe inglesa, em um dos muitos e cálidos discursos trocados entre anfitriões e visitantes, afirmou, emocionado, que por todos os lugares por onde haviam viajado, em nenhum outro tinham sido alvo de tanto carinho e estima como nessa viagem, e ainda se mostraram sensibilizados com a gentileza da Companhia Paulista, que colocara um vagão Pullman especial para a viagem à Fazenda Santa Gertrudes. Um gesto muito natural dos sucessores do engenheiro Daniel Makinson Fox.

Como era de esperar, em seu discurso o orador Morgan-Owen não fez nenhuma alusão ao incidente — até porque foi mesmo irrelevante — ocorrido no jogo contra o Paulistano. Num dos lances, a bola batera na trave do time paulista e, na volta, um jogador do Corinthians fizera o gol, corretamente validado pelo árbitro. Um garoto da platéia ficou tão indignado que invadiu o campo, descalço, e chutou Timmis no traseiro, correndo depois, rápido, para fora das

quatro linhas. Os ingleses mantiveram a fleuma, riram do incidente, e o jogo prosseguiu em clima de cordialidade.

A partida final foi no dia 4 de setembro contra um combinado que tinha como base a equipe do São Paulo Athletic Club, e que fora escalado por Charles Miller — os anglo-paulistas. Miller, ainda que veterano com seus trinta e seis anos, não havia perdido a forma nem sua excelência em campo, e de forma alguma deixaria de participar daquele jogo. Seria sua penúltima partida oficial.

*Dez mil pessoas. Dia feio, ou indeciso. No ar plúmbeo, longe a longe, umas claridades diáphanas, que desaparecem logo. Dentro do recinto, desde as arquibancadas aos extremos da pista, um público sedento de emoções. Mas a cor da luz era de um pardo desmaiado e facilmente se adivinhava que a alma da assistência sentia os efeitos da misantropia da tarde.*

Esse é um trecho de um extenso artigo publicado na seção *Sports* da edição de 5 de setembro de 1910 de *O Estado de S.Paulo*. Uma verdadeira jóia literária esportiva, na qual o jornalista parece querer expressar que o clima cinzento e de nuvens pesadas deixava os torcedores apreensivos, como a anunciar, agourento, que os *anglo-paulistas* levariam uma goleada, o que de fato aconteceu.

As equipes foram assim formadas:

Seleção Anglo-paulista – Morrow; Tommy e Westbury; Tomkins, Steward e Boyes; Banks, Charles Miller, Hamilton, Colston e Roberts. Corinthian Football Club – Rogers; Page e Timmis; Tuff, Morgan-Owen e Vidal; Thew, Day; Brishley, Coleby e Snell.

O juiz da partida foi Otávio Bicudo, do Sport Club Americano, e os bandeirinhas, Tetely, do Corinthian, e Robinson, do SPAC.



*Anglo-paulista no jogo contra o Corinthian em 1910.*

No primeiro tempo, o Corinthian atuou como um verdadeiro rolo compressor. Fez 7 a 0, com dois gols de Day, dois de Coleby, dois de Snell e um de Brishley. No segundo tempo, os anglo-paulistas modificaram taticamente a equipe e conseguiram marcar dois gols, por meio de Hamilton e Miller. No fim do jogo, Day ainda marcou mais um para o Corinthian. Placar final: Corinthian 8, Seleção Anglo-paulista 2.

Uma coincidência interessante: o primeiro gol oficial de Charles Miller pelo SPAC foi marcado no campeonato de 1902, em 8 de maio, ao passo que seu último gol foi assinalado nesse jogo contra o Corinthian, sua pré-despedida oficial do futebol paulista. Ainda disputaria mais um jogo pelo SPAC no Campeonato Paulista desse mesmo ano de 1910.

De volta aos vestiários, enquanto caminhava devagar ao lado de Morgan-Owen, Miller confidenciou-lhe como se sentia feliz e satisfeito com o desenvolvimento do futebol brasileiro. Disse considerar sua missão cumprida e que passaria a se dedicar ao críquete, tênis e golfe. Morgan-Owen respondeu-lhe, emocionado: *Charlie, você fez um ótimo trabalho. Deve estar muito orgulhoso de seus jovens jogadores brasileiros, que têm muito talento.*

Em suas notas, Charles William Rule relata que, já fazia algum tempo, Antônio Pereira, Joaquim Ambrósio, Anselmo Correa, Carlos Silva e Rafael Perrone, funcionários da São Paulo Railway, vinham acalentando a idéia de fundar um clube de futebol ao qual o povo

tivesse acesso. Os jogos até então eram disputados em campos pequenos, aos quais apenas a elite tinha acesso. Eles tinham assistido à grande exibição do Corinthian inglês contra a A. A. das Palmeiras e estavam escolhendo um nome para o novo time que pretendiam criar. Os três nomes sugeridos foram: Santos Dumont F. C., Corinthians Brasileiro e Corinthians Bandeirantes. Finalmente, Joaquim Ambrósio, que se mantivera calado durante as deliberações de nomes, pediu um aparte. Enfaticamente, sugeriu que fosse chamado de Sport Club Corinthians Paulista, em honra do *Timão* inglês que tanto eles haviam admirado. Em uníssono, os cinco primeiros corinthianos exclamaram: “Seu nome será Sport Club Corinthians Paulista!”

Tamanho era o respeito que os fundadores do novo Timão paulista tinham pelo pai do futebol brasileiro, que pediram sua opinião sobre o nome escolhido. Imediatamente, Charles Miller deu seu aval e total apoio, parabenizando-os pela excelente decisão. Vale aqui um esclarecimento sobre por que o Corinthians paulista acabou ganhando um “s” final, quando o nome do clube inglês era Corinthian Football Club. Isso se deu por uma questão instintiva de eufonia, porque em português a palavra soava melhor no plural do que no singular, e assim, de forma espontânea, os cinco fundadores do clube paulista o chamaram de Sport Club Corinthians Paulista. Nascia o *Coringão* paulista.

Na noite do último jogo, mais um grande banquete no Majestic, e no dia seguinte, às onze da noite, num carro especialmente reservado e ligado à composição do noturno da Central, os ingleses disseram adeus a São Paulo. Em 7 de setembro embarcaram no SS *Astúrias* e empreenderam sua viagem de retorno à Inglaterra.

Após a Primeira Guerra Mundial, o futebol amador inglês sofreu muito com a introdução do profissionalismo. Em 1939, passando por dificuldades, o Corinthian Football Club associou-se a outro clube amador, o Casuals Football Club, que havia sido fundado em 1883, e passou a se chamar Corinthian-Casuals Football Club. Após essa união, o clube começou a prosperar novamente, chegando inclusive à final da Copa Amadora da Inglaterra de 1956. Mas no segundo e último jogo perdeu para o Bishop’s Auckland por 4 a 1, após

haverem empatado o primeiro em um gol, no histórico estádio de Wembley.

O Corinthian Football Club voltou outras quatro vezes ao Brasil: em 1913 e 1914, depois em 1988, convidado para participar do centenário do SPAC, e uma última vez em 2001. Na excursão do Corinthian Team de 1910, a equipe usava calção preto e camisa branca, similar ao uniforme do Corinthians Paulista. Na visita de 1988 o vestuário foi inusitado para os padrões — cor-de-rosa e marrom. A explicação é que, quando o Casuals F. C. foi fundado, seu uniforme portava as cores da cavalaria da família Churchill. Com a união dos dois clubes centenários, eles optaram por usar alternadamente os dois fardamentos. E, a fim de dar um toque diferente a essa visita de 1988 ao Brasil, trouxeram o uniforme de cor-de-rosa e marrom.

# 17. Adeus à Liga Paulista

Outra faceta pouco conhecida de Charles Miller é que, além de ter sido um temido atacante, e artilheiro, também teve boas atuações como goleiro. A primeira vez que jogou no gol foi contra o Paulistano, no dia 29 de junho de 1906, no Campeonato Paulista. O Paulistano ganhou por 2 a 0. Os comentários eram que, apesar de sua estatura, Charles mostrava muita elasticidade e boa colocação nessa difícil posição.

No campeonato de 1907, atuou seis vezes no gol: contra o Internacional (de Santos), contra o Paulistano, contra o Internacional e o Germânia, e mais duas vezes contra o Americano. Em 1908, somente uma vez, contra o Germânia, e em 1910 fez mais quatro jogos como goleiro: contra o Paulistano, o Americano, o Germânia e o A. A. das Palmeiras.

Aproximava-se o dia em que ele teria de parar. Charles Miller, então com trinta e seis anos, já vinha refletindo sobre esse momento. Achava que precisava se dedicar mais à família, embora soubesse também como sentiria saudades do ambiente saudável dos jogos e das conversas e discussões que se desenrolavam após as partidas.

Em 11 de setembro de 1910, seis dias após o jogo que disputou contra o Corinthian Team pela equipe Anglo-paulista, Charles Miller fez seu último jogo num Campeonato Paulista. Dessa vez não como goleiro, mas na habitual posição de centroavante. Esse último jogo, entre o SPAC e o Germânia, foi o de número 225 nas estatísticas da atual Federação Paulista de Futebol. O palco foi o Velódromo, muito apropriado para a despedida. Na escalação do SPAC constava apenas um de seus antigos companheiros, Herbert Boyes. Sinal inequívoco de que havia chegado a hora de dizer adeus aos campos. Na equipe do Germânia, somente dois jogadores haviam disputado a primeira partida oficial contra o SPAC no Campeonato Paulista de 1902: Riether e Kirschner.

O SPAC ganhou por 3 a 2, gols de Astbury, Banks e um contra do Mutzel, com Niel e Gerhardt marcando pelo Germânia. Valêncio de

Barros foi o juiz da partida, e as equipes alinharam-se assim nesse histórico jogo:

### **SPAC**

*Morrow;*

*Hammond e Astbury;*

*Tomkins, Steward e Borges;*

*Banks, Campbell, Miller, Colston e G. Rowlands*

### **Germânia**

*Gronau;*

*Riether e Mutzel;*

*Gerhardt, Niel e Kirshner;*

*Nielsen, Whitte, Jerome, Behrmann e Hemburg*

Um acontecimento ocorrido no campeonato de 1910 demonstrou como ainda eram fortes os laços que uniam o time do SPAC à Inglaterra. O clube tinha um jogo marcado para o dia 8 de maio contra o Ypiranga, mas, em virtude do falecimento do rei Eduardo VII, solicitou seu adiamento. A Liga concordou e transferiu a partida para o dia 15 seguinte.

O SPAC conquistou o Campeonato Paulista pela última vez em 1911. Após vários anos ruins, seu desempenho havia melhorado. A seguir, o resultado de todos os jogos do SPAC nesse campeonato, já sem Charles Miller. Tendo Herbert Boyes como capitão, as partidas foram disputadas no campo do Velódromo: 21 de maio, SPAC 2 x 1 Germânia; 28 de maio, SPAC 5 x 3 Palmeiras; 4 de junho, SPAC 4 x 3 Americano; 11 de junho, SPAC 3 x 2 Paulistano; 20 de agosto, SPAC 2 x 2 Americano; 3 de setembro, SPAC 2 x 1 Ypiranga; 17 de setembro, SPAC 1 x 2 Paulistano; 12 de outubro, SPAC 2 x 1 Ypiranga; e finalmente em 29 de outubro, SPAC 2 x 0 Germânia.

**A classificação final foi a seguinte:**

---

<i>1 – São Paulo Athletic Club</i>	<i>3 pts. perdidos</i>
<i>2 – Sport Clube Americano</i>	<i>7 pts. perdidos</i>
<i>3 – Clube Athletico Paulistano</i>	<i>9 pts. perdidos</i>
<i>4 – Sport Club Germânia</i>	<i>10 pts. perdidos</i>
<i>5 – Clube Atlético Ypiranga</i>	<i>11 pts. perdidos</i>

Depois que Charles Miller encerrou a carreira como jogador, ele não abandonou suas atividades no futebol e manteve-se ativo nos campos, apitando jogos do Campeonato Paulista. De 1902 a 1910, ainda como jogador, apitou onze partidas e após seu afastamento mais sete. Em 12 de novembro de 1916, apitou seu último jogo na disputa entre a A. A. São Bento e A. A. Mackenzie. Os comentários foram que Charles Miller havia apitado com imparcialidade e competência, como sempre.

Uma das novidades que começou a criar problemas para a Liga foi o avanço do profissionalismo no futebol. Até essa altura, considerava-se um absurdo receber dinheiro para jogar, porém ventos novos já começavam a introduzir essa inovação. A contratação do treinador inglês John Hamilton pelo Paulistano, em 1908, confirmou essa tendência.

*O clube (SPAC) é uma sociedade civil, de caráter esportivo-amador, sem quaisquer finalidades econômicas, fundada em 1888...*

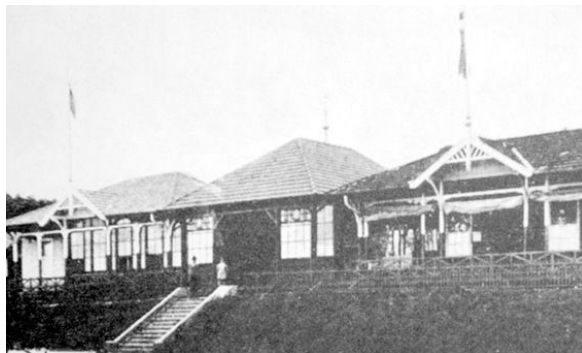
Esse texto bem simples, explícito, escrito no dia em que foi assinada a Lei Áurea, é um trecho do primeiro artigo dos estatutos, ou da Carta Magna, do SPAC. O clube não poderia desenvolver nenhuma atividade profissional, e todos os seus esportes, inclusive o futebol, tinham de ser amadores. Foi por essa razão que o SPAC saiu da Liga Paulista de Football em 1912.

*Com uma séria desavença, a situação política da Liga Paulista se tornou tensa. O clube dos ingleses não conseguiu a posse da Taça Conde Penteados em 1911. Após o campeonato de 1912 o SPAC deu por terminada sua gloriosa vida no futebol brasileiro, do qual fora o primeiro clube e primeiro campeão. Foi o último ano em que o nome do São Paulo Athletic Club figurou no campeonato paulista.*

Foi assim, com um singelo depoimento desses, que o historiador Thomaz Mazzoni definiu o fim da trajetória do SPAC na Liga Paulista — uma equipe vitoriosa, com grandes jogadores, numa época de ouro.

## 18. Árbitro, tenista, cricketer e golfista

A militância do SPAC na primeira divisão do futebol paulista tinha acabado. Providencialmente, outros esportes também se tornavam populares, entre eles o tênis, recém-introduzido no clube. O vencedor do primeiro torneio de tênis realizado na quadra do SPAC, em 1912, foi Wreford Glanville, que, a exemplo de Robert Williamson, Louis Latham, S. Whyte, Erasmo Assunção Jr. e Maércio Munhoz, ganharam diversos campeonatos. Os dois últimos tenistas eram associados do Paulistano, mas jogavam nas quadras do SPAC, as únicas da cidade.



*Sede do SPAC em 1913.*

Apesar de Charles Miller ter atuado pela última vez como árbitro em jogos do Campeonato Paulista em 1916, foi em 1914 que, como reconhecimento de sua carreira como árbitro, ele foi convidado a apitar o último jogo da excursão que o clube italiano Torino Calcio 1906 fazia ao Brasil. Naquela época, o Torino era uma das melhores equipes europeias. Esse amistoso internacional foi contra o Sport Club Corinthians Paulista, que já era uma força emergente do futebol de São Paulo. O jogo, muito equilibrado, realizou-se em 22 de agosto de 1914, no Parque Antarctica. O Torino ganhou por 2 a

1, com o gol da vitória marcado no último minuto. Os gols da equipe italiana foram de Mosso e do capitão Debernardio; Américo descontou pelo Corinthians. Essa partida teve um destaque especial: a participação de Neco, que mais tarde viria a se tornar uma lenda e símbolo da garra corintiana. O Parque São Jorge conta hoje com um busto em sua homenagem.

*A Situação Européa – Os alemães ocupam Diest – O exército belga está pronto para operar com as forças aliadas – A neutralidade de Holanda – A Rússia começa a invasão da Alemanha e da Áustria.*

Em lugar da vitória do Torino, foram essas as manchetes estampadas na primeira página da edição do *Correio Paulistano* do dia seguinte. A Primeira Guerra Mundial tinha estourado. Outra notícia que também abalou o mundo naquele dia foi a morte do papa Pio X, no Vaticano. Somente na seção *Chronica Sportiva* publicou-se um comentário sobre o amistoso internacional entre Corinthians e Torino. Sobre a arbitragem se dizia:

*Servindo de juiz o Sr. Charles Miller, que mais uma vez deu provas de sua reconhecida imparcialidade, agindo a contento dos teams contendores.*

Após sua excursão ao Brasil, o Torino continuou sua trajetória vitoriosa no futebol italiano e, entre 1942 e 1948, conquistou nada menos que cinco *scudettos* (campeonatos italianos), fornecendo muitos jogadores à Seleção Italiana. Um dos fatos mais tristes do futebol mundial aconteceu em 4 de maio de 1949. A equipe do Torino retornava de uma partida internacional vitoriosa em Lisboa, quando, na aterrissagem, o avião chocou-se contra o muro da Basílica de Superga, de Turim, em razão da pouca visibilidade causada por uma forte tempestade. Todos os trinta e três passageiros morreram, entre eles jogadores, diretores, jornalistas e torcedores. Ninguém sobreviveu, e esta foi a primeira e uma das maiores tragédias aéreas envolvendo o mundo do futebol.

O ano de 1914 também viu o fim de um ícone da vida paulistana do início do século XX, a Rotisserie Sportman, reduto favorito de Charles Miller, Antônio Prado Júnior e de tantos outros de seus amigos e esportistas. Com o falecimento de seu fundador, o bar fechou e o prédio foi ocupado pela redação do jornal *Diário da Noite*, primeiro enclave paulistano do futuro império jornalístico de Assis Chateaubriand. Demolido anos depois, deu lugar ao edifício

Matarazzo, em seguida ao Banespa e no dia 25 de janeiro de 2004 passou a abrigar a Prefeitura de São Paulo.

Entre os combatentes que retornaram cobertos de glória da Primeira Guerra Mundial, em 1917, estava Gordon Rule (1898–1989), filho mais velho de William Rule, e primo de Charles Miller. Gordon se alistara na Real Força Aérea (RAF), e com dezoito anos de idade já era um Squadron Leader. Por suas missões como piloto, nos ataques aéreos sobre a França, entre outras condecorações, recebeu o Distinguished Flying Cross (DFC) e a Croix de Guerre. Gordon ajudou o SPAC durante toda a sua vida, atuando inclusive como conselheiro.

A cidade de São Paulo continuava crescendo, e em 1916 a área do Velódromo foi desapropriada. Nessa área surgiu a rua Florisbela (hoje Nestor Pestana, onde está o Teatro da Cultura Artística e a Associação Cristã de Moços) e foi feito ali um loteamento. Com isso, o Velódromo desapareceu como estádio. Graças, porém, ao empenho de vários sócios do Paulistano, encontrou-se um lote de treze mil metros quadrados no Jardim América e nessa área surgiu um novo Paulistano, hoje totalmente dedicado às atividades sociais e esportivas de seus milhares de associados. Fica no quadrilátero das ruas Honduras, Colômbia, Estados Unidos e Argentina, no final da rua Augusta, famosa por suas lojas de moda e butiques.

Em junho de 1918, a convite de seu grande amigo Antônio Prado Júnior, Charles Miller associou-se ao Clube Athletico Paulistano, recebendo a carteirinha de sócio número 562 e chegando a atuar como conselheiro do clube. Ele ainda continuava atento às questões esportivas do SPAC, especialmente no que dizia respeito ao críquete. Apesar da falta de campo, o esporte permanecia vivo, sendo disputado no São Paulo Country Club (clube de golfe), e no Santos Athletic Club.

Em 1922, uma equipe de críquete da Argentina foi convidada para disputar diversos jogos nas cidades de São Paulo, Santos e Rio de Janeiro. A visita foi um sucesso não só esportivo como social, tantos foram os jantares e banquetes oferecidos aos visitantes. A equipe brasileira foi assim formada: Naumann (capitão), Miller, Morris, Hasell, Flinn, Back, Burfoot, Naumann, Pryor, Pattisson e Morrissey.



*Carteira de associado do Clube Atlético Paulistano: Charles Miller tornou-se conselheiro do clube.*

Infelizmente, nos anais e acervo do SPAC não se encontram estatísticas dos jogos nem atividades de críquete nas décadas a partir dos anos 1920. Somente ficaram fotos do acervo de Charles Miller, que posteriormente a família doou ao clube, e que hoje adornam a sede esportiva do SPAC no bairro de Socorro.

As ferrovias — e os trabalhadores ferroviários — tiveram fundamental importância na fundação dos clubes de futebol brasileiro, principalmente nas regiões Sul e Sudeste. Mas foi em Paranapiacaba que nasceu o primeiro clube ferroviário eminentemente brasileiro. A Recreativa Lyra da Serra foi fundada em fevereiro de 1903, por engenheiros ingleses da São Paulo Railway. Inicialmente dedicou-se a promover festas e bailes, a exibir filmes, a manter uma banda marcial e a produzir peças teatrais. A decoração do antigo salão de dança e cinema ainda é a mesma desde sua fundação, e lembra o sensível filme italiano *Cine Paradiso*. Uma jóia arquitetônica encravada no alto da Serra do Mar.

Como alguns engenheiros preferiam atividades físicas a sociais, em 3 de dezembro decidiram fundar outro clube onde pudessem dedicar-se tão-somente a práticas esportivas. Assim foi criado o Serrano Atlético Clube, e um dos zagueiros mais famosos dessa equipe foi Alec M. Wellington, que era administrador da São Paulo Railway, chegando a superintendente na década de 1940. Em 1936 coube a ele fundir esses dois clubes, que se tornaram a Sociedade Recreativa e Desportiva União Lyra Serrano. Um dos maiores

momentos do clube foi ser convidado para participar do primeiro jogo no campo da Água Branca contra o recém-fundado clube da São Paulo Railway.

Ainda que a equipe da São Paulo Railway tivesse sido fundada em 1919, o que orgulhou demais Charles Miller foi esta ter disputado seu primeiro campeonato paulista em 1936. Ele jamais esqueceu o primeiro jogo na Várzea do Carmo, em 1895, em que atuou pela equipe que tinha formado nessa empresa ferroviária, na qual trabalhava na época. Por fim, em fevereiro de 1919, por iniciativa de Arthur J. Owen, então superintendente da empresa, foi fundado um clube para atividades sociais e principalmente desportivas. Montar uma equipe de futebol e construir um campo na Água Branca foram os primeiros passos. O SPR, com seu grito de guerra — *Esseperreanos!* — ecoado por seus torcedores, somente viria a participar do campeonato da Federação Paulista em 1936. Em 1939 obteve sua melhor colocação, um honroso quarto lugar, atrás apenas de Corinthians, Palestra Itália (hoje Palmeiras) e Portuguesa de Desportos.

E por falar em Palmeiras, é importante lembrar que quando o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial junto com os Aliados, contra Alemanha e Itália, o governo brasileiro de Getúlio Vargas baixou um decreto ordenando que todos os clubes ou associações com denominação estrangeira deveriam mudar seu nome para o português. Assim, Sport Club Germânia virou Esporte Clube Pinheiros; Palestra Itália de São Paulo virou Sociedade Esportiva Palmeiras; o Palestra Itália de Belo Horizonte virou Cruzeiro Futebol Clube; e o São Paulo Athletic Club—SPAC tornou-se Clube Atlético São Paulo.

**ESTADOS UNIDOS -  
MEXICO**

TEMPO DE FERIAS — JULHO  
Visitando: MIAMI - WASHINGTON - NEW YORK -  
NIAGARA FALLS - CHICAGO - SAN  
FRANCISCO - LAS VEGAS - LOS ANGE-  
LES - (DISNEYLANDIA) e MEXICO.

**26 DIAS DE MARAVILHOSA VIAGEM**  
Financiamento até 28 pagamentos, ou pelo  
plano que você desejar.  
Ida e Volta em avião a jato.  
Partida: 1.º de julho  
Regresso: 26 de julho  
Embratur - Categoria A - 72/67(S.P.)

  
mais de meio século a serviço do Turismo

7 de Abril, 360 - Tels.: 36-6391/36-6392/36-6393/36-6394

*Anúncio da agência Miller, Viagens e Turismo Ltda.*

Na década de 1920, Miller associou-se a Victor Goddard, e formaram uma nova empresa, a Miller, Goddard & Cia. Ltda., que continuava representando a Mala Real Ingleza. Anos depois, transformou-se na agência de viagens Miller, Viagens e Turismo Ltda. O primeiro escritório da nova empresa foi instalado na praça Ramos de Azevedo, ao lado das lojas Mappin. Outra agência foi aberta mais tarde na rua São Luís, defronte ao Colégio Caetano de Campos, entre a avenida Ipiranga e a rua Araújo. Durante alguns anos as duas lojas mantiveram-se em atividade, até ser fechada a da praça Ramos de Azevedo. A agência da rua São Luís tinha um pórtico feito de madeira trabalhada, com vitrais brancos. Era imponente, e a cidade agradece a existência dessa obra, ainda que por obra do acaso, porque esse pórtico, hoje restaurado, é a fachada de entrada de um bar apropriadamente chamado de Miller, Goddard & Cia. Ltda., situado na avenida Morumbi, na Zona Sul da cidade.



*Na década de 1920 Miller associa-se a Victor Goddard e criam a agência de viagens. Hoje a fachada virou porta de um bar.*

A história de como os donos do bar chegaram a essa antiga fachada começou numa mesa de bridge. Num bate-papo informal de uma senhora com amigos durante um jogo, um deles comentou que tinha visto uma fachada antiga no quintal de um amigo seu. Sabendo que a nora daquela senhora tinha uma empresa que comprava material de demolição, sugeriu que ela fosse ver a antiguidade. A nora foi até lá, se encantou com o que viu, comprou o pórtico e o restaurou. Hoje proprietária de um bar, instalou ali o pórtico e, em homenagem à antiga fachada da empresa de Charles Miller e Victor Goddard, deu a seu estabelecimento o mesmo nome da empresa que os dois tinham: Miller, Goddard & Cia. Ltda. Quem passar pela avenida Morumbi pode admirar sua beleza.

A empresa de Miller também representava a Thomas de la Rue, tradicional fabricante britânica de papel-moeda. A Casa da Moeda Brasileira (CMB) já existia desde 1694, porém somente para cunhagens; as cédulas eram importadas. Tão-só a partir de 1969, a CMB passaria a produzir, em sua nova fábrica no estado do Rio, as primeiras cédulas nacionais de papel-moeda.



*Anúncio da Miller, Goddard & Cia. Ltda., no programa oficial da Companhia de Ballets du Theatre des Champs Elysées de Paris, em 1949.*

Naquela época as empresas britânicas tinham hierarquias bem definidas, e a maioria delas eram administradas pelo *reign by fear*, ou seja, em bom português, “pelo reinado do medo”. A reputação de Charles Miller, no entanto, era a de um administrador muito justo e à frente de seu tempo. Ele acreditava que a melhor forma de administração era manter uma equipe coesa, como se faz nos esportes coletivos, tendo cada profissional sua função e responsabilidade, todos trabalhando para atingir o mesmo objetivo.

Devido ao grande fluxo de passageiros em direção à Europa, Charles Miller decidiu contratar, na Bélgica, um especialista em transporte marítimo, Pierre van Emelen. Naquele tempo, as viagens para a Europa se faziam somente por navio, pois a aviação comercial ainda engatinhava. Pierre conhecia tudo que se relacionava com a navegação comercial e foi de grande ajuda no progresso da empresa. Junto com Pierre, em 1921, veio seu irmão Adrian van Emelen, que já era um afamado escultor na Bélgica. Foi ele quem esculpiu as estátuas de dois metros e meio de altura dos doze Apóstolos que adornam a nave central da Igreja de São Bento. A igreja foi consagrada em 1922, e integra o Mosteiro de São Bento, fundado na capital paulista pelos monges beneditinos em julho de 1598.

Em setembro de 1922, dois encouraçados da Marinha britânica atracaram no porto de Santos, como mais uma etapa de suas

rotineiras viagens ao Atlântico Sul. O *HMS Hood* era o maior navio de guerra do mundo e orgulho da Marinha britânica. Charles Miller tomou conhecimento da chegada dos navios ingleses e, como era tradição convidar oficiais e tripulação para disputar jogos de futebol e rúgbi contra adversários na cidade de São Paulo, o pessoal de terra se pôs a organizar a viagem de subida da Serra do Mar para os britânicos, que invariavelmente terminava em cantoria e calorosas recepções.

Como naquele ano as atividades do futebol no SPAC haviam sido suspensas, Charles Miller convidou os marinheiros de Sua Majestade Rei Jorge V para disputarem uma partida de futebol contra o Esporte Clube Serrano, de Paranapiacaba. O jogo realizou-se no dia 17 de setembro, com o resultado de 8 a 2 para a equipe de Paranapiacaba, o que demonstrava o avanço na qualidade do futebol paulista. Nesse jogo Alec Wellington foi o capitão da equipe do Serrano.

Tragicamente, quase vinte anos depois, o *HMS Hood* seria um dos primeiros navios britânicos a ser torpedeado e afundado no início da Segunda Guerra Mundial, numa batalha naval histórica. O encouraçado foi atacado em 24 maio de 1941, perto do estreito da Dinamarca, pelos navios de guerra alemães *Bismarck* e *Prinz Eugene*, do Terceiro Reich. Somente três dos mil e oitocentos tripulantes do *HMS Hood* sobreviveram. Devastados, os britânicos imediatamente enviaram os navios de guerra *HMS King George V* e *HMS Rodney* para perseguir o *Bismarck* e o *Prinz Eugene* até Brest, na costa oeste francesa, e no dia 27 afundaram o *Bismarck*. O *Prinz Eugene* conseguiu escapar até o porto de Brest. Essa batalha naval alterou o curso da guerra a favor dos Aliados nos mares do Atlântico.

Charles Miller jamais abandonou suas atividades esportivas, e o tênis acabou exercendo grande influência sobre ele. Curiosamente, a origem desse esporte é desconhecida, mas vários pesquisadores acreditam que ele tenha surgido como uma variação dos antigos jogos de bola praticados por egípcios, gregos e romanos. Alguns dizem que também nasceu do *haspartum* (similar ao futebol), sendo adaptado no País Basco, no norte de Espanha. Lá foi chamado de *jeu do paume*, porque a bola era arremessada contra uma parede

com as mãos. No século XII, o jogo se alastrou pela França, porém praticado em uma quadra delimitada por cordas.

A raquete, uma invenção italiana, surgiu no século XIV, tornando o jogo mais fácil e aprazível — e mais sofisticado, tanto que até o rei Henrique VIII passou a praticá-lo. Com o aparecimento das bolas de borracha no século XIX, era jogado ao ar livre na Grã-Bretanha, e em 1873 o major Walter Wingfield, do Exército britânico na Índia, o regulamentou, principalmente para que as esposas dos oficiais se distraíssem enquanto seus maridos trabalhavam. O jogo foi aprimorado em quadras de grama, conhecidas como *lawns* na Inglaterra, daí o primeiro nome do esporte ter sido *Lawn-Tennis*.

A história do tênis no Brasil também está ligada à chegada dos engenheiros da São Paulo Railway e da Light, pois foram eles que trouxeram as primeiras bolas e raquetes para o país. Nos anais do tênis brasileiro, consta que o jogo também foi muito difundido no Rio Cricket Club, de Niterói, e em Porto Alegre.

Em São Paulo as primeiras quadras foram construídas no SPAC e depois no Paulistano. O ano de 1924 é comemorado como o da fundação da primeira Federação Paulista de Tênis, ainda que em 1916 já houvesse sido instalada a Comissão de *Lawn Tennis*, da Associação Paulista de Esportes Amadores – APEA, entidade que congregava todos os esportes praticados na época.

No dia 27 de março de 1924, foi realizada a Assembléia Geral Extraordinária da Federação Paulista de Tênis, sob a presidência de Maércio Munhoz, associado e jogador do Paulistano, e nessa reunião dez integrantes foram empossados no Conselho Superior. Além de Charles Miller, sempre interessado em todas as modalidades esportivas, também tomaram posse como conselheiros Herbert Boyes, pelo SPAC, e Maércio Munhoz e Numa de Oliveira, pelo Paulistano.

Charles Miller participou ainda do grupo que construiu as primeiras residências no então recém-inaugurado loteamento City of São Paulo Freehold Land Co., hoje Jardim Europa e Jardim América, e sua espaçosa casa localizava-se no número 179 da rua México, a duas quadras do Paulistano. Ali ele residiu até sua morte. Sua casa não existe mais — o vizinho a demoliu para ampliar o jardim de sua mansão na esquina da rua México com Guatemala.

Devido aos laços afetivos que mantinha com a São Paulo Railway, em 1928 Charles Miller e outros sócios entraram em contato com E. A. Johnston, superintendente da empresa e sócio do SPAC, para que pudessem utilizar o campo da SPR em Pirituba. A princípio, somente o críquete era jogado ali, porém logo o futebol também se mudou para lá, e então futebol, críquete e rúgbi novamente se juntaram e floresceram em harmonia, como se pode constatar até hoje na sede campestre do SPAC em Santo Amaro. Pirituba evoca muitas saudades nos sócios que freqüentaram esse belo campo nos anos 1950.

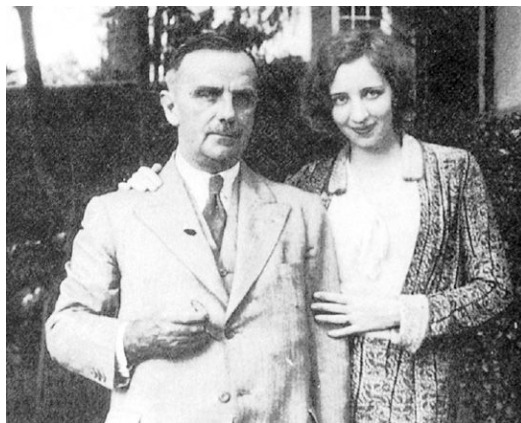


*O uniforme de críquete era símbolo de distinção entre os jogadores britânicos. Charles Miller (à direita, sentado) traça seu paletó listrado.*

Como representante da Mala Real Ingleza, Charles Miller tinha direito a passagens anuais para ele e seus familiares. Sua filha Helena sempre guardou na lembrança duas dessas viagens. Na primeira, para Londres, em 1935, ela contava com vinte e seis anos e se fascinou com essa deslumbrante cidade. Amor à primeira vista. Visitou todos os lugares turísticos, bem como museus, teatros e salas de concertos. Os Miller tiveram tempo até de dar uma esticada a Greenock, na Escócia, para visitar parentes. A segunda viagem já não foi tão prazerosa como a anterior, tampouco acolhedora. E precisou ser bem mais breve, pois, às vésperas da Segunda Guerra Mundial, o ambiente estava tenso, mesmo para turistas.

Robert Turner, sócio antigo do SPAC, conta que Charles sempre foi muito amigo de sua família. Em várias ocasiões quando Robert cursava o colegial na década de 1930, numa escola em Oxford, na

Inglaterra, Charles o visitou e o levou para tomar chá numa cidadezinha vizinha à sua escola. Era um homem gentil e generoso.



*Miller com sua filha Helena nos anos 1930: lembranças das viagens em família.*

Nessa mesma década, Charles recebeu de presente o livro *Hampshire Football Association Golden Jubilee 1887–1937*, obra publicada para celebrar o meio século da Federação de Futebol do Condado de Hampshire. Ele aparece em destaque e sempre foi lembrado como um dos mais completos jogadores do condado.

De acordo com Charles Rule, seu primo Charles Miller teve somente dois automóveis em toda a vida: um Standard Tourer (conversível) dos anos 1920, e depois um Hillman Saloon. Ele foi um motorista muito tranquilo e quando se envolveu em alguns pequenos acidentes, já com seus setenta anos, desistiu de dirigir. Cuidava tão bem de seu carro que a cada dois meses o levava à concessionária Thornicroft & Co., no bairro do Paraíso, para uma revisão. Havia poucos carros na São Paulo daqueles tempos, e era comum que permanecessem por muitos anos com seus donos. A Thornicroft foi também a importadora dos primeiros caminhões-guincho da Light, que instalavam e cuidavam da manutenção dos postes de iluminação da cidade.



*Robert Turner, ainda garoto, recebe a visita de Charles Miller na Inglaterra.*

Foi no seu Hillman que Charles Miller ensinou Helena a dirigir. Quando ela tirou a carteira de motorista, ele já estava em idade avançada para conduzir veículos, e era a filha quem o levava para jogar golfe no clube em Santo Amaro. Essa foi a última paixão esportiva de Miller; no dia 9 de fevereiro 1939, então com sessenta e quatro anos, ele havia se tornado sócio do São Paulo Golf Club. Seu nome consta como conselheiro em 1943. Seu primo Charles Rule também foi secretário e vice-presidente em várias gestões nos anos 1940, ao passo que Herbert Boyes, artilheiro-mor do SPAC, já fora presidente da diretoria do São Paulo Golf Club em 1932.

Corria o ano de 1915 quando um grupo de pioneiros e entusiastas do golfe encontrou um terreno no despovoado município de Santo Amaro, de topografia ideal e campos suavemente ondulados com solo arenoso. Uma das razões que influenciou a escolha dessa excelente área foi o fato de que a linha do bonde já ligava o centro da cidade ao largo 13 de Maio, ponto nevrálgico do município de Santo Amaro, bem próximo à área escolhida. Quando o clube de golfe já estava sendo contruído, a São Paulo Tramway Co., que administrava a linha de bondes e tinha muitos de seus engenheiros como jogadores de golfe, estendeu a linha praticamente até o portão de entrada do clube, na Capela do Socorro, e eventualmente até a represa de Guarapiranga.

Quem trafega hoje pela avenida Washington Luís, na entrada do movimentado largo do Socorro, a caminho dos bairros de Veleiros, M'Boi Mirim e Interlagos, perceberá ali o portão de um clube de golfe. Pois foi lá que Charles Miller desfrutou os últimos anos de sua vida dando suas tacadas de golfe.

Outro grande personagem da história do São Paulo Golf Club foi William Gordon Speers, filho de um dos fundadores do SPAC, contemporâneo, muito amigo de Charles Miller e que em 1940 foi o primeiro presidente brasileiro desse clube. William nasceu na Chácara Dulley em 1875 e estudou medicina no St. Mary's Hospital da Universidade de Londres. Foi médico do Hospital Samaritano e da São Paulo Railway, e seu consultório particular ficava na rua São Bento, 63. Faleceu em 1941, cumprindo seu segundo mandato como presidente do São Paulo Golf Club, ainda hoje um dos mais renomados clubes de golfe do país.

# 19. Tempos modernos

Na década de 1950, o escritório da Miller, Goddard já havia se mudado para o número 360 da rua 7 de Abril, quase vizinho ao Hotel Samambaia, hoje desativado, como o foram tantas outras empresas, escritórios e lojas no centro de São Paulo. Seu filho Carlos Rudge Miller já trabalhava com o pai, e Charles ia gradualmente se aposentando. Carlos, amigo de Tom Braniff, da cidade americana de Dallas, obteve a representação da empresa aérea Braniff, na época uma das maiores companhias de aviação das Américas, mas que só chegava à Lima, no Peru. Carlos foi vice-presidente da Empresa de Transportes Aerovias Brasil S.A., e anos depois a Braniff iniciou seus vôos para São Paulo. Mais tarde a empresa americana enfrentaria sérias dificuldades financeiras e concorrência interna, sendo absorvida pela American Airlines.

Um dos passageiros mais ilustres da empresa de Charles Miller foi Jânio Quadros, que somente viajava para a Europa a bordo dos navios da Mala Real Inglesa. Outro célebre passageiro foi o presidente Washington Luís — coube a Miller providenciar todos os detalhes de sua viagem ao estrangeiro, quando foi deposto em 1930 por Getúlio Vargas.

A decadência da navegação comercial marítima para o Atlântico Sul iniciou-se no final da Segunda Guerra Mundial, com menos navios passando a cumprir essa rota. O crescimento da aviação comercial também foi grande responsável por esse declínio. A última viagem do navio *Aragon* ao Brasil deu-se em 1969, encerrando os serviços da Mala Real Inglesa, que durante cento e trinta anos trouxera milhares de passageiros ao Brasil.

Carlos Rudge Miller, que estudou no Colégio Dulley, em São Paulo, e no inglês Magdalen College, em Oxford, casou-se com Maria Ignez Soares. Com ela teve três filhas: Therezinha, Vera e Maria Ignez. Seu segundo casamento, com Sônia Albuquerque, deu-lhe três filhos: Charles Júnior, publicitário, Mônica e Cyro, sendo este engenheiro.

Com prestígio na área de turismo, Carlos Rudge Miller foi presidente do Skal Club, Sede São Paulo, de 1958 a 1960. O Skal Club é uma associação internacional que reúne as maiores agências de viagens e turismo do mundo, fundada nos países escandinavos — o próprio nome Skal é originário dos países nórdicos.

Em 1966, um novo grupo de acionistas absorveu o controle da Miller, Viagens e Turismo, que veio a ser comprada em 1974 por uma empresa de Carlos Lacerda (ex-governador do Estado da Guanabara), quando já estava localizada na rua da Consolação, junto ao tradicional restaurante Ao Franciscano.

Apesar da grande obra que havia realizado, Charles Miller era uma pessoa muito discreta — e respeitadíssimo tanto pela comunidade britânica quanto por seus amigos brasileiros. Sua neta Therezinha confirma que ele jamais se gabou de ter sido o introdutor do futebol no Brasil, porém se orgulhava bastante disso, e somente falava no assunto quando alguém lhe perguntava.

Miller continuou participando de atividades ligadas ao futebol e atuando como consultor da Federação Paulista de Futebol. Assistia a jogos do Campeonato Paulista como simples espectador e bom torcedor do Timão. Num desses jogos, em 1941, a Fiel Torcida, comandada na época por Dona Elisa Alves do Nascimento, a Tia Elisa — torcedora-símbolo do Corinthians, nascida em 1910 na cidade de Tietê, interior de São Paulo, cozinheira de profissão e que desde jovem aprendeu a amar o Timão acima de tudo —, sabendo que Miller estaria presente nas numeradas do estádio do Pacaembu, homenageou-o abrindo uma faixa com os dizeres:

*A Nova Geração saúda CHARLES MILLER, o Vovô do Nosso Futebol.*



*A torcida uniformizada do Corinthians homenageia Charles Miller, no Pacaembu.*

## 20. Fim da linha

No dia 12 de novembro de 1946, numa reunião da Comissão de Tarifas e Transportes das Estradas de Ferro do Estado de São Paulo, o doutor João Domingues Sampaio, diretor da Estrada de Ferro São Paulo–Paraná, propôs o fim da Estrada de Ferro Santos–Jundiaí, concessão da popular Ingleza, da São Paulo Railway. A notícia entristeceu a comunidade britânica de São Paulo. Seu último superintendente foi o engenheiro Alec J. Wellington, o mesmo zagueiro da equipe de futebol do Lyra Serrano de Paranapiacaba de anos atrás. Na cerimônia de entrega da ferrovia, além de Wellington foram convidados o ministro de Viação e Obras Públicas, engenheiro Clóvis Pestana, e outras autoridades, bem como o embaixador britânico no Brasil, A. H. W. King. Em seu discurso de entrega da ferrovia, o embaixador mencionou o orgulho que a Grã-Bretanha sentia por ter ajudado o Brasil a se desenvolver. Emocionado, expressou-se assim, em um trecho de sua mensagem:

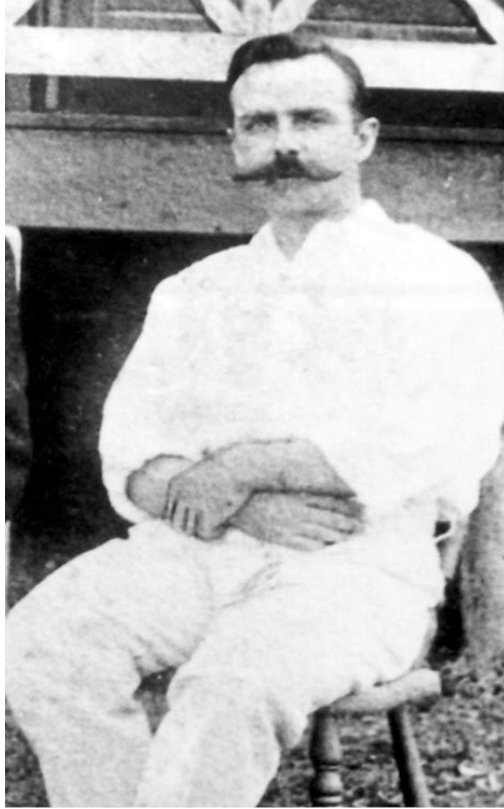
*Não nos sentimos como que enlutados por esse acontecimento; sentimos-nos mais como se tivéssemos dado a mão da nossa mais prendada filha em casamento, em cujo futuro manteremos um sincero e amigo interesse.*

Quando a concessão chegou ao fim, o clube da São Paulo Railway foi rebatizado e passou a se chamar Nacional Atlético Clube. Uma das cenas mais emocionantes do futebol paulista ocorreu em 1943, quando o Naça — apelido do clube renomeado — fez seu primeiro jogo com nome e uniformes novos, enfrentando o Flamengo do Rio de Janeiro num amistoso. No primeiro tempo os jogadores do Nacional usaram os uniformes antigos da São Paulo Railway, e quando no intervalo trocaram para o do Naça o Pacaembu lotado aplaudiu, e muita gente derramou lágrimas de saudade pelo fim desse clube ferroviário. Em 2005, o Naça participou dos campeonatos paulistas da Série A-III da Federação Paulista de Futebol. Também alguns dos muitos clubes oriundos da ferrovia — como o Noroeste de Bauru, o popular Norusca, e o Ferroviário de Araraquara, ambos do interior de São Paulo — ainda estão em atividade.

Com a absorção da São Paulo Railway, a concessão do uso do campo pelo SPAC em Pirituba (desde 1928) estava com seus dias igualmente contados. Sem campo, o futebol, o rúgbi e o críquete penariam. Isso, porém, não aconteceu, pois o Conselho Deliberativo, do qual Charles Miller era membro, comprou uma gleba de terra da Light and Power Co. no distante bairro de Veleiros, à beira da Represa de Guarapiranga. Inúmeros caminhões de terra foram utilizados para levantar e nivelar o terreno, localizado em uma área de alagamentos, no nível da represa.

Quem visita hoje a Sede de Santo Amaro do SPAC tem a oportunidade de ver grupos de esportistas praticando seus jogos prediletos. Com suas dez equipes, o futebol é o esporte predominante, desde o mirim até o time de veteranos. Charles Miller deve se orgulhar da semente que plantou. O rúgbi vem a seguir, com três equipes; o hóquei, e principalmente o tênis, ainda conta com fiéis adeptos.

O tradicional críquete permanece ativo, com jogos quinzenais em que seus fanáticos jogadores se apresentam no tradicional uniforme branco. Palavras como as ouvidas na Chácara Dulley, no século XIX, é como se ainda hoje ecoassem aos domingos em Santo Amaro: *wickets*, *mats*, *LBW*, *howzat*, *googlie*, *silly-mid-on* e *silly-mid-off*. “Coisa de inglês doido”, como definiu o fiscal da alfândega do porto de Buenos Aires em 1882, ao dar com as primeiras bolas e camisetas de futebol entrando no país.



*Charles Miller com o tradicional uniforme branco de críquete: passatempo preferido dos britânicos.*

## 21. Retorno às raízes

O marco esportivo do ano de 1948 no Brasil foi a vinda do Southampton Football Club, equipe profissional da Primeira Divisão do futebol inglês, pela qual Charles Miller havia disputado diversos amistosos quando garoto, entre 1892 e 1894. E foi ele um dos intermediadores dessa visita junto ao Botafogo Futebol Clube. Para os jogadores ingleses do pós-guerra, essa viagem foi considerada única, maravilhosa.

O Southampton chegou ao Rio de Janeiro a bordo do *Andes* e disputou sete partidas, obtendo duas vitórias: contra o Flamengo, por 3 a 1, e contra o Corinthians Paulista, por 2 a 1. Neste jogo, realizado no estádio do Pacaembu, Charles Miller, então com setenta e quatro anos, deu o pontapé inicial da partida e recebeu homenagens dos dois clubes. Os ingleses perderam do Fluminense por 4 a 0, do Botafogo por 3 a 1, do São Paulo por 4 a 2 e da Portuguesa por 2 a 1, empatando em Juiz de Fora com um Combinado Mineiro em 1 a 1.

Junto com a delegação inglesa, veio um juiz de futebol que mais tarde se tornaria mundialmente conhecido. George Reader, pessoa muito respeitada, era professor da Southampton Grammar School e um dos melhores juízes da Inglaterra. Apitou os jogos do Southampton no Brasil e aproveitou a viagem para ministrar aulas aos juízes paulistas e cariocas. Dois anos depois, em 1950, Reader voltou como juiz da Fifa para apitar a final da Copa do Mundo de triste memória para os brasileiros: Brasil 1, Uruguai 2, no Maracanã. No fim de sua carreira, Reader foi diretor do Southampton F. C.

O jogador do Southampton que mais se destacou na visita ao Brasil foi o capitão Alfred Ramsey, depois honrado com o título de Sir e que treinou a Seleção Inglesa quando da conquista da Copa do Mundo de 1966, com sua inesquecível trinca de ases Bobby Moore, Sir Bobby Charlton e Gordon Banks.

Não muito tempo atrás, encontrou-se na Biblioteca Municipal de Southampton uma carta de Edward Bates, um dos jogadores que em 1948 estivera no Brasil com a equipe do Southampton. Eis um

dos trechos em que ele fazia referência ao encontro com Charles Miller:

*Eu me lembro bem de Charles Miller: um cavalheiro não muito alto que nos foi apresentado antes do jogo no Pacaembu. O que me interessou mais foi sua associação anterior com o Southampton e St. Mary's, e o respeito que as autoridades brasileiras tinham por ele, pela obra que ele tinha realizado no desenvolvimento do excelente futebol brasileiro.*

Além de constatar a excelente técnica dos jogadores brasileiros, duas coisas maravilharam os ingleses. Primeiro, eles nunca tinham visto campos com iluminação, como no Rio de Janeiro e no Pacaembu. Na Inglaterra pós-guerra, não se disputavam jogos noturnos por falta de iluminação — o país ainda vivia sob o efeito dos blecautes. O Southampton, aliás, foi o primeiro clube inglês a instalar iluminação em seu campo, o *The Dell*, influenciado pelo que viu no Brasil. Em segundo lugar, e isto foi bem frisado por Edward Bates, as chuteiras que os brasileiros usavam eram leves, bem diferentes das pesadas chuteiras inglesas. Após a primeira derrota contra o Fluminense, eles entenderam como o peso delas podia fazer diferença.

Outro fato marcante para eles nessa viagem foi que, pela primeira vez, a maioria dos jogadores ingleses andou de avião — do Rio de Janeiro até São Paulo, vieram pela Panair do Brasil. Após pequenas turbulências e alguns solavancos nas nuvens, aterrissaram suavemente em Congonhas, sendo recepcionados pelas autoridades esportivas locais.

Pullen, o capitão da área de futebol do SPAC nesse ano, relata um pouco do que sentiu nesse contato com os jogadores do Southampton:

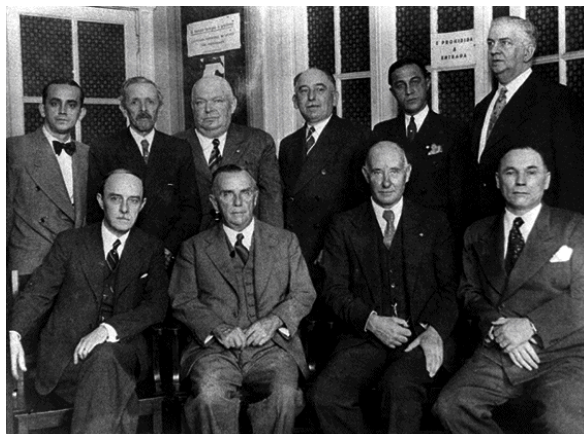
*Em 1948 tivemos o prazer de receber o Southampton Football Club, cuja visita foi patrocinada por clubes profissionais locais, e, com os diretores e atletas ingleses, passamos horas muito agradáveis, aprendendo com eles muitas facetas interessantes do esporte bretão.*



*Chute inicial dado por Charles Miller no jogo entre Shouthapton e São Paulo, em 25 de maio de 1948.*

Parece até providencial que, cinco anos antes de seu falecimento, Charles Miller tenha recebido em São Paulo seu clube da preferência na Inglaterra. No coração do velho desportista de setenta e quatro anos havia um grande orgulho por haver jogado nessa tradicional equipe e por ela ter vindo atuar no Rio de Janeiro e em São Paulo. O Southampton Football Club ainda participa da Premiership inglesa (Primeira Divisão), e por vezes alguns de seus jogos são transmitidos ao vivo para o Brasil em canais por assinatura.

Em 1949, Hans Nobiling voltou a São Paulo para as celebrações dos cinquenta anos de fundação do Sport Club Germânia, a essa altura Esporte Clube Pinheiros. Entre as muitas festas e recepções oferecidas a ele, que então residia na Alemanha, Hans Nobiling foi recebido também na Federação Paulista de Futebol, reencontrando antigos companheiros, amigos e adversários dos tempos do Velódromo. Além de Charles Miller, compareceram Casimiro da Costa, Ibanez Salles (Paulistano), Herman Friese (Germânia), Artur Friedenreich, Leopoldo Villa Real e José Sobral (os dois últimos do S. C. Internacional), e o veterano cronista Paulo Várzea.



*Pioneiros do futebol paulista reunidos na década de 1940. A partir da direita, sentados: Antonio Casimiro da Costa, Charles Miller, Hans Nobiling e Ibanez Salles. Em pé: Herman Friese, Artur Friedenreich, dr. Jessei, Leopoldo Villa Real, José Sobral e Paulo Varzea.*

Quando Charles Miller começou a entrar *na melhor idade*, como se diz hoje, seus amigos costumavam lhe perguntar sobre sua saúde, se ele tinha por hábito ir ao médico, fazer exames, *checkups*. Sempre bem-humorado, ele respondia que sim, que fazia tudo o que o *Doutor Golfe* recomendava, e que com essa atividade esportiva, além de suas caminhadas pelos formosos gramados do São Paulo Golf Club, ele se mantinha ativo, em boa condição física — e principalmente feliz.

## 22. Pacaembu de luto

Em 1952, a saúde de Charles Miller entrou em declínio, e em maio a revista *O Cruzeiro*, ao publicar uma reportagem sobre o primeiro jogo de futebol realizado no Brasil, em 1895, fez uma das últimas entrevistas com ele.

*Charles Miller, hoje com 78 anos de idade, é um repertório de recordações. Seus passos são vagarosos, sua voz é baixa, seus cabelos brancos e as rugas denunciam o passar dos anos. Por determinação médica, tem que limitar ao mínimo suas atividades. Contudo, aquele velhinho, com todas essas “proibições”, ainda tem muito daquele atleta antigo. O médico diz: não pode subir escadas, não pode andar no jardim de sua vivenda à rua México 179, porém nada disso ele deixa de fazer. No dia em que lá estivemos (21 de maio), contou-nos que não pode ficar parado e, que semanas atrás, havia sido internado no Hospital Samaritano, pois estava passando mal.*

Charles Miller faleceu de insuficiência renal no dia 30 de junho de 1953, no Hospital Samaritano, em São Paulo, com 79 anos. Nos últimos anos de sua vida, sua ex-mulher Antonieta e Helena, sua filha, cuidaram dele.

O velório foi realizado no próprio hospital, e no dia seguinte o féretro saiu num grande cortejo em direção ao Cemitério dos Protestantes, localizado na rua Sergipe, no bairro da Consolação. Presentes ao funeral, oficiado no rito anglicano pelo reverendo C. R. Burton, da Igreja de St. Paul’s Church, estavam muitos amigos de seus tempos de futebol, entre os quais os veteranos José Rubião, Ibanez Salles, Raul Guimarães e Mario Cardim Filho.

*Bandeiras a meio pau no Pacaembu*

*Já estava o Pacaembu quase que completamente lotado. Eram 13 horas. Os dois quadros se alinhavam no gramado quando se fizeram ouvir os acordes da “Ave Maria” e imediatamente o público se pôs de pé em reverência à homenagem póstuma que se prestava. Charles Miller, o fundador do futebol brasileiro, naquele momento baixava para sua última morada, no Cemitério dos Protestantes.*

*Sim, justamente como se fora uma das maiores coincidências possíveis, o corpo daquele ancião paulistano, que quando rapaz regressara da Inglaterra para nos mostrar o jogo da bola, ia para o túmulo no momento em que se realizava uma partida do seu esporte favorito. Era como se os vinte e dois jogadores e o público presente tivessem que sentir bem ao vivo aquele que foi a semente que germinou a nossa grandiosidade futebolística.*

*Ouvia-se a oração proferida pelo locutor do estádio; os dois quadros de luto preparavam-se para a peleja, e no alto do estádio as bandeiras a meio pau tremulavam como que dizendo adeus ao fundador do futebol brasileiro: CHARLES MILLER.*

O jogo mencionado nesse texto sensível do jornal *A Gazeta Esportiva* de 1o de julho de 1953 foi São Paulo 0 x Vasco da Gama 1, realizado no estádio do Pacaembu, pelo torneio Rio–São Paulo daquele ano. Um grupo de craques notáveis do futebol brasileiro estava perfilado no Pacaembu para prestar respeito à obra de Charles Miller.

Pelo São Paulo: José Poy (nascido em Rosario, na Argentina, e durante muito anos goleiro do clube paulista), De Sordi (que cinco anos depois seria o lateral direito do Brasil na Copa do Mundo de 58), Mauro Ramos de Oliveira (excelente zagueiro e capitão na Copa de 1962), Bauer (meio-campista, titular na Copa de 50, e capitão do Brasil na de 1954, na Suíça), Lanzoninho (ex-Juventus, da Mooca, que chegou a jogar no Peru na década de 1960) e Gino Orlando (lendário artilheiro paulista).

Pelo Vasco: Bellini (capitão na Copa de 1958 na Suécia), Danilo e Maneca (titulares na Copa de 1950), Ademir de Menezes (um dos maiores artilheiros da história do Vasco), Ipojucan (um dos melhores jogadores na Copa América de 1953 no Peru) e Pinga (ótimo pontaesquerda e driblador). Que bela coincidência que esses ídolos tivessem sido eleitos pelos deuses do futebol para prestar essa digna homenagem ao pai do futebol brasileiro.

Muito simbólico na cerimônia no Pacaembu também foi o fato de entre os atletas estarem dois jogadores que viriam a ser capitães das duas primeiras seleções brasileiras vitoriosas em Copas do Mundo: Hideraldo Luiz Bellini, na Suécia, em 1958, e Mauro Ramos de Oliveira, no Chile, em 1962 — ambos tiveram a honra de ter levantado a Taça Jules Rimet.

No dia seguinte, os jornais *O Estado de S.Paulo*, *A Gazeta Esportiva* e *Folha de S.Paulo* publicaram longos artigos sobre a vida e a obra de Charles Miller. Porém, mais eloqüente foi o primeiro parágrafo do extenso obituário escrito pelo *The Times of Brazil*, jornal da comunidade britânica:

*Nenhum dos amigos fiéis de Charles Miller, que viram passar sobre ele as sombras da vida já há algum tempo, realmente lamentarão sua passagem para o*

*estágio futuro no qual seu vigor prístino será a ele restaurado. Nós sentiremos pesar pela sua ausência, é verdade, porém esta passagem é inevitável para todos nós, e, se podemos enfrentá-la tão agradavelmente como ele o fez, tudo estará bem.*

*Ele deixa para trás um grande nome imaculado no esporte, sem mesquinha ou inveja, e passa sobre nós com os melhores desejos de seus inúmeros amigos. Que mais pode um homem desejar?*

*Todos os que o conheciam gostavam dele, e sua simplicidade peculiar conquistava todos os corações. Nunca foi um homem espetacular, era simples e gentil demais, mas foi reservado a poucos capturar a imaginação de toda uma nação como ele fez. Graças a Deus um anglo-paulista precisa de muito para ser derrubado.*

*Charles Miller tem sido para o futebol local algo como Charles Chaplin foi para o cinema. Ambos os homens simples e de baixa estatura, porém com uma atração singular.*

*Charles Miller foi um verdadeiro esportista. Podia jogar futebol, críquete, tênis, “bowls”, bilhar e golfe com igual graça e facilidade. Também era um homem que jamais questionou uma decisão dos juízes ou pediu uma falta. Era sempre um cavalheiro em campo.*

Um ano após o falecimento de Charles Miller, seus amigos e colegas da comunidade britânica de São Paulo colocaram uma placa de bronze na entrada do Portão Monumental do estádio do Pacaembu, para lembrar seu feito:

*A Charles Miller, 1874–1953, Introdutor do Futebol “Association”, Homenagem da Comunidade Britânica de São Paulo, Novembro–1954.*



*Placa no Pacaembu.*

Junto a essa placa há outras celebrando as conquistas brasileiras em Copas do Mundo: a de 1958 na Suécia, a de 1962 no Chile, a de

1970 no México, a de 1994 nos Estados Unidos e, a mais recente, a de 2002 no Japão e na Coréia.

## 23. Últimas lembranças

Helena Rudge Miller tinha quarenta e quatro anos quando seu pai faleceu. No início da década de 1990, com cerca de oitenta anos, Helena mudou-se para um apartamento na rua Luís Coelho, próximo à rua Augusta, onde recebia jornalistas interessados em conhecer a obra de seu pai. Sem jamais deixar de oferecer aos visitantes uma xícara de chá, Helena adorava reviver as lembranças do passado, e sua casa não negava o quase um século de vida da filha de Charles Miller. Bastante conservadora, Helena guardava relíquias e antiguidades da família e, orgulhosa, sempre mostrava a cristaleira que pertencera a seu avô materno, João Henrique Rudge.

Quase sem visão em virtude de uma operação malsucedida, e também já caminhando com dificuldade, após uma operação de fêmur causada por uma queda dez anos antes, viu-se obrigada a parar de tocar piano. Os problemas na vista também a impediam de assistir pela televisão aos jogos de seu time do coração, o São Paulo. Quando o São Paulo perdia, seus sobrinhos Charles e Cyro, muito brincalhões, e a quem ela chamava de *peleístas* por serem santistas, ligavam para a tia perguntando se ela estava com dor de cabeça.

Helena guardava em seu apartamento as medalhas do pai numa caixa junto com duas fotos em que ele envergava os uniformes da Banister Court School e do SPAC. Em outra caixa, mantinha a gravata vermelha, preta e roxa que ele recebera como prêmio pelos gols marcados na Inglaterra, e também seu tradicional cachecol de lã, usado por todos os estudantes no clima frio da Velha Albion. Tesouros escolares conservados com muito carinho. Entre a *memorabilia* do pai, Helena cuidava, com especial orgulho, da espada de honra que Charles Miller havia recebido em 1904, quando foi cônsul interino da Inglaterra, em São Paulo.

Sob o título “Miller Faz 65 Anos Só de Miller”, o Suplemento de Turismo do jornal *Estado de S.Paulo* publicou, em abril de 1969, uma extensa reportagem contando, com numerosas anedotas e

curiosidades, a trajetória da empresa de viagens de Charles desde que ele a assumiu, em 1904, até a época da publicação do artigo.

Em agosto de 1971, Carlos Rudge Miller foi convidado a visitar a nova sede esportiva do SPAC. Coube ao filho de Charles Miller dar o pontapé inicial da primeira partida de um torneio quadrangular que o SPAC disputaria contra o Mackenzie College, a Colgate University, dos Estados Unidos, e a Universidade Oshiro, de Campo Grande (MS), cujo troféu, aliás, como muitos outros no SPAC, levava o nome de seu pai. Numa das páginas de esportes do *Jornal da Tarde* do dia seguinte lia-se a seguinte manchete: “Um Jogo do Tempo de Charles Miller”.

A última entrevista de Helena Rudge Miller foi concedida em 1998 ao jornalista inglês Bob Graham, do jornal londrino *Daily Mail*, antes de um jogo da Seleção Brasileira pela Copa do Mundo da França.

*Quando a semifinal da Copa do Mundo se iniciar esta noite na França, uma senhora idosa estará tomando chá, servido numa bandeja de prata, em São Paulo, e refletindo, com muito orgulho, que se não fosse por seu pai, o Brasil talvez não estivesse presente nessa Copa.*

Após contar a história de como se desenvolveu o futebol no Brasil, o jornalista encerrou a matéria com o seguinte depoimento de Helena:

*Meu pai sempre ficava muito orgulhoso com seu papel de ter trazido o futebol ao Brasil, e freqüentemente me falava, com saudade, dos anos em que jogou na escola na Inglaterra. Me dizia que havia passado dias muito felizes lá.*

*Meu pai trouxe muita felicidade a este país quando chegou com as duas bolas de capotão na mala. Agora, quando vejo o Brasil jogar contra a Escócia ou a Inglaterra, meu coração balança, e rogo por um empate. Ele ficava muito feliz com a obra que tinha feito, e o que o deixava muito orgulhoso era quando via o filho da empregada de nossa casa jogando bola, porque ele é quem tinha ensinado o garoto.*

Não muito longe do apartamento de Helena, no caminho até a praça Charles Miller, o jornalista inglês disse ter visto pelo menos quinze grupos de talentosos garotos jogando futebol na rua. Perguntou a alguns deles se sabiam quem era Charles Miller e, com o tradicional gesto de dedo na cabeça que significava o *homem tá doido*, responderam: *Senhor, todo mundo sabe que ele foi o pai do nosso futebol.*

Em 2000, Helena sofreu um derrame que a deixou imobilizada, vindo a falecer em março de 2001, aos 91 anos. No dia seguinte o *Jornal da Tarde* assim escreveu:

*Helena, orgulho e memória do futebol:*

*Dona Helena Miller, filha de Charles Miller — que trouxe o futebol para o Brasil — e da pianista internacional Antonietta Rudge faleceu na sexta-feira, 11 de março, aos 91 anos. Até dois anos atrás, ela ainda recebia pesquisadores e interessados na história do futebol em sua casa, na rua Luís Coelho. E tinha muito para contar de Charles Miller, de quem tinha muito orgulho.*

Quiçá uma das homenagens mais significativas e dignas que Charles tenha recebido em anos recentes foi a que o governo brasileiro lhe prestou em 27 de maio de 2000. A homenagem fez parte das comemorações dos quinhentos anos do Brasil, e no histórico estádio de Wembley, em Londres, o então embaixador brasileiro, Sérgio Amaral, entregou uma placa de bronze ao presidente da Federação Inglesa de Futebol, dignificando a obra de Charles Miller em prol do futebol brasileiro. Esse tributo foi realizado antes do amistoso entre Brasil e Inglaterra, que terminou empatado em 1 a 1, com gols de Owen, pela Inglaterra, e de França, pelo Brasil.



*Neto de Charles Miller no estádio do Pacaembu em maio de 2002: comemoração ao centenário do primeiro Campeonato Paulista.*

E para comemorar o centenário do jogo inaugural do primeiro Campeonato Paulista da Liga Paulista de Foot-ball de 1902, em

maio de 2002 a Federação Paulista de Futebol organizou uma partida festiva entre o Mackenzie e o Germânia, com uniformes da época, no estádio do Pacaembu. As duas equipes estavam representadas por ex-jogadores profissionais, entre eles Ademir da Guia (Palmeiras) e Clodoaldo e Serginho (Santos). Charles Miller Júnior, neto do pai do futebol brasileiro, foi o convidado de honra. Representando seu avô, foi muito aplaudido pelo público quando sua presença foi anunciada pelo locutor do estádio.

Charles Miller receberia ainda outra homenagem. Em janeiro de 2005, em Southampton, por iniciativa de um historiador inglês e de um jornalista da cidade de Southampton, um condomínio residencial recém-inaugurado foi batizado com o nome de Charles Miller Court. Este condomínio foi construído no mesmo local onde antes ficava o campo de críquete da equipe do Condado de Hampshire, que Miller defendeu de 1892 a 1894.

## 24. O legado de Charles Miller

Como parte das comemorações do sexagésimo aniversário da introdução do futebol no Brasil, em 1954 o professor Thomás de Aquino, capitão da equipe da Associação Atlética das Palmeiras em 1905, a pedido da Federação Paulista de Futebol, proferiu a seguinte homenagem ao pé do túmulo de Charles Miller, na presença de seus descendentes, parentes e amigos:

*Charles Miller:*

*Perdoa seja eu o veterano distinguido pela escolha da Federação Paulista de Futebol para vir hoje, aqui, interpretar os sentimentos de admiração, respeito e gratidão, devidos ao introdutor do futebol em São Paulo.*

*Não fosse, talvez, a dificuldade de se encontrar dentre os veteranos, teus coevos, em número já tão reduzido, alguém que mais intimamente tenha privado contigo, outro, que não eu, deveria aqui estar, para em meu lugar melhor dizer aos esportistas de hoje quem foste e como sabias conciliar a vida de cidadão respeitável, inteligente e útil à sociedade paulistana com os esportes dos quais eras exímio cultor.*

*Mas há convites que são ordens. Ordens que não se recusam porque são distinções, são honrarias.*

*E esse convite que me fez a Federação Paulista de Futebol, para interpretar-lhe os sentimentos, hoje, aqui, à beira de teu túmulo, é uma das distinções que não permitem recusa ao distinguido, embora o obrigue, como para mim agora, a um esforço de que talvez não seja capaz.*

*E aqui estou, submisso e sensibilizado por tão tocante e justa homenagem, cumprindo a ordem que me foi dada.*

*Meu pensamento, conturbado e confuso pelas saudosas recordações de um passado agradável que já vai tão longe, fez com que em mim se concretizasse a imagem comparativa criada pelo poeta: tronco envelhecido cuidando que deu flor. E assim cuidando, minha imaginação, tal qual nas fusões dos canais de televisão, rodopia, rodopia vertiginosamente, levando o presente lá para o passado tão longe e trazendo o passado de lá de tão longe cá para o presente.*

*Sinto-me tão transportado para o Velódromo, ali no começo da rua da Consolação, e vejo a pequena arquibancada, em que flutuam ao vento as plumas multicores dos chapéus femininos, regurgitando com algumas centenas de torcedores (hoje, os torcedores contam-se aos milhares, aos milhões, talvez). Na ala direita da arquibancada, lugares reservados para os sócios do Clube Athletico Paulistano, ao qual pertencia o Velódromo, distingo as palhetas, chapéus*

*masculinos muito usados naquele tempo, com suas fitas simbólicas em vermelho e branco.*

*No gramado, vejo, a meu lado, Charles Miller, avultando minhas esperanças quando meu parceiro em selecionado paulista, redobrando minha vigilância quando meu adversário em pugnas renhidas, mas sempre me despertando simpatia.*

*Não sei mesmo como admirava Charles Miller mais, se quando meu parceiro ou quando meu adversário.*

*De repente (como isso revive em minha lembrança), Charles Miller, apossando-se da bola em condições propícias, finta, desliza, escorrega por entre os adversários e, penetrando por uma brecha prevista adrede preparada, investe em arrancada vertiginosa contra a meta adversária, arrematando o lance com tiro violento e bem dirigido.*

*Era de se ver, então, nesses momentos, o nervosismo da assistência, toda ela de pé, respiração contida, arrematando também a torcida com manifestações de alívio ou decepção, ou estrungindo em aplausos frenéticos como “hurras” e “aleguás”, agitando e arremessando os chapéus toda vez que a meta adversária tombava vencida.*

*Charles Miller era a síntese das qualidades que distinguiam os campeões de outrora. Parece que cada um escolhia nele, como em mostruário vivo, a qualidade para si mais atraente e sedutora, nela se especializando.*

*Assim é que Boyes, Leo, Ibanez e Álvaro Rocha copiaram-lhe os ímpetos das investidas; Alicio, a vertiginosa carreira; Belfort Duarte, as célebres puxadas, hoje batizadas por “bicicletas”; Argemiro e Mário Prado, as perigosas cabeçadas; Alberto Quartim, a inteligente precisão nos passes; Fachini e Friedenreich, a finta e o coleio com que se desviavam, escorregando por entre os adversários; Herman Friese, a formidável resistência; Costa Leite e Rubens Salles, a violência dos tiros certos nos arremates das investidas.*

*E sobravam-lhe, ainda, qualidades que nunca distinguiram a não ser a ele próprio. Dentre estas, citaria aquela que recebeu seu nome, o “Charles”, e uma das mais belas e admiráveis entre todas, porque punha em evidência a sua aprimorada educação, a lealdade e a delicadeza.*

*A brutalidade sempre foi manifestação de inferioridade. Vingança dos que não podem vencer e não sabem perder.*

*Nunca se viu Charles Miller usar deste recurso. Nunca alguém o acusou de uma entrada violenta. E se, por acaso, acontecia magoar alguém involuntariamente, era tal seu embaraço que tornava-se evidente a sinceridade de suas desculpas.*

*Charles Miller no gramado, jogando futebol, dava a impressão de estar jogando pingue-pongue, em sala de visitas. A bola em seus pés parecia adquirir vida e adivinhar-lhe os pensamentos, executando-os com perícia e prontidão.*

*Jogava com eficiência em qualquer posição. Até como guardião eu o vi distinguir-se. Seus pés eram ágeis e seguros. O esquerdo não carecia invejar o*

*direito. Era tão perigoso na extrema direita como na extrema esquerda. Porém, era como centroavante que se tornava verdadeiramente temível.*

*Para mim, não havia, e ainda hoje não há, esportista mais completo nem mais eficiente do que ele. Sugestão, talvez, do saudosismo de velho que sempre julga melhores e mais perfeitas as coisas do passado.*

*Nele, equilibravam-se harmoniosamente as três qualidades que se fundem para moldar a educação perfeita de um cidadão: a inteligência, a moral e o físico.*

*Como representante do seu clube, o São Paulo Athletic Club, nas reuniões em que se resolviam assuntos às vezes melindrosos, sua opinião pesava e era com simpatia e respeito que sempre se fazia ouvir. Como juiz (e era sempre escolhido para arbitrar as partidas mais renhidas), impunha respeito e confiança.*

*Como jogador, assumia sempre a liderança de seus parceiros, impunha respeito aos adversários e não discutia nem permitia discussões sobre o acerto das decisões do árbitro, a cujo apito obedecia rápido e prontamente.*

*Charles Miller:*

*Quando, há cerca de sessenta anos, trouxeste da Inglaterra para São Paulo aquela bola de futebol, relíquia que, segundo consta, existe ainda, não suspeitavas, por certo, que estavas sendo o predestinado para implantar em São Paulo o esporte que mais fascinou os brasileiros.*

*Nunca imaginaste, talvez, que estavas lançando os alicerces da escola paulista que deveria formar os campeões do mundo.*

*Aquela bola foi o talismã que encantou a nossa mocidade. Foi a varinha mágica que transformou e desdobrou o Velódromo em Pacaembu e Maracanã. Foi a lâmpada maravilhosa de que se desprende o gênio esportivo dos paulistas que, de vitória em vitória, por todas as Américas, por toda a Europa, foi glorificando a nossa bandeira, a bandeira do Brasil.*

*Charles Miller:*

*Se lá na Eternidade onde te encontras, Deus consente que os que daqui se vão possam ver e sentir, compartilhando das coisas desta vida, por certo que, nesse momento, teu espírito satisfeito e orgulhoso paira aqui sobre nós, recebendo com estas flores o preito de nossa gratidão e as homenagens da Federação Paulista de Futebol.*

Essas palavras proferidas pelo professor Aquino são, para os brasileiros, a maior prova do grande legado que Charles Miller deixou para o futebol brasileiro e para todos os esportistas profissionais e amadores do futuro.

# Apêndices

I – Partidas disputadas e gols marcados por Charles Miller na Inglaterra

## **Jogos disputados pela Banister Court School e gols marcados por Charles Miller**

Temporada 1891–1892

Data	Times	Gols
10/2/1892	Banister 2 x 5 Medical Staff Aldershot	
13/2/1892	Banister 4 x 3 Leamington	
24/2/1892	Banister 6 x 1 Portsmouth Grammar School	1
19/4/1892	Banister 0 x 0 Great Marlow	

Temporada 1892–1893

Data	Times	Gols
1o/10/1892	Banister 0 x 3 Freemantle	
5/10/1892	Banister 6 x 1 Winchester	1
23/11/1892	Banister 2 x 1 Grange School	2
9/02/1893	Banister 1 x 1 Weymouth College	1
1o/03/1893	Banister 6 x 2 Southampton Grammar School	1

## Temporada 1893–1894

Data	Times	Gols
30/9/1893	Banister 4 x 1 Southampton Swallows	3
4/10/1893	Banister 1 x 3 Geneva Cross	1
7/10/1893	Banister 8 x 0 Trinity Star	5
14/10/1893	Banister 6 x 1 Cavendish	6
18/10/1893	Banister 4 x 0 Royal Mail Line	3
21/10/1893	Banister 4 x 3 Stubbington House	3
28/10/1893	Banister 8 x 0 Weymouth School	1
4/11/1893	Banister 4 x 0 Leamington	
11/11/1893	Banister 1 x 1 St. Paul's	1
18/11/1893	Banister 3 x 7 Winchester Training School	1
22/11/1893	Banister 6 x 1 Southampton Grammar School	5
25/11/1893	Banister 3 x 2 Portsmouth Grammar School	2
2/12/1893	Banister 1 x 2 Freemantle	
9/12/1893	Banister 1 x 4 Freemantle	
16/12/1893	Banister 5 x 1 Fordinbridge Turks	2

31/1/1894	Banister 4 x 1 Civil Service	1
7/2/1894	Banister 6 x 5 Southampton Grammar School	1
10/2/1894	Banister 1 x 4 Geneva Cross	
14/2/1894	Banister 0 x 7 Lymington	
17/2/1894	Banister 6 x 1 Alma	4
28/2/1894	Banister 1 x 0 Civil Service	1
9/3/1894	Banister 0 x 0 Winchester Training School	
24/3/1894	Banister 2 x 2 Fordinbridge	1
3/10/1894	Banister 3 x 0 Geneva Cross	
4/10/1894	Banister 1 x 2 Weymouth School	

Total: 34 jogos disputados e 47 gols pela Banister Court School (média de 1,38 gol por jogo)

Jogos disputados pelo St. Mary's, hoje Southampton Football Club

Data	Times	Gols
18/4/1892	St. Mary's 3 x 1 Aldershot Division	1
17/9/1892	St. Mary's 0 x 1 South Staffordshire Regiment	
1o/2/1893	St. Mary's 2 x 0 King's Own Rifles	

3/4/1893	St. Mary's 3 x 1 Windsor & Eton	
22/4/1893	St. Mary's 3 x 1 Cowes	
26/4/1893	St. Mary's 0 x 8 Stoke	
29/4/1893	St. Mary's 4 x 3 Crouch End	
20/1/1894	St. Mary's 5 x 0 Cowes	1
18/4/1894	St. Mary's 2 x 2 Lancaster Regiment	
21/4/1894	St. Mary's 3 x 0 Lancaster Regiment <i>(Final da Charity Cup do Hampshire C. C. Club)</i>	
23/4/1894	St. Mary's 5 x 0 15th Royal Artillery Company	1
25/4/1894	St. Mary's 2 x 3 Stoke	
30/4/1894	St. Mary's 3 x 2 Stoke	

Total: 13 jogos disputados e 3 gols marcados pelo St. Mary's  
 Jogos disputados pela Seleção do Condado de Hampshire

Data	Times	Gols
12/10/1892	Seleção de Hampshire 3 x 0 Condado de Sussex	1
30/11/1892	Seleção de Hampshire 4 x 1 Berkshire & Buckingham	2
5/4/1893	Seleção de Hampshire 0 x 4 Corinthian Football Club	
8/11/1893	Seleção de Hampshire 2 x 5 Surrey Football Association	1

6/12/1893	Seleção de Hampshire 3 x 1 Berkshire & Buckingham 1	
31/3/1894	Seleção de Hampshire 3 x 6 Corinthian Football Club	

Total: 6 jogos disputados e 4 gols marcados pela Seleção do Condado de Hampshire

Total geral: 53 jogos disputados e 54 gols marcados na Inglaterra II – Partidas disputadas e gols marcados por Charles Miller no Brasil de 1895 a 1910

Amistosos

1895

14/4 – São Paulo Railway Team 4 x 2 The Gaz Team (2 gols pelo SP Railway)

1899

12/3 – SPAC 3 x 0 Mackenzie (gols não registrados)

9/6 – SPAC 1 x 0 Hans Nobiling Team (gols não registrados)

14/7 – SPAC 4 x 0 Hans Nobiling Team (gols não registrados)

1901

19/10 – Seleção Paulista 2 x 2 Seleção Carioca (2 gols pela Sel. Paulista)

20/10 – Seleção Paulista 1 x 1 Seleção Carioca

1906

31/7 – Seleção Paulista 0 x 6 África do Sul

1910

30/8 – SPAC 2 x 8 Corinthian Football Club (2 gols pelo SPAC)

### Campeonato Paulista de 1902

Data	Times	Gols
8/5	SPAC 4 x 0 C. A. Paulistano	1
13/5	SPAC 3 x 0 A. A. Mackenzie	1
8/6	SPAC 3 x 0 S. C. Internacional	1

29/6	SPAC 0 x 1 C. A. Paulistano	
20/7	SPAC 4 x 0 S. C. Germânia	2
3/8	SPAC 3 x 0 S. C. Germânia	1
24/8	SPAC 0 x 0 S. C. Internacional	
20/9	SPAC 4 x 4 A. A. Mackenzie	3
26/10	SPAC 2 x 1 C. A. Paulistano (jogo-desempate)	2

### Campeonato Paulista de 1903

Data	Times	Gols
21/5	SPAC 2 x 0 A. A. Mackenzie	1
11/6	SPAC 2 x 1 A. A. Mackenzie	
24/6	SPAC 0 x 2 C. A. Paulistano	
5/7	SPAC 5 x 0 S. C. Internacional	
19/7	SPAC 4 x 1 S. C. Germânia	1
2/8	SPAC 4 x 0 C. A. Paulistano	
9/8	SPAC 1 x 1 S. C. Germânia	1
27/9	SPAC 3 x 0 S. C. Internacional	
25/10	SPAC 2 x 1 C. A. Paulistano (jogo-desempate)	

## Campeonato Paulista de 1904

Data	Times	Gols
12/5	SPAC 1 x 0 S. C. Germânia	1
19/6	SPAC 1 x 1 C. A. Paulistano	1
29/6	SPAC 5 x 0 A. A. das Palmeiras (Floresta)	1
24/7	SPAC 0 x 0 C. A. Paulistano	
31/7	SPAC 3 x 0 A. A. das Palmeiras (Floresta)	
7/8	SPAC 5 x 0 S. C. Internacional	1
15/8	SPAC 1 x 0 A. A. Mackenzie	1
21/9	SPAC 4 x 1 S. C. Internacional	1
28/9	SPAC 5 x 0 A. A. Mackenzie	1
30/10	SPAC 1 x 0 C. A. Paulistano (jogo-desempate)	1

## Campeonato Paulista de 1905

Data	Times	Gols
3/5	SPAC 4 x 3 A. A. Mackenzie	1
21/5	SPAC 2 x 1 A. A. das Palmeiras (Floresta)	1
11/6	SPAC 1 x 2 S. C. Internacional	1
2/7	SPAC 0 x 6 S. C. Germânia	

30/7	SPAC 0 x 2 C. A. Paulistano	
13/8	SPAC 0 x 3 A. A. Paulistano	
20/8	SPAC 1 x 2 S. C. Internacional	
8/9	SPAC 0 x 2 C. A. Paulistano	
24/9	SPAC 3 x 2 S. C. Germânia	1

### Campeonato Paulista de 1906

Data	Times	Gols
29/6	SPAC 0 x 2 C. A. Paulistano	

### Campeonato Paulista de 1907

Data	Times	Gols
3/5	SPAC 4 x 0 S. C. Germânia	
13/5	SPAC 0 x 1 C. A. Internacional (de Santos)	
30/5	SPAC 3 x 1 C. A. Paulistano	
24/6	SPAC 0 x 2 S. C. Americano	
29/6	SPAC 0 x 3 S. C. Internacional	
21/7	SPAC 3 x 3 S. C. Americano	
15/8	SPAC 0 x 2 S. C. Germânia	

### Campeonato Paulista de 1908

Data	Times	Gols
13/5	SPAC 1 x 0 C. A. Internacional (Santos)	
18/6	SPAC 0 x 2 S. C. Internacional	
24/6	SPAC 2 x 3 C. A. Paulistano	
29/6	SPAC 0 x 2 S. C. Germânia	

### Campeonato Paulista de 1909

Data	Times	Gols
24/6	SPAC 0 x 0 S. C. Americano	
29/6	SPAC 0 x 3 A. A. das Palmeiras (Floresta)	
14/7	SPAC 4 x 0 S. C. Germânia	1
13/11	SPAC 3 x 4 C. A. Paulistano	1

### Campeonato Paulista de 1910

Data	Times	Gols
5/6	SPAC 3 x 3 C. A. Paulistano	
12/6	SPAC 1 x 2 S. C. Americano	
3/7	SPAC 6 x 1 S. C. Germânia	

14/8	SPAC 2 x 5 A. A. das Palmeiras (Floresta)	
11/9	SPAC 3 x 2 S. C. Germânia (Este foi o último jogo de Charles Miller pelo SPAC na Liga Paulista de Foot-ball)	

Total geral: 66 jogos disputados e 34 gols marcados no Brasil entre 1895 e 1910

### III – Partidas disputadas por Charles Miller como goleiro no Brasil Campeonato Paulista de 1906

Data	Times
29/6	SPAC 0 x 2 C. A. Paulistano

### Campeonato Paulista de 1907

Data	Times
13/5	SPAC 0 x 1 C. A. Internacional (de Santos)
30/5	SPAC 3 x 1 C. A. Paulistano
24/6	SPAC 0 x 2 S. C. Americano
29/6	SPAC 0 x 3 S. C. Internacional
21/7	SPAC 3 x 3 S. C. Americano
15/8	SPAC 0 x 2 S. C. Germânia

### Campeonato Paulista de 1908

Data	Times

29/6	SPAC 0 x 2 S. C. Germânia
------	---------------------------

### Campeonato Paulista de 1910

Data	Times
5/6	SPAC 3 x 3 C. A. Paulistano
12/6	SPAC 1 x 2 S. C. Americano
3/7	SPAC 6 x 1 S. C. Germânia
14/8	SPAC 2 x 5 A. A. das Palmeiras

Como goleiro, disputou 12 jogos no Campeonato Paulista IV – Partidas apitadas por Charles Miller no Brasil

### Campeonato Paulista de 1902

Data	Times
11/5	S. C. Germânia 2 x 0 S. C. Internacional
14/7	A. A. Mackenzie 2 x 0 S. C. Germânia
10/8	S. C. Germânia 1 x 1 S. C. Internacional

### Campeonato Paulista de 1903

Data	Times
7/9	S. C. Germânia 0 x 3 A. A. Mackenzie

### Campeonato Paulista de 1904

--	--

Data	Times
13/5	C. A. Paulistano 1 x 0 A. A. Mackenzie
22/5	C. A. Paulistano 2 x 0 S. C. Internacional
2/6	S. C. Internacional 3 x 0 A. A. Mackenzie
14/7	C. A. Paulistano 2 x 1 A. A. Mackenzie
14/10	A. A. Mackenzie 3 x 1 A. A. das Palmeiras (Floresta)

### Campeonato Paulista de 1905

Data	Times
27/8	C. A. Paulistano 3 x 1 A. A. das Palmeiras (Floresta)

### Campeonato Paulista de 1908

Data	Times
22/11	S. C. Germânia 2 x 0 S. C. Internacional

### Campeonato Paulista de 1912

Data	Times
23/6	C. A. Paulistano 3 x 1 S. C. Internacional
14/7	S. C. Americano 2 x 0 S. C. Germânia

### Campeonato Paulista de 1914

Data	Times
------	-------

21/6	S. C. Corinthians Paulista 3 x 1 S. C. Germânia
7/9	A. A. Campos Elíseos 2 x 1 S. C. Luzitano

### Campeonato Paulista de 1916

Data	Times
8/10	C. A. Paulistano 2 x 1 S. Palestra Itália
5/11	S. Palestra Itália 1 x 3 A. A. Mackenzie
12/11	A. A. São Bento 4 x 0 A. A. Mackenzie

### Amistoso Internacional de 1914

Data	Times
22/8	S. C. Corinthians Paulista 1 x 2 Torino (Itália)

V – Número de partidas disputadas pelos jogadores do SPAC de 1902 a 1912 na Liga Paulista de Foot-ball

#### Partidas

63: Herbert J. S. Boyes

60: Charles Miller

42: Roberts

38: Frank Steward

37: Brotherwood

37: Walter Jeffery

36: Norman Biddell

32: Gerald H. Ford

31: Hammond e Charles Percy Tomkins

30: Colston

- 27: Banks
- 26: George Rowlands
- 24: Carlos Whately
- 21: J. Robotton e Smith
- 20: Francis W. Hodgkiss, Francis H. Robinson
- 19: Astbury e William Holland
- 18: Bradshaw
- 16: Hamilton e F. Montandon
- 14: Wright e Wucherer
- 13: A. Duff e W. Aldridge
- 12: Dreighton
- 11: João Evangelista Belfort Duarte, Charles Holland, J. McCulloch e Pudney McCulloch
- 10: Bradfield e Morrow
- 9: Johnson, Heyeock, Whitward & Willis
- 8: Andrews e Pool
- 7: Campbell e Williamson
- 6: Blacklock, Brough, Collins, Caton, Delveaux, J. Kearns, Unwin e Kearns
- 5: Arnold, Butler, Dulcidio, Faria Rocha, C. Gunnel, Rogers e Viotti
- 4: Jearns, Nothmann, Pegler, Edward Rowlands, Wade e A. M. Wilson
- 3: Enbleton, Grey, Hime, Marshall, F. McEwan, Normanton, Ortiz, Sparkes, Perez, Rowley, J. T. W. Sadler, Tommy e White
- 2: Borba, Alfredo E. Corbett, Cruikshank, Fachini, Guerra, A. Kenworthy, G. Kenworthy, Montgomery, Pitt, Richiotti, Trail, Villares e Westerman
- 1: Alfred Simeon Boyes, Donaldson, Geraldo, Gould, Hardgraves, Herring, Hollway, Hutchinson, Key, King, Archibald Alistair Mclean, Marques, Marsland, Ribeiro, Thiers, Thomson, Warel e Williams

British Community Council  
Rua Juquia, 519 – São Paulo  
São Paulo, 18 de novembro de 1954  
Prezado Sr. Telles Rudge,

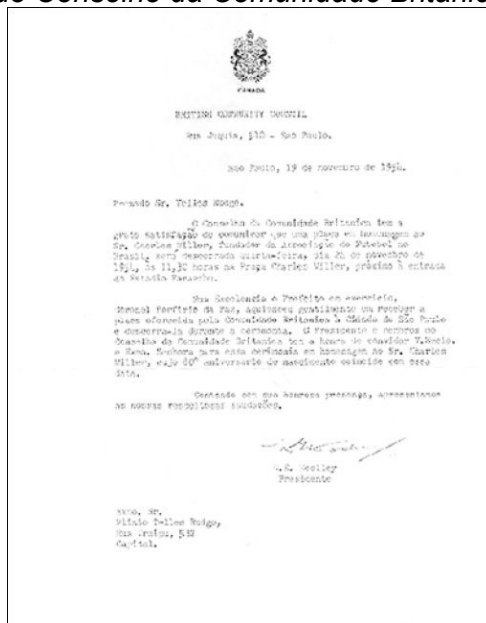
O Conselho da Comunidade Britânica tem a grata satisfação de comunicar que uma placa em homenagem ao Sr. Charles Miller, fundador da Associação de Futebol no Brasil, será descerrada quarta-feira, dia 24 de novembro de 1954, às 11h30 horas na Praça Charles Miller, próximo à entrada do Estádio Pacaembu.

Sua Excelência o Prefeito em exercício, Coronel Porfírio da Paz, aquiesceu gentilmente em receber a placa oferecida pela Comunidade Britânica à cidade de São Paulo e descerrá-la durante a cerimônia. O Presidente e membros do Conselho da Comunidade Britânica têm a honra de convidar V. Ex. e Exma. Senhora para esta cerimônia em homenagem ao Sr. Charles Miller, cujo 80o aniversário de nascimento coincide com esta data.

Contando com sua honrosa presença, apresentamos as nossas respeitadas saudações.

W. E. Wooley  
Presidente  
Exmo. Sr.  
Plínio Telles Rudge  
Rua Traipu, 532  
Capital

*Carta do Conselho da Comunidade Britânica, 1954*



# Bibliografia

d'ALMEIDA, Antoninho. *História de um Grande Clube Escrito Pelo Próprio Povo – Corinthians*. Fascículos, Vorne, 1978.

AMERICANO, Jorge. *São Paulo Naquele Tempo*. Carrenho Editorial, 2004.

d'AVILA, Luiz Felipe. *Dona Veridiana, a trajetória de uma Dinastia Paulista*. A Girafa, 2004.

BRYANT, Sir Arthur. *The Winning Years, 1802–1812*. Book of the Month, 1944.

BUCHMANN, Ernani. *Quando o Futebol Andava de Trem*. Imprensa Oficial, Secretaria do Estado do Governo do Paraná, 2002.

CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta a El Rey D. Manoel*. Transcrição de Maria Angela Villela, Ediouro, 1999.

CREEK, F. N. S. *A History of the Corinthian Football Club*. Longmans, Green & Co., 1933.

DIAFÉRIA, Lourenço. *Grandes Clubes do Futebol Brasileiro e seus Maiores Ídolos – Coração Corintiano*. Fundação Nestlé de Cultura, 1992.

DOMINIAN, Helen G. *Apostle of Brazil*. Exposition Press, Nova York, 1958.

DUARTE, Orlando. *Todas as Copas do Mundo*. Makron Books, 1994.

FIGUEIREDO, Antônio. *História do Futebol em São Paulo*.

GARDINER, Leslie. *The Love of Scotland*. Octopus Books Ltd., 1980.

GLANVILLE, Brian. *Soccer, The World Game*. Crown Publishers Inc., Nova York, 1968.

GREEN, Gregory. *The World Game: A Popular History*. Pan Books, Londres, 1953.

HAMILTON, Aidan. *Um Jogo Totalmente Diferente*. Gryphus, 1998.

LANSING, Alfred. *Shackleton's Incredible Voyage*. Carroll & Graf Publishers, Inc., Nova York, 1989.

- MAZZONI, Thomaz. *História do Futebol no Brasil*. Leia, 1950.
- MEDINA, Cremilda. *Caminhos do Café – Paranapiacaba: Museu Esquecido*. Coleção São Paulo de Perfil, ECA/USP, 2003.
- NUTTING, Anthony. *Gordon, Martyr and Misfit*. The Reprint Society, Londres, 1966.
- OTÁVIO, Laura Oliveira Rodrigo. *O Elo da Corrente*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1994.
- PAWSON, Tony. *100 Year of the Football Association Cup*. W. Heinemann Ltd., 1972.
- PINTO, Honyldo Roberto Pereira. *São Paulo Golf Club 1901–2001, 100 Anos*. Di Ler, Ribeirão Preto, 2001.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. *São Paulo e Outras Cidades*. Hucitec, São Paulo, 1994.
- RIBEIRO, Júlio. *A Carne*. Clássicos Brasileiros, Ouro, Rio de Janeiro, s.d. (Primeira edição publicada em 1888.)
- RIBEIRO, Rubens. *O Caminho da Bola*. CNB Comunicação e Marketing, 2000.
- SANT’ANA, Leopoldo. *Supremacia e Decadência do Futebol Paulista*. Instituto Ana Rosa, 1925.
- SILVA, Eduardo A. Viana de. *Pequena Enciclopédia do Esporte*. Cátedra, 1987.
- SOAR, Phil & TYLER, Martin. *Encyclopaedia of British Football*. Marshall Cavendish, Londres/Nova York, 1977.
- STIEL, Waldemar Corrêa. *História dos Transportes Coletivos em São Paulo*. USP e McGraw-Hill do Brasil, 1978.
- UNZELTE, Celso. *O Livro de Ouro do Futebol*. Prestígio Editorial, 2002.
- WARNER, Oliver. *Great Sea Battles*. Spring Books, 1963.
- WILLIAMS, Graham. *The Code War*. Yore Publications, 1994.
- Publicações sem autores
- Concurso Comemorativo dos 60 anos da Introdução do Futebol em São Paulo, 1894–1954*, Paulo Várzea, Adriano Neiva (De Vaney), Thomaz Mazzoni (Olimpicus), Osvaldo de Silveira, dr. Manzur Nora, Felipe Carlos Savóia, Plínio de Assis e Flávio Iazzetti.
- História da Presença Britânica no Brasil*. Lloyds Bank, Paubrasil, 1987.

*Os Britânicos no Brasil*. Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa de São Paulo, 2001.

*Mauá, Empresário e Político*. Bianchi Editores, Rio de Janeiro, 1987.

*Enciclopédia Britânica*, Edição 1961.

*Corpo e Alma de um Clube Centenário*. Club Athletico Paulistano, DBA Books, 2000.

*A Century of Football*. W. Heinemann Ltd., 1963.

*A História Ilustrada do Futebol Brasileiro*. Documentação Brasileira, Rio de Janeiro, 1969.

*Germânia – Pinheiros*. Edição Comemorativa, Décadas, Alameda, 1992.

*Revista Ferroviária*. Edição da Rede Ferroviária Federal, Gerência de Documentação da Estrada de Ferro Santos–Jundiaí, antiga São Paulo Railway, 1967.

*Memória Eletropaulo*. Correspondência da São Paulo Light Co. de dezembro de 1900 a 30 de junho de 1907.

Prefeitura de Santo André – Comissão Especial Pró-Paranapiacaba. *Estratégia de Implantação do Plano de Preservação e Revitalização da Vila de Paranapiacaba*, 1985.

*História do Mosteiro de São Bento*, versão reduzida, 2000.

*Repouso de Ilustres*. Associação Cemitério dos Protestantes, 1990.

Santos Athletic Club (Clube dos Ingleses). *CD-ROM 55 Anos de História (1889–1944)*.

Livros do autor

*Breve relato da Seção de Futebol do SPAC*, 1975.

*Brasil Tour 1998* (Corinthian-Casuals Football Club, ICI, 1999).

*Charles William Miller 1894–1994 Memoriam SPAC*. Price Waterhouse, 1996.

Revistas

*Esquinas de São Paulo*. Mirella Russo Domenich, Faculdade Cásper Líbero; *Placar*. Abril, Abril Press; *O Cruzeiro*, Diários Associados; *Manchete*, Bloch; *Época*, Globo; *The Footballer e World Soccer* (Inglaterra); *El Gráfico* (Atlántida-Argentina); *História*, Abril, jan. 2005.

Acervos públicos e jornais

Arquivo do Estado de São Paulo (Santana); Biblioteca Mário de Andrade (Consolação); Memorial do Imigrante (Brás); Imprensa Oficial do Estado (Mooca); *O Estado de S.Paulo*, *Correio Paulistano*, *Folha de S.Paulo*, *A Gazeta Esportiva* e *A Gazeta*; *The Times of Brazil* e *Brazil Herald* (São Paulo), *The Telegraph* e *The Times* (Inglaterra) e *La Nación* e *Clarín* (Argentina), Acervo do Clube Atlético São Paulo, City Hall (Biblioteca Municipal) de Southampton.

### **Sites**

[www.abril.com.br](http://www.abril.com.br)

[www.america-rj.com.br](http://www.america-rj.com.br)

[www.coatscorrente.com.br](http://www.coatscorrente.com.br)

[www.correiodovale.com.br](http://www.correiodovale.com.br)

[www.fAAP.br](http://www.fAAP.br)

[www.fairlieparish.co.uk](http://www.fairlieparish.co.uk)

[www.geocities.com](http://www.geocities.com)

[www.google.com.br](http://www.google.com.br)

[www.largsonline.co.uk](http://www.largsonline.co.uk)

[www.ltc.com.br](http://www.ltc.com.br)

[www.multimap.com](http://www.multimap.com)

[www.museudosesportes.com.br](http://www.museudosesportes.com.br)

[www.partes.com.br](http://www.partes.com.br)

[www.portalartes.com.br](http://www.portalartes.com.br)

[www.sampa.art.com.br](http://www.sampa.art.com.br)

[www.samba-choro.com.br](http://www.samba-choro.com.br)

[www.spgc.com.br](http://www.spgc.com.br)

[www.tenispaulista.com.br](http://www.tenispaulista.com.br)

[www.terra.com.br](http://www.terra.com.br)

[www.users.on.net](http://www.users.on.net)

[www.vivabrazil.com](http://www.vivabrazil.com)

[www.wikipedia.com](http://www.wikipedia.com)

[www.yahoo.com](http://www.yahoo.com)

### **Imagens**

Acervo do Clube Atlético São Paulo–SPAC

Centro Pró-Memória do Clube Athletico Paulistano.

Guilherme Gaensky, CD *Imagens de São Paulo Antiga* (década de 1900), Arquivo do Estado.

Augusto Militão, CD *Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo (1862–1887)*, Arquivo do Estado.

Ivan Ângelo, *85 Anos de Cultura, História da Sociedade Cultural Artística*. Studio Nobel, 1998.

Acervo das famílias Miller, Miller Mello (Santos), Fox Rule e Rudge.

Carta do British Community Council de 1954 e cópia da carteirinha do Clube Athletico Paulistano, Peter Meyer, RHM, São Paulo.

© John Robert Mills

**Diretor editorial**

*Marcelo Duarte*

**Diretora comercial**

*Patty Pachas*

**Diretora de projetos especiais**

*Tatiana Fulas*

**Coordenadora editorial**

*Vanessa Sayuri Sawada*

**Assistentes editoriais**

*Lucas Santiago Vilela*

*Mayara dos Santos Freitas*

**Assistentes de arte**

*Carolina Ferreira*

*Daniel Argento*

**Projeto gráfico**

*Luciana Porto Alegre Steckel*

**Diagramação do livro impresso**

*Estúdio o.l.m.*

**Preparação de texto**

*Ciça Caropreso*

**Revisão**

*Alessandra Miranda de Sá*

*Cristiane Goulart*

**Diagramação para e-book**

*Elis Nunes*

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**  
**(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)**

Mills, John Robert

Charles Miller : o pai do futebol brasileiro / John Robert Mills. — São Paulo : Panda Books, 2005

ISBN: 978-85-788-830-03

1. Miller, Charles William, 1894-1994. 2. Jogadores de futebol – Inglaterra – Biografia. 2. Futebol – Brasil – História. I. Título

05-01094

CDD-927.963340891

CDU: 929:796.332(81)

**2013**

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

[edoriginal@pandabooks.com.br](mailto:edoriginal@pandabooks.com.br)

[www.pandabooks.com.br](http://www.pandabooks.com.br)

[twitter.com/pandabooks](https://twitter.com/pandabooks)

Visite também nossa página no [Facebook](#).

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



**John Robert Mills** nasceu em Vigo em 1938, de pai inglês e mãe basca. Seu amor por história e esportes vem do berço, pois seu avô Alfred Edward Mills traçou um caminho paralelo ao de Charles Miller ao ser o único britânico que juntamente com 32 bascos fundou o Athletic de Bilbao em 1898 . Viveu parte de sua infância e juventude no Peru, cursando o secundário na Inglaterra. Formado em administração, veio para o Brasil em 1967 para permanecer por quatro anos, mas acabou se apaixonando pelo País do Futebol. Interessou-se pela história do futebol paulista e a vida e obra de Charles Miller ao ingressar como associado do SPAC, onde participou ativamente das coisas relacionadas ao esporte e à história da fundação do clube. Sempre acompanhando o futebol brasileiro e mundial, possui um acervo razoável de livros sobre o assunto e freqüentemente participa de programas de rádio e televisão relacionados ao tema. Também é membro honorário do Corinthian Casuals Football Club da Inglaterra.